



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística
Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



O LÉXICO DA AGRICULTURA NA INTERAÇÃO VERBAL

por

SIMONE MARIA ROCHA OLIVEIRA

Orientador: Prof^ª. Dr.^a Iracema Luiza de Souza

VOLUME II

SALVADOR

2004



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



O LÉXICO DA AGRICULTURA NA INTERAÇÃO VERBAL

por

SIMONE MARIA ROCHA OLIVEIRA

Orientador: Prof^ª. Dr.^a Iracema Luiza de Souza

VOLUME II

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Doutorado em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor. Área de concentração: Lingüística Histórica.

SALVADOR

2004

Biblioteca Central - UFBA

O48 Oliveira, Simone Maria Rocha.
O léxico da agricultura na interação verbal / por Simone Maria Rocha Oliveira. -
2004.
2v. : il.

Orientadora : Profa. Dra. Iracema Luiza de Souza.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, 2004.

1. Agricultura - Lexicografia. 2. Análise lingüística (Lingüística). 3. Língua portuguesa -
Português técnico - Variação. 4. Comunicação na agricultura - Terminologia. 5. Teoria de
campo (Lingüística). I. Souza, Iracema Luiza de. II. Universidade Federal da Bahia.
Instituto de Letras. III. Título.

CDU - 81'374
CDD - 413.028

APÊNDICES

| | |
|--|----------|
| APÊNDICE 1 – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE | 4 |
| APÊNDICE 2 – GLOSSÁRIO | 5 |

APÊNDICE 1
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE
Homem do Campo

Identificação:

Nome por que é conhecido:

Gênero:

Idade:

Estado civil:

Local de nascimento:

Já viajou ?:

Tempo, em anos, de residência na localidade:

Nível de instrução escolar:

Profissão:

Onde exerce:

Naturalidade do pai:

Profissão do pai:

Naturalidade da mãe:

Profissão da mãe:

Naturalidade do cônjuge:

Profissão do cônjuge:

Quantos filhos?

Onde estudam?

Vive só?

Meios de comunicação disponíveis em sua residência:

Aparelho fonador:

Sem defeito visível:

Irregularidades visíveis:

Extensão da propriedade em que atua:

Tipos de cultivo:

Autônomo:

Parceria:

Observações suplementares:

Local e data:

APÊNDICE 2 GLOSSÁRIO

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?
Carlos Drumond de Andrade (1980, p. 27)*

CONVENÇÕES

Abreviaturas

Adj. – Adjetivo

AM; VNF; DJ; AA; JS; RSF; MJB; MASS; MAMN; RS; JQ; AJ; VJS; JSS; JPS; VBS

– Informantes

Aum. – Aumentativo

Dim. – Diminutivo

Doc – Documentadora

F – Gênero feminino

IIP – Identificação de Itens Lexicais, Processos e Instrumentos usados na agricultura

M – Gênero masculino

m.q. – Mesmo que

s.f. – Substantivo feminino

s.m. – Substantivo masculino

T1 – Técnico 1

T2 – Técnico 2

TMO – Treinamento de Mão de Obra

v. – Verbo

Var. – Variante

GLOSSÁRIO

Ácaro

⇒ *s.m.* inseto que corroe e estraga ou mata a planta. (**IIP**)
Ácaro é... *inseto* [...] Eles *corroem* ... *estraga ou mata*
planta. (**JPS; M**)

Adubação foliar

⇒ *s.f.* processo de se colocar adubo líquido e ou químico na
bomba, que o agricultor carrega nas costas para pulverizar
nas folhas das plantas. (**IIP**)
É *botá o adubo líquido* e... (**VBS; M**)
Ah, é o da bomba [...] O da *bomba que a pessoa carrega*
nas costa ((sorriu)) [...] *Doc* – O que é que a gente coloca
dentro daquela bomba, então? Diga aí pra mim. **VNF** –
Inseticida [...] *Com água* [...] *Poverizá* [...] *As planta* [...] *Nas*
folha. (**VNF; F**)
É praticamente, o *adubo químico, né?* [...] Que a gente
pode pegá ele. *Doc* – E a gente *aplica* esse adubo químico
aonde? Na... **DAF** – *Nas, nas folhas*. (**DAF; M**)

| | |
|----------------------------|--|
| Adubo | ⇒ <i>s.m., m.q.</i> material orgânico. |
| Adubo natural | ⇒ <i>s.m., m.q.</i> adubo orgânico. |
| Adubo orgânico | ⇒ <i>s.m.</i> adubo natural; adubo natural de galinha. Tem adubo <i>natural</i> . (VJS; M) Adubo natural de <i>galinha</i> . (VNF; F) |
| | ⇒ adubo de galinha, adubo de gado. (IIP) <i>Adubo de galinha, adubo de gado</i> . (JSS; M) |
| Adubo químico | ⇒ <i>s.m.</i> uréia. Aqui nois bota <i>oréa</i> [...] As folhas fica viçosa [...] Bunita, é... (JSS; M) |
| | ⇒ caroços como a uréia, adubo vermelho; dez-dez. (IIP) Rapaiz, quando nós compra aqui, nós compra na rua, na casa do fazendêro [...] Ele é assim, ele é uns <i>caroço</i> assim que... nem quando tem a <i>oréa</i> [...] Tem o adubo <i>vermeinho</i> assim [...] Só sei chamá de <i>dezdez</i> . (JSS; M) |
| Aferramento | ⇒ <i>s.m., m.q.</i> instrumento agrícola. |
| Aguado | ⇒ particípio do verbo aguar. |
| Aguar | ⇒ v. ação de colocar água no terreno para amolecer, irrigar as plantas. Vamo aguí [...] Mas tá duro, mas a gente vai <i>aguí o terreno pa amulecê</i> [...] (JS; F) |
| Aimpim | ⇒ <i>s.m., Var.</i> aipim. É... essa... esse... esse planejamento que você está falano, por exemplo, com <i>aipim</i> também é a mesma coisa. (AM; M) |
| Aipim | ⇒ <i>s.m.</i> raiz consumida na alimentação humana, cozida com água e sal ou frita ou feita como purê, ou de várias outras maneiras utilizadas em receitas caseiras; <i>m.q.</i> macaxeira. <i>Variedades de aipim</i> : cacau; casca de queijo; mandioca mansa; manteiga; manteiguinha; moleque; pratinha; rosa. Aimpim vários, né, <i>manteiga, cacau</i> , vários qualidade... (AA; F) [...] o aimpim que é <i>mandioca mansa</i> [...] <i>manteiguinha, cacau</i> [...] <i>casca de queijo</i> , são, é o tipo de aimpim. (RS; M) O aimpim <i>moleque</i> é o que tem a casca branca. (DJ; F) Tem a <i>pracatu</i> , tem a <i>pratinha</i> ... (AJ; M) E o <i>rosa</i> (aipim) (AJ; M) |
| Amontoa¹ | ⇒ <i>s.f.</i> processo de limpar, chegar a terra junto ao pé da planta para que a mandioca saia bonitinha. Tá <i>limpano</i> , tá <i>chegano terra pra podê a mandioca sai bonitinha</i> . Porque senão elas morre também. (VNF; F) |
| Angolinha | ⇒ <i>adj.</i> relativo à variedade de forrageira; <i>Var.</i> capim-angola. |
| Aradar | ⇒ v., <i>m.q.</i> destocar. |
| Arar a terra | ⇒ v. recortar (o solo). <i>Recortano</i> . (JPS; M) |
| | ⇒ cortar a terra; limpar, cortar (a terra) para fazer a plantação, misturar o solo; fofar, folgar; revirar e plantar. (IIP) |

¹ Não confundir a técnica da *amontoa* com a forma verbal *amontoar*.

Área com declividade



Aração que é pra *cortá a terra...* (JC; M)

Por ixemplo, ará a terra é o trabalho mais ou menos que a gente fazemos, *é limpá...* [...] Aí já é um ará... [...] É limpá e no fim nois *cortá ela pa fazê a plantaçoão* [...] Tô *misturano o solo.* (DAF; M)

Ará é limpá, *é fofá, é folgá, é cortá.* (JPS; M)

Limpano [...] *Revirano que é pra depois prantá.* (MAMN; F)

⇒ *s.f.* área lavada; área desincerta; um morro alto; área com altos e baixos, área acidentada; ladeira ou montanha.

A gente chama de *áreas lavada.* (JM; F)

É *disincerta.* (DAF, M)

Um *morro* [...] E *alto.* (JSS; M)

Uma área sem relevo ou *altos e baixo* [...] Ou *acidentada.* (JPS; M)

Ladêra ou uma *montanha.* (MASS; F)

⇒ terreno em declive, não plano; área em declina (com o sentido de declinar), que está descendo; área com despenho, despenhada. **(IIP)**

O terreno que fica, fica assim, *declive, não tá plano,* tá com declive. (JC; M)

Essa área tá com declividade, ela tá *declina...* tá, hum, *desceno.* (VNF; F)

Sei, é uma área por exemplo cum *dispenho, né?* [...] É uma área *dispenhada,* que aí ela tá, é ... com' é que diz? Com' é que a senhora falô aí? (DAF; M)

Área de capoeira



⇒ *s.f.* capora (leia-se capôra); área abandonada, que não é cultivada; arrancador.

Capôra. (VBS; M)

É *área abandonada* [...] É área abandonada, *que não é cultivada.* (JS; F)

A gente chama *arrancadô* [...] É, que a gente não prantô mais, o mato creceu, a gente chama aqui arrancadô. (AJ; M)

⇒ área que tem mato e que não tem condições de limpar de enxada, tem que roçar para limpar; mato médio. **(IIP)**

É, a gente praticamente, área de capoêra, a gente roça... A gente roça [...] É, é, *uma área que tem o mato,* que não dá pra gente limpá de enxada, aí a gente tem que roçá [...] É, mato grosso [...] Que a gente *não tem condições de limpá de enxada,* a gente tem que roçá pra limpá que aí se chama *áre/ uma área de capoêra...* (DAF; M)

Uma área de capoêra? Eu sei da área de capoêra *é mato, né?* [...] *Médio.* (JSS; M)

Arenito

⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira.

Armacenar

⇒ *v.* guardar.

Doc – O que é que a gente deve fazer com os produtos quando a gente qué esperá uma melhora dos preços [...]?

Inf. – *Guardá.* (JM; F)

Arrancador

⇒ *s.m., m.q.* área de capoeira.

- Arrodear** ⇒ v. ação de se fazer o coroamento.
- Assombrado** ⇒ *adj.* coberto de sombra.
Porque *não tem ventilação*, pro vento né?... fica muito *assombrado*... tem que sê espaçoso pra corrê ventro dentro, né, delas... (AM; F)
- Bagaço** ⇒ *s.m.* folhas ou pequenos pedaços de galhos quebrados das plantas, que podem ser utilizados como adubo.
T1 – Né, cê tá colocando a terra que... que teve né, que a formiga já trabalhô, né, *que tá com casca*, que tá com... Tá com, né...
RS – Tá com *bagaço*. (RS; M)
- Balizamento** ⇒ *s.m.* base, coloca um pau e amarra uma corda para sair certa e então vai marcando (o terreno).
Aqui a gente chama *base* [...] É, *bota um pau e bota uma corda pra sai certa e aí vai marcando*... (JM; F)
- Baqueara** ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira; *Var.* braquiária.
- Beneficiamento do produto** ⇒ *s.m.* processo de colher bons produtos, separar aqueles produtos mais bonitos, para levar até o comércio para vender; arrancar, limpar e lavar; lavar, cuidar direitinho, tirar as folhas podres.
Bem, *colhê bons produtos, separá aqueles produto mais*, que dê mais vista, aqueles mais *bonito*, *pra pudê levá até o comércio pra vendê* [...] Separano aquelas bonitas, vamo dizê, a gente tira um cacho de banana [...] A gente corta e agora aquelas mais bonita leva pra fêra, aquelas outra menorzinha deixa dentro de casa pra o uso. (VNF; F)
Ranca, limpa e lava [...] Uma limpeza. (JSS; M)
Lavá, cuidá direitinho, tirá as folha podre... (RSF; F)
- Besouro** ⇒ *s.m.* trator antigo, de pequeno porte, de formas arredondadas, que se assemelha à forma de um inseto.
Ará a terra é chegá com... quando num qué ará cum boi, ara cum *tratô*, cum *bisôro*. (AJ; M)
- Birro** ⇒ *s.m., m.q.* gema da maniva.
- Bola** ⇒ *s.f.* peça do aparelho de ralar mandioca.
- Bomba** ⇒ *s.f., m.q.* pulverizador costal.
- Bombar** ⇒ v. aplicar produtos na lavoura.
Vô *colocá* pra botá *na bomba*, *pra bombá formiga*. (AJ; M)
- Braça** ⇒ *s.f.* medida utilizada pelo agricultor para estabelecer distância no plantio, equivalente à extensão que vai de um punho ao outro, ou da extremidade de uma mão aberta à outra, ou da ponta de um polegar em abdução ao outro, num adulto com os braços estendidos horizontalmente para os lados.
De acordo eu sei assim, é três *braça* de um coquêro pra outro [...] *conheço braça*, *metrage não*. [...] aqui é, trata *braça*, agora o povo trata *metrage*, né isso? (AJ; M)
- Branquiario** ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira; *Var.* braquiária.
- Braquiagem** ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira; *Var.* braquiária.
- Braquiario** ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira; *Var.* braquiária.

Brocotó
Brotagem

- ⇒ *s.m., m.q.* erosão.
- ⇒ *s.f.* processo de brotar, retonhar (um broto de planta). É ou brotá, retonhá ou *brotagem*. (JQ; M)

Brotar a planta

- ⇒ *v.* nascer; germinar, *m.q.* brotagem. Vai inchá pra *nascê...* (JC; M)
Elas começa a *germiná*. (JPS; M)

Buraco

- ⇒ *s.m.* quando se bate com a enxada; *m.q.* coveamento; valeta; erosão;
Aquele que a gente *bate com a enxada* assim... [...] É *buraco* [...] (VNF; F)

Buzina



- ⇒ *s.f., m.q.* parte terminal da inflorescência da bananeira.

Caboró
Cacau

- ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira, *Var.* caboró.
- ⇒ *adj.* relativo à variedade de aipim. [...] manteiguinha, *cacau* [...] casca de queijo, são, é o tipo de aimpim. (RS; M)

Cálice
Camaleão
Camalhão



- ⇒ *s.m., m.q.* colo da planta.
- ⇒ *s.m., Var.* camalhão.
- ⇒ *s.m.* tipo uma leira, sai cortando o terreno e faz as leiras; *Var.* camaleão. (IIP)
Camaleão é tipo uma lêra. (JC; M)
Sei, camaleão [...] Ele *sai cortano o terreno* assim oh ((faz o gesto)). *E fazeno aquele... aquelas lêra.* [...] Ele faz assim vai cortano, corta toda aí assim, vai cortano. (AJ; M)

Canteiro



- ⇒ *s.m., m.q.* leira.

Capim-angola
Capim de corte
Capim elefante
Capim vermelho
Capina
Capinação

- ⇒ *Var.* angolinha.
- ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira.
- ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira.
- ⇒ *adj.* *Var.* vermelhinho.
- ⇒ *s.f., m.q.* capinação.
- ⇒ *s.f.* capina.

Capina manual


- T1 – Já ouviu falá em capina?
JQ – *Capinação*, já. (JQ; M)
- ⇒ *s.f.* processo de catar os matos; arrancar os pés de mato; limpar; limpeza; alimpendo.
Eu sei, *cata os mato*. (VJS; M)

- Rancano os pés de mato.* (VNF; F)
Limpá, quando a gente vai limpá, aí meu tio fala: ‘faça o favô, vá limpá, quela lêra ali’ [...] A gente chama de limpá. (JSS; M)
Limpeza. (MJB; F)
Alimpano... né? (MASS; F)
- ⇒ processo de arrancar os matinhos da leira com a própria mão. (IIP)
 A gente vamos *rancá os matinho* que tamos *na lêra*, tamos *na lêra* e vamos é *fofá* [...] *Com a própria mão.* (DAF; M)
- Capora (leia-se capôra)** ⇒ *s.f., m.q.* área de capoeira.
Capuco ⇒ *s.m., m.q.* sabugo de milho.
Casca de queijo ⇒ *adj.* relativo à variedade de aipim.
 [...] *manteiguinha, cacau* [...] *casca de queijo*, são, é o tipo de aimpim. (RS; M)
- Caule da mandioca** ⇒ *s.m.* manaíba, maniba.
Chão ⇒ *s.m.* terra; terra vegetal; *m.q.* solo.
Terra vegetal. (JC; M)
Terra, né? (JM; F)
- Cianídrico** ⇒ *s.m.* ácido que, a depender da quantidade presente na raiz, diferencia a mandioca do aipim, ou seja na mandioca, existe um teor maior do ácido cianídrico e no aipim, uma quantidade menor; *Var.* cianidro .
- Cianidro** ⇒ *s.m., Var.* cianídrico.
 [...] aquele aimpim que a casca é branca que nem a mandioca e ele é manso, tombém, ele não tem o *cianidro* [...] (JQ; M)
- Coboró** ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira, *Var.* caboró.
Colo da planta ⇒ *s.m.* cálice.
 [...] o *cálice* [...] O cálice é esse que sobe, né? (JS; F)



Conjunção
Controle de pragas e doenças

- ⇒ *s.f., m.q.* época do plantio.
 ⇒ *s.m.* processo de colocar remédio ou veneno com a bomba; fazer a pulverização.
 Aí tem remédio pa botá [...] A senhora vai com a bomba, compra uma bomba, *bota veneno* e bate a bomba [...] Bate a bomba. (AJ; M)
 Tem que *botá*, procurá *um remédio* pra colocá pra matá as praga. (VNF; F)
Fazê a puerização, não é? (JPS; M)
- ⇒ processo de eliminar as pragas e doenças que estão prejudicando a lavoura com remédio ou um produto ou mesmo retirando as plantas que estão contaminadas. (IIP)
 Sei, quereno *eliminá eles com algum produto.* (JM; F)

| | |
|---|---|
| Coração Coritizada | <p>O que eu acho assim, é <i>aquela doença</i> que dá nas planta, né? [...] Se tivé o <i>remédio pa botá</i>, bota; se num tivé, tem que <i>rancá aqueles que já tá morreno</i>. (JS; F)</p> <p>⇒ <i>s.m., m.q.</i> parte terminal da inflorescência da bananeira.</p> <p>⇒ <i>adj.</i> que tem cor, associando à adição de algum corante ao produto beneficiado.</p> <p>Ela não é <i>coritizada</i> não né? É branca mesmo né? Que tem aquela né vermelhinha... (referindo-se a farinha) (JQ; M)</p> |
| Coroamento | <p>⇒ <i>s.m.</i> processo de rodar (a planta); rodeiro; arrodar (a planta); limpeza.</p> <p>Uns chama <i>rodá</i> o coquêro. (AJ; M)</p> <p>A gente tamos fazeno um... um <i>rodêro</i> na... nos pé do... da planta pa mantê limpo [...] Um rodêro. (DAF; M)</p> <p>É, que geralmente eles dizem vou <i>arrudiá</i> o pé do coquêro. (JPS; M)</p> <p><i>Limpação, não?</i> (MJB; F)</p> |
|  | <p>⇒ <i>s.f.</i> processo de fazer os montinhos, levantando a terra com a enxada; <i>m.q.</i> coveamento. (IIP)</p> <p>A gente <i>faz os montinhos</i> e chama de cova. (JM; F)</p> <p>É, exato, a gente tem que pegá uma enxada [...] <i>Levantá a terra</i> e fazê a cova. (VBS; M)</p> |
| Cova | <p>⇒ <i>s.m.</i> processo de se fazer cova ou buraco.</p> <p><i>Cova.</i> (AJ; M)</p> <p><i>Buraco.</i> (MJB; F)</p> |
| Coveamento | <p>⇒ <i>v.</i> lavrar.</p> <p>Doc – Não, aquele feijão que produz em vagens [...] a senhora chama como [...]?</p> <p>JM – Ah, fêjão de corda.</p> <p>Doc – Sim.</p> <p>JM – <i>Lavro</i> muito. (JM; F)</p> |
| Cultivar | <p>⇒ <i>s.f.</i> (culturas) de ano; de tempo certo.</p> <p><i>Tipos de culturas anuais:</i> feijão de corda ou simplesmente feijão; mangalô; milho</p> <p><i>...de ano...</i> de tempo, de plantá no <i>tempo certo</i>. (JC; M)</p> <p><i>Milho, mangalô, fêjão de corda, fêjão.</i> (VNF; F)</p> |
| Culturas anuais | <p>⇒ <i>s.f.</i> valeta; (sentido) inverso.</p> <p>Fazeno <i>valeta</i>. (VJS; M)</p> <p><i>Inverso</i>, não sei [...] Então eu acho que é inverso, o contrário, eu não sei o nome correto. (VNF; F)</p> |
| Curva de nível | <p>⇒ <i>adj.</i> relativo a mato resistente, formado por uma batata na raiz e que cresce muito junto um do outro, de forma embutida.</p> <p>Eu trabalho de horta e me naceu um mato que chama <i>dandá</i> [...] ele fica assim embutido [...] algum remédio que eu possa eliminá ele. (JS; F)</p> |
| Dandá | <p>⇒ <i>s.m., m.q.</i> uréia; dez-dez-dez.</p> |
| D-dez | <p>⇒ <i>v.</i> podar.</p> |
| Decotar | <p>⇒ <i>s.m.</i> funisuper.</p> |
| Defensivos agrícolas | |

- Tem um *funisupi* [...] Que é um líquido [...] Tem o veneno mermo em pó, pa formiga miúda que destrói também [...] (VBS; M)
- ⇒ remédios; formicida. (IIP)
São *remédio*. (VNF; F)
Formicida. Alguma coisa que combate as praga, né? (MASS; F)
- Dentro da portêra [...]
fora da portêra** ⇒ produção nos limites de uma área territorial do tipo fazenda, seja particular ou não.
[...] produzi pra *dentro da portêra*, hoje é *fora da portêra*. (T1)
- Derrubada da mata** ⇒ *s.f.* processo de retirar a mata para ficar o campo livre, a área livre, para torná-la agricultável. (IIP)
A derrubada é pra *ficar o campo livre*, a área livre (JC; M)
- Desbaste da plantação** ⇒ *s.m.* processo de tirar a metade das plantas para correr vento no plantio, para as outras saírem; fazer uma mudança das mudas de um lugar para outro, que é para não ficar cheio.
Ah, eu conheço assim, a gente tá *tirano a metade pra corrê vento, pra elas saírem* [...] Eu digo assim meu filho, vá ali ranque a metade daquela pranta ali pras outra saíre, dá espaço pro vento corrê pra saíre. (JM; F)
Rumbora *fazê uma mudança daqui, pra aqui*, mais... [...] *Que é pra num ficá imbacerado*. (JS; F)
- Desincerta** ⇒ *adj.* relativo ao que é irregular.
- Desincerto** ⇒ *adj.* relativo ao que é irregular.
- Destocar** ⇒ *v.* arrancar os tocos, aradar.
Vô *arrancá os toco* ou *aradá*... (JM; F)
- Destorroar o solo** ⇒ *v.* rebater a terra, arar, recortar com o arado várias vezes, para a terra ficar fofa; recortar o terreno, para afofar.
Aí é pa *rebatê a terra* [...] Rebatê, (+) rebate, *ara*. Aí agora volta, *recorta com o arado*, recorta, recorta duas vezes, *ara*, volta, recorta, vai recorta três vezes que é *pra terra ficá fofa*. (AJ; M)
É, faz isso pra praticamente, pra *recortá mais o terreno, pa afofá*. Certo, pra o ligume dá melhó, porque sem fazê isso o ligume nunca dá bom. (DAF; M)
- Dez-dez** ⇒ *s.m., m.q.* adubo químico, uréia; *Var.* dez-dez-dez.
- Dez-dez-dez** ⇒ *s.m., m.q.* uréia; adubo referente à composição do produto: dez por cento de nitrogênio, dez por cento de fósforo e dez por cento de potássio. Corresponde tecnicamente ao adubo que tem a forma abreviada NPK; *Var.* dez-dez, d-dez.
Então, antes de mais nada, antes de chegá na casa do fazendêro e comprá *dez-dez-dez*, que é um adubo que o produtô costuma comprá... (T1)
- Elefante** ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira; *Var.* capim elefante.
- Ensombrada** ⇒ *adj.* relativo à sombra.
Porque se plantá ela junta, ela vai ficá muito *sombrada* [...] *ensombrada* (RS; M)

Enxadeta
Época do plantio

- ⇒ *s.f., m.q.* instrumento agrícola.
- ⇒ *s.f.* conjunção (da lua); plantar em março, dia de São José e na lua nova de abril.

Na *conjunção* boa? [...] Na *conjunção* [...] Pra mim, a *conjunção* que a gente fala, que a gente entende, quando a gente vai plantá. A *conjunção da lua*, tá entendeno e também não pode sê na lua cheia e nem no minguante [...] Crecente, quê dizê, pra gente né? E o crecente, aí arrente vai plantá aquele mió, qu'ê pra ele num dá bichado, num dá largata. Porque prantano nessas *conjunção* forte... Ele só dá largata. (JS; F)

Planta milho em mauço, dia de São José e na lua nova de Abril [...] Porque na lua nova... porque toda semente só pode plantá na lua nova [...] É, dá milhó, na crecente se plantá, bicha. (AJ; M)

- ⇒ data definida pelo homem do campo como propícia para se iniciar a plantação, por exemplo a época da chuva. **(IIP)** É porque a época plantio é a *época de chuva* né? Tem que medi na época de chuva pra pudê fazê o plantio, a não ser que seja terra irrigada e aí irrigação, terra irrigada não precisa tê época né? (JPS; M)

Erenito
Erosão



- ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira; *Var.* arenito.
- ⇒ *s.f.* grotá; valetão; brocotó; valeta; buraco; rachado. A gente chama *grotá*. (AJ; M) Aqui a gente trata *valetão*. (VBS; M) *Brocotó*. (DAF; M) *Valeta*. (JSS; M)

Escarificar o solo

- ⇒ *v.* fofar ou afofar (a terra); folgar a terra. *Fofá* a terra. (VBS; M) Tamos *afofano* a terra. (RSF; F) Vai fofá, *folgá*. (JPS; M)
- ⇒ afofar a terra, com o escarificador, a fim de que a água penetre com mais facilidade na terra, tornando-a úmida. **(IIP)** O que é...? É limpá, é... pra podê a terra, a água... *afofá a terra pra podê a água entrá* [...] É... com aquele negoço, *escarificadô*. (VNF; F)

Espigão

- ⇒ *s.m.* objeto alto, comprido (relativo ao pé de mandioca que nasceu muito em relação aos outros na plantação); *Var.* ispigão. Os pés tavam bonitos, só que não tinham raízes, assim, só tinha aqueles *espigão* (referindo-se ao pé de aipim) assim. (AM; F)

Estrovenga

- ⇒ *s.f., m.q.* instrumento agrícola.

Estrume

- ⇒ *s.m.*, *Var.* estrumo.

Estrumo

- ⇒ *s.m., m.q.* material orgânico; *Var.* estrume.

Fazer uma roça

- ⇒ *v.* fazer um cultivo, um plantio de determinada cultura.

Feijão
Feijão de corda
Feijão macaça
Feijão macáçar



[...] eu tenho um pé de cacau, bota muito, *faça uma roça* [...] pra vê se ele vai produzi como um pezinho que tem lá no quintal. (RS; M)

- ⇒ *s.m., m.q.* tipo de cultura anual.
- ⇒ *s.m., m.q.* tipo de cultura anual; feijão macáçar.
- ⇒ *s.m., Var.* feijão macáçar.
- ⇒ *s.m.* feijão de corda.
Fêjão de corda. (VJS; M)
- ⇒ *Var.* feijão macaça. **(IIP)**
Fêjão macaça é o de corda. (DAF; M)

Ferramenta
Ferramento
Foice
Folidol
Folisuper
Formicida
Forrageira

- ⇒ *s.f., m.q.* instrumento agrícola.
- ⇒ *s.m., m.q.* instrumento agrícola.
- ⇒ *s.f.* tipo de podão.
- ⇒ *s.m., m.q.* fungicida.
- ⇒ *s.m., Var.* funisuper.
- ⇒ *s.f., m.q.* defensivo agrícola.
- ⇒ *s.f. variedades de forrageira:* angolinha; arenito; baqueara; branquiario; braquiagem; braquiario; caboró; coboró; capim de corte; capim elefante; elefante; erenito; gordura; marianinha; sempre-verde; vermelhinho.
Tem *branquiario*, tem *arenito*, tem *angolinha* [...] *Sempre verde.* (AJ; M)
Aqui tem *baqueara* [...] Tem *arenito* [...] *Marianinha.* (VJS; M)
...eu sei bem mermo chamá *capim elefante* [...] O *branquiario.* (JS; F)
[...] É *arenito*, tem *sempre-verde* que é esse aí que a senhora tá vendo aí na frente, *braquiage.* (JSS; M)
Tem a *marianinha* e tem aquele *capim de corte.* (JM; F)
Muda de capim, por exemplo, é o, *a marianinha*, o *braquiario*, o *erenito*, já tem um que chama, um *vermelhinho*, que tem o *erenito* e o *vermelhinho*. E tem o capim, o *de corte*. Que tem *elefante*, tem outro que chama cab... cabo... *caboró, coboró*, num sei como é, me esqueci o nome até e tem desses tipos de capim. (DAF; M)
[...] Que serve pa alimentação, tem o *capim elefante* que propiado pra cortá. (VBS; M)

Fungicida

- ⇒ *s.m.* folidol.
Folidol. (JSS; M)
- ⇒ veneno usado para combater os insetos e até os bichos. **(IIP)**
É o veneno que nós tamos *usano pa combatê* né? *Os inseto.* (DAF; M)
É um veneno, né? Eu acho que é veneno [...] Pra matá os... a... *os... a... bicho* que tem na... pertubano as plantação. (JSS; M)

Fungos

- ⇒ *s.m.* lêndea.
É, eu sei o mofo é aquele que dá um negoço branco nas planta [...] *Lêndia*. (VNF; F)

Funisuper

- ⇒ *s.m.* líquido ou veneno em pó, para a formiga miúda; *m.q.* defensivo agrícola.
Tem um *funisupi* [...] Que é um líquido [...] Tem o veneno mermo em pó, pa formiga miúda que destrói também [...] (VBS; M)

Gema da maniva

- ⇒ *s.f.* troço (leia-se trôço); olho.
É, eu conheço por *trôço*. (JM; F)
Que sai os ollhinho [...] De *olho*. (+) (VNF; F)
- ⇒ socas; birro; piquinho. **(IIP)**
[...] se tivé chaveno, ela vai inchá e vai botá a raiz e ali saí aquelas *socazinhas* [...] E aquelas *socazinhas* vai aumentano com o tempo [...] (JC, M)
É, é os *birro da maniva* [...] É aqueles carocinhos que ela tem, que é onde nasce o pé da mandioca. (VBS; M)
Os olhinho, aqueles *piquinho*. (VNF; F)

Germinar

- ⇒ *v., m.q.* nascer, brotar a planta.

Gordura

- ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira; *Var.* capim-gordura.

Gradear

- ⇒ *v.* afofar a terra; tirar o cisco para deixar a terra pronta para o plantio; misturar o terreno; passar a máquina, recortar o terreno; passar o arado, a grade para preparar a terra. **(IIP)**
Tá *afofano a terra*, nas plantação pra plantá. (VJS; M)
Gradeá é *tirá o cisco* [...] Que o arado já passô e vem a grade pra gradeá e tirá o cisco, *pra a terra tá pronta pra plantio*. (VNF; F)
Gradeá é quando a gente, a gente passa o arado e volta grandiano, né? Aí a gente chama gradiá [...] A gente tamo *misturano* ali, fofano ele (*o terreno*). (DAF; M)
Gradeá é *passá a máquina, recortá* pra deixá *o terreno* em posição de plantá, né? (JPS; M)
É... *Fazê coisa com o arado, com a grade* [...] Tá... gradiando, pa, com'ê, arenano, *pa podê prepará a terra*, né? (MASS; F)

Grota

- ⇒ *s.f.* buraco grande e fundo; *m.q.* erosão.
Buraco grande e fundo. (VNF; F)

Guardar

- ⇒ *v., m.q.* armazenar.

Hectare

- ⇒ *s.m., m.q.* metragem do terreno.

Herbicida

- ⇒ *s.m.* veneno.
Vamo botá... um *veneno*. (DAF; M)

Hortaliça

- ⇒ *s.f., m.q.* olerícola.

Horticultura

- ⇒ *s.f., m.q.* olerícola.


IBAMA

- ⇒ *s.m.* órgão que protege as matas; pessoas que proibem a destruição dos animais; não deixar matar os bichos, nem desmatar as florestas. **(IIP)**
Pra *protegê as mata*. (VJS; M)
O IBAMA é um... uns *peçoais* que *proibe* a... a... a... de... como... *a distruição dos animais*. (DAF; M)

| | | |
|-------------------------------|---|---|
| | | O IBAMA é pra mim <i>num dêxá matá os bicho</i> , né? [...] <i>Num desmatá</i> , né? (JSS; M) |
| Imbacerado | ⇒ | <i>adj.</i> relativo ao que está cheio, lotado demais. Rumbora fazê uma mudança daqui, pra aqui, mais... [...] Que é pra num ficá <i>imbacerado</i> . (JS; F) |
| Inseto | ⇒ | <i>s.m., m.q.</i> praga; ácaro. |
| Instrumentos agrícolas | ⇒ | <i>s.m.</i> aferramento, ferramenta. <i>Tipos de instrumentos agrícolas</i> : enxada; enxadeta; facão; foice; gadanho; pá; picareta. Os <i>aferramento</i> . (JM; F) As <i>ferramento</i> . (RSF; F) É <i>enxada</i> [...] <i>Pá, picareta</i> . (JC; M) Chama <i>enxada</i> [...] <i>Inxadadeta</i> , <i>picareta</i> [...] (AJ; M) <i>Foice</i> [...] <i>Facão</i> . (JS; F) <i>Enxada</i> [...] <i>Foice, gadanho</i> [...] (MASS; F) |
| | ⇒ | ferramenta. (IIP) <i>Tipos de instrumentos agrícolas</i> : cavador; estrovenga; machado; massadeira. As <i>ferramenta</i> [...] <i>Enxada, gadanho</i> . (VJS; M) <i>Enxada... A pá...</i> [...] <i>O gadanho... Cava... o cavado não?</i> (MASS; F) Ah! Os <i>aferramento?</i> [...] <i>Enxada</i> , que eu já disse... <i>Istrovenga... Machado, martelo</i> . (MAMN; F) <i>Ferramento?</i> [...] <i>Foice... Machado Massadeira</i> . (RSF; F) |
| Inverso | ⇒ | <i>adj.</i> relativo à curva de nível. |
| Ispigão | ⇒ | <i>s.m., m.q.</i> raiz pivotante; <i>Var.</i> espigão. |
| Labutar | ⇒ | v. trabalhar. Tem que <i>labutá</i> com mandioca. (RS; M) |
| Lagoa branca | ⇒ | <i>adj.</i> relativo à variedade de mandioca. [...] <i>lagoa branca...</i> (variedade de mandioca). (AJ; M) |
| Lagoa preta | ⇒ | <i>adj.</i> relativo à variedade de mandioca. [...] <i>lagoa preta...</i> [...] <i>lagoa branca...</i> (variedade de mandioca) (AJ; M) |
| Lavra | ⇒ | <i>s.f.</i> pé da planta da cultura cultivada. [...] a distância desse adubo pra botá no pé da <i>lavra</i> . (RS; M) |
| Lavrar | ⇒ | v., <i>m.q.</i> cultivar. Nós foi <i>lavrá</i> pinha aqui [...] (RS; M) |
| Legume | ⇒ | <i>s.m., m.q.</i> olerícola. |
| Leira | ⇒ | <i>s.f., m.q.</i> camalhão, canteiro. |
| Lêndea | ⇒ | <i>s.f., m.q.</i> fungo. |
| Limpação | ⇒ | <i>s.f., m.q.</i> coroamento. |
| Limpada | ⇒ | particípio do verbo limpar; limpeza no local do fabrico da farinha ou em qualquer local caso se generalize a questão. [...] quando entrá pra fazê a farinha, dá uma <i>limpada</i> , tá entendeno? (T2) |
| Linheira | ⇒ | <i>s.f., m.q.</i> marcação. |
| Linheiro | ⇒ | <i>s.m., m.q.</i> marcação. |
| Macaxeira | ⇒ | <i>s.f., m.q.</i> aipim; mandioca. |

- Manaíba** ⇒ Ele plantô uma roça [...] de *macaxêra*, de aimpim. (JQ; M)
⇒ *s.f., m.q.* caule da mandioca, maniva da mandioca.
[...] tem umas *manaíba* que os miolo dela é moiado [...] aquele miolo branco ressecado. (RS; M)
- Manaíva** ⇒ *s.f., m.q.* maniva da mandioca.
[...] a mesma *manaíva*, tem de duas cô. (RS; M)
- Mandiba** ⇒ *s.f., m.q.* maniva da mandioca.
Eu já vi alguém chamá *mandiba*. (JQ; M)
- Mandioca** ⇒ *s.f.* matéria-prima aproveitada na fabricação de farinha de mandioca; *m.q.* macaxeira; mandioca brava.
Variedades de mandioca: lagoa branca; lagoa preta; maniveja; mariquita; mata negro; milagrosa; pracatu; ruadeira.
Tem a *pracatu* [...] *lagoa preta*... [...] *lagoa branca*... (AJ; M)
[...] porque aqui nós temos a *mata nego*, tem *maniveja*, tem *mariquita*, temo a *ruadêra* [...] *milagrosa* são mandioca [...] (RS; M)
- Mandioca brava** ⇒ *adj.* relativo à variedade de mandioca.
[...] o teô de ácido é bem, bem fraquinho, que nós temos *mandioca* mansa e *brava*, né? (T1)
- Mandioca mansa** ⇒ *adj.* relativo à variedade de aipim; usada para o consumo do homem, tanto a raiz cozida, assada ou frita e como também se fazem bolos e doces.
[...] o aimpim que é *mandioca mansa* [...] (RS; M)
- Mangalô** ⇒ *s.m., m.q.* tipo de cultura anual.
- Manguço** ⇒ *s.m., m.q.* parte terminal de inflorescência da bananeira
- Maniba** ⇒ *s.f., m.q.* caule da mandioca; maniva da mandioca.
AM– É o que se planta pra sai raiz.
RS– É que corta os pedaços...
AM – É.
T1 – E o produtô chama como isso?
AM– *Maniba*. (AM; F)
- Maniva da mandioca** ⇒ *s.f.* parte utilizada no plantio da mandioca ou caule da mandioca, que corresponde às variantes: *manaíba*; *manaíva*; *mandiba*; *maniba*.
[...] essa *manaíba* [...] cortamo [...] pegamo essa *manaíba* pra ir prantá, aí nós chama de decotá [...] (RS; M)
[...] a mesma *manaíva*, tem de duas cô. (RS; M)
Eu já vi alguém chamá *mandiba*. (JQ; M)
Maniba. (JC; M)
- Maniveja** ⇒ *adj.* relativo à variedade de mandioca.
[...] tem *maniveja*, tem *mariquita*, temo a *ruadêra* [...] *milagrosa* são mandioca que a gente pranta aqui [...] (RS; M)
- Manteiga** ⇒ *adj.* relativo à variedade de aipim.
Aimpim vários, né, *manteiga*, cacau, vários qualidade... (AA; F)
- Manteiguinha** ⇒ *adj. dim.* de manteiga; *m.q.* variedade de aipim.

- [...] *manteiguinha*, cacau [...] casca de queijo, são, é o tipo de aimpim. (RS; M)
- Marcação** ⇒ *s.f.* processo de colocar um pau e abrir um rego para sair tudo igual; um linheiro, plantar certinho, a linheira certa; marcar o plantio no canteiro; fazer o alinhamento, colocar uma linha em um lugar e outra em outro, fazendo a marcação das leiras; medir com o metro; fazer a marcação, medir para determinar como cavar ou cortar ou plantar; marcar o lugar de fazer a plantação. (IIP)
É a gente *botá um pau* e puxa um... e *abri ali aquele rego* naquilo ali, *pra saí tudo igual*. (JM; F)
Eu acho assim que é linhêro [...] Linhêro, *prantá certinho a linhêra certa?* [...] Pa ficá tudo dequadazinha, no níve... (JS; F)
((sorriu)) *marcá o...* [...] *marcá alguma coisa*, a gente tem que *marcá ali no cantêro*, então a gente tá marcando alguma coisa, indicano alguma coisa [...] Da horta, do cantêro, *do plantio que a gente fez*. (VNF; F)
A marcação, vamo supô, é... a gente é, *faz o alinhamento*, né? [...] Aí já é uma marcação, aí por exemplo, *bota uma linha lá, ôtra cá, aí tamo*, tamo *fazeno marcação de umas lêra* [...] Aí, disso aí por diante aí vamo fazê a lêra. (DAF; M)
Espaço [...] *Midino* [...] *Com o metro*. (RSF; F)
Fazê uma marcação... a senhora vai... *vai medi pra determiná como cavá, ou cortá, ou plantá*. (JPS; M)
Marcá o lugá de prantá, né não? [...] *Fazê a prantação*. (MAMN; F)
- Marianinha** ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira.
- Mariquita** ⇒ *adj.* relativo à variedade de mandioca.
[...] tem *mariquita*, temo a ruadêra [...] milagrosa são mandioca que a gente pranta aqui [...] (RS; M)
- Massadeira** ⇒ *s.f., m.q.* instrumento agrícola.
- Mata negro** ⇒ *adj.* relativo à variedade de mandioca.
[...] porque aqui nós temos a *mata nego* [...] milagrosa são mandioca que a gente pranta aqui [...] (RS; M)
- Material orgânico** ⇒ *s.m.* estrumo; adubo.
Pode sê *estrumo* também. (VBS; M)
Eu sei que chama *adubo*. (VNF, F)
⇒ adubo de fezes dos animais: galinha, porco, gado, carneiro. (IIP)
Material orgânico, é como eu disse vai trabalhá com *fezes de animais, galinha ou porco mesmo*, boi ou outras coisas, né? (JPS; M)
É desse *adubo* que nós usa, né? [...] *De gado*, de galinha... [...] *De carnêro*... [...] Não. Quando nós faz assim, nós faz separado, pa vê qualé, que bota o de gado pra uma coisa e planta, bota o de galinha, já bota ne outra lêra, separado daquela pa vê. (MASS; F)
- Medida** ⇒ *s.f.* trena; *m.q.* metragem do terreno; palmo.

| | |
|----------------------------|--|
| Metragem do terreno | <p>[...] aqui tem... tem <i>medida</i>. (RS; M)</p> <p>⇒ <i>s.f.</i> hectare, tarefa; medida. (IIP)</p> <p>[...] muitos chama de <i>hectare</i>, né? outros chama de <i>tarefas</i>... (JC; M)</p> <p>Tem a <i>medida</i>, tem a metrage. (JC; M)</p> |
| Milagrosa | <p>⇒ <i>adj.</i> relativo à variedade de mandioca.</p> <p>[...] <i>milagrosa</i> são mandioca que a gente pranta aqui. (RS; M)</p> |
| Milho | <p>⇒ <i>s.m., m.q.</i> tipo de cultura anual.</p> |
| Moleque | <p>⇒ <i>adj.</i> relativo à variedade de aipim.</p> <p>O aipim <i>moleque</i> é o que tem a casca branca. (DJ; F)</p> |
| Molha | <p>⇒ <i>s.f.</i> umidade do solo, terreno molhado, irrigado.</p> <p>Ele demora mais com a <i>molha</i>, o fino... (RS; M)</p> |
| Mudação | <p>⇒ <i>s.f.</i> relativo a transplante; <i>m.q.</i> transplantar.</p> |
| Mudança | <p>⇒ <i>s.f.</i> relativo a transplante; <i>m.q.</i> transplantar.</p> |
| Mudar | <p>⇒ <i>v., m.q.</i> transplantar.</p> |
| Mussuca | <p>⇒ <i>s.f.</i> cova virada, que vai ficar um pouco suspensa do nível do chão, onde estará localizada a maniva ao se plantar; técnica adotada em lugares em que o terreno é mais úmido.</p> <p>Cova virada chama <i>mussuca</i>, porque vai ficá um pouco suspensa. (T1)</p> |
| |  |
| Mussuquinhas | <p>⇒ <i>s.f.</i> cova rasa para se fazer a plantação; <i>dim.</i> de mussuca.</p> <p>JC – <i>Mussuquinhas</i> pra fazê a plantação.</p> <p>Doc – O que são mussuquinhas?</p> <p>JC – <i>Aquela covinha rasa pra fazê a plantação</i>. (JC; M)</p> |
| Nascer | <p>⇒ <i>v., m.q.</i> brotar a planta.</p> |
| Olerícola | <p>⇒ <i>s.f.</i> verdura; hortaliça; horticultura; legume.</p> <p><i>Varietades de olerícola</i>: alface; cebolinha; coentro; pimentão.</p> <p>De <i>verduras</i>. (JM; F)</p> <p><i>Hortaliça</i>. (VBS, M)</p> <p><i>Horticultura</i>. (VNF; F)</p> <p>Com <i>verduras, legumes</i>. (JPS; M)</p> <p>Numa horta é, por exemplo, <i>pimentão, alface, coentro, cebolinha</i> [...] (DAF; M)</p> |
| Olho | <p>⇒ <i>s.m., m.q.</i> gema da maniva.</p> <p>T2 – Tem menos gema [...]</p> <p>RS – A gente chama <i>olho</i>.</p> <p>T1 – Cê chama olho, né?</p> <p>RS – É olho /.../ Olho da mandioca. (RS; M)</p> |
| Paca | <p>⇒ <i>s.f., m.q.</i> praga.</p> |
| Palmo | <p>⇒ <i>s.m.</i> medida, referente a distância adotada para se colocar o adubo ao redor da planta.</p> <p>RS – Aí, aí agora vem a distância desse adubo pra botá no pé da lavra.</p> <p>T1 – Deve sê um <i>palmo</i> mais ou menos... (RS; M)</p> |

- Parte terminal da inflorescência da bananeira** ⇒ *s.f.* buzina, coração, manguço.
- Peça do aparelho de ralar mandioca** ⇒ *s.f.* bola.
- Piqueteamento** ⇒ *s.m.* processo de fazer os piquetinhos para marcar, ou de cimento ou de pau para plantar; colocar o ponto; enfiar um pau, para fazer um piquete; colocar uns piquetes, fazer os pontos com varinhas e colocar a linha; colocar um piquete aqui, outro ali para plantar alguma coisa, cavar o lugar certo e plantar; fazer as fileiras certinhas para trabalhar na área certa, tem que pegar um arame, colocar uma linha para amarrar os piquetes; marcar os lugares para plantar as culturas, sair medindo, colocando os pauzinhos, para voltar plantando certo. **(IIP)**
Fazê aqueles piquetinho pa... porque tem gente que pranta umas coisa e marcá né? [...] Nos piquetinho, bota uns piquetinho, ou de cimento ou de pau e numera. (JS; F)
É botá o ponto. (AJ; M)
Piquete... piquete, a gente vai enfiar um pau, pra fazê um piquete... (VNF; F)
Botá uns piquete, a gente faz uns ponto e bota vai botano os piquete e aí tá... tamos fazeno uns piqueteamento [...] É umas varinha, né? [...] As varinha faz a ponta e... [...] Bota linha. (DAF; M)
Não, os piquete que eu sei é botá [...] A senhora (incompreensível) botá um piquete aqui [...] Ôtro ali, ôtro ali [...] Pra plantá alguma coisa [...] Cavá o lugar certo e prantá [...] (JSS; M)
Piquetiá é... (+) fazê as filêra tudo certinha pra pudê trabalhá na área certa, pra ficá assim retirano, pra... fazeno as carrêra [...] A senhora tem que pegá um arame, colocá uma linha pra pudê... [...] Marramos os piquete, puxa no primeiro pra o último e... (incompreensível). (JPS; M)
Piquete é marcá o lugares pa prantá as coisa [...] A gente sai medino, botano os pauzinho, pa voltá prantano, pa prantá certo. (MAMN; F)
- Piquinho** ⇒ *s.m., m.q.* gema da maniva.
- Plantio** ⇒ *s.m.* roça.
- Poça (leia-se póça) de água** ⇒ *s.f.* buraco cheio de água da chuva.
Buracos cheios de água. (JC; M)
- Poda** ⇒ *s.f.* processo de decotar.
A gente tá dano vida a ela, porque a gente tá decotano... (JM; F)
 ⇒ a poda é uma limpeza (na planta), serra tudo, aqueles galhos ruins. **(IIP)**

| | | |
|----------------------|---|---|
| | | A poda é o mermo que eu tô dizeno... <i>uma limpeza, serra tudo, né?</i> [...] Ali <i>aqueles galhos ruim</i> , porque têm galhos ruim que brota, que num serve aí a gente tem que serrá... (JM; F) |
| Podar | ⇒ | v., <i>m.q.</i> decotar. |
| Podões | ⇒ | <i>s.m.</i> tipo de podão: <i>serrote</i> . Com o <i>serrote</i> . (JM; F) |
| | ⇒ | Tipo de podão: <i>foice</i> . (IIP) Podão [...] é num jeito duma <i>foice</i> [...] (JM; F) |
| Poverizar | ⇒ | v., <i>Var.</i> pulverizar. Ninguém procurô <i>poverizá</i> nem nada (JQ; M) |
| Pracatu | ⇒ | <i>adj.</i> relativo à variedade de mandioca. Tem a <i>pracatu</i> ... (variedade de mandioca). (AJ; M) |
| Praga | ⇒ | <i>s.f.</i> inseto. <i>Tipos de pragas</i> : formiga; gafanhoto; grilo; lagarta; paca; rosquinha; tamanjuá. <i>Formiga</i> mermo é um dos <i>inseto</i> ruim. (JM; F) É, aqui mesmo o <i>gafanhoto</i> come mesmo, destrói mesmo. (VBS; M) É gafanhoto [...] É <i>grilo</i> [...] É, <i>tamanjuá</i> [...] De lagarta. (AJ; M) A gente chama gafanhoto [...] <i>Largata</i> . (JS; F) [...] É praga ((galo canta)) a <i>paca</i> , é ôtra praga, e disso por diante, tem muitos [...] Um <i>rosquinha</i> também que dá, né? (DAF; M) |
| Pratinha | ⇒ | <i>adj.</i> relativo à variedade de aipim. Tem a <i>pracatu</i> , tem a <i>pratinha</i> ... (AJ; M) |
| Prevenção | ⇒ | <i>s.f.</i> processo de fazer uma proteção no plantio, para combater as pragas e doenças nas plantas. <i>Uma proteção</i> . (DAF; M) |
| | ⇒ | processo de se prevenir daquele mal; prevenir das pragas, dos fungos que tiver nas plantas; é colocar remédio no solo para evitar (as pragas e as doenças); fazer alguma coisa para prevenir, para não continuar os fungos. (IIP) É a gente se <i>privini</i> daquele mal. (JM; F) <i>Previnino</i> [...] <i>Das pragas, dos fungos que tivé nas plantas</i> . (VN; F) É, <i>colocá remédio</i> no... <i>no solo pra evita</i> . (JPS; M) <i>Fazê alguma coisa pra prevení pra não ficá continuano... os fungo</i> . (MASS; F) |
| Produtividade | ⇒ | <i>s.f.</i> rendimento. Ele rendeu mais, deu mais do que a quantidade do outro [...] Teve <i>rendimento</i> . (VNF; F) |
| Proteção | ⇒ | <i>s.f., m.q.</i> prevenção. |
| Pulverização | ⇒ | <i>s.f., m.q.</i> controle de pragas e doenças. ⇒ processo de matar os insetos; colocar um remédio misturado na água, dentro de uma bomba localizada nas costas do agricultor e vai distribuindo na plantação. (IIP) |



Pulverizador costal**Pulverizar****Rachado****Raiz Pivotante****Rebrotar****Rego****Relevo acidentado****Remédio****Rendimento****Replantar****Retonhar**

Matano os insetos. (JM; F)

Eu sei que é um remédio [...] É a gente *colocá uma bomba nas costa* [...] E sai *provizano* tudo, *as plantações* toda. (VBS; M)

É coisá com aquele negócio que bota nas costa. O *remédio* nas água, né? (MASS; F)

⇒ *s.m.* bomba.

Eu conheço por *bomba*. (JM; F)

⇒ De colocar remédio nas plantas. (IIP)

De *botá remédio nas planta*. (MAMN; F)

⇒ *v.* espalhar um pó ou um líquido na lavoura.

Ninguém procurô *poverizá* nem nada (JQ; M)

⇒ *adj.* relativo à erosão.

⇒ *s.f.* ispigão.

Doc – Não, é, como é que a gente chama as raízes que alcançam grandes profundidades no solo em busca de água e nutrientes [...]?

Inf. – *Ispigão*. (JC; M)

⇒ *v., m.q.* retonhar.

⇒ *s.m., m.q.* sulco.

⇒ *s.m.* relativo a desincerto.

Doc – A parte do solo é... de cima do solo que tem muitas ondulações. Tem o nome de quê, o senhô sabe? É muito, não é certinho.

Inf. – É *disincerto*, né? (DAF; M)

⇒ área cheia de buraco, de valeta; que não é nem plano, nem é alto; terreno cheio de alto e baixo. (IIP)

Cheio de buraco [...] *Cheio de buraco, de valeta...* (JC; M)

Relevo, ah relevo é assim, um lugá que *não é nem plano*, é isso aqui que não é plano e *não é alto* [...] É um relevo [...] (+) Ele é alto [...]. (VNF; F)

É um terreno *cheio de altas e baixas* e precisa vê... Trabalhá nele, aqui por exemplo, nós somo exemplo... Catu... A cidade toda acidentada e é muito difícil, pra se trabalhá com ela, né? Tem que realmente sê corrigida, analisá, cortá, iniciá pra pudê... (JPS; M)


⇒ *s.m., m.q.* defensivo agrícola.

⇒ *s.m., m.q.* produtividade.

⇒ *v., m.q.* transplantar.

⇒ *v.* voltar a dar brotos o que brotara uma primeira vez; rebrotar, *m.q.* brotagem.

[...] esse toco que ficô lá, aí nós vem, dá uma limpa, que'le vai torná a *retonhá* novo pé aqui... [...] *Retonhá* e crescê. (RS; M)

- Roça** ⇒ *s.f.* plantio.
Que a gente chega ne *roça* aí, é um pé em cima do outro. (T1)
- Rodeiro** ⇒ *s.m., m.q.* coroamento.
- Rosa** ⇒ *adj.* relativo à variedade de aipim.
E o *rosa* (aipim) (AJ; M)
- Rosquinha** ⇒ *s.f., m.q.* praga.
- Ruadeira** ⇒ *adj.* relativo à variedade de mandioca.
[...] temo a *ruadêra* [...] milagrosa são mandioca que a gente pranta aqui [...] (RS; M)
- Sabugo de milho** ⇒ *s.m.* capuco.
- 
- Sementeira** ⇒ *s.f.* leira usada para semear. **(IIP)**
É uma *lêra*, agora só é sementêra, só é pra samiá. (JM; F)
- Sempre-verde** ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira.
- Serrote** ⇒ *s.m., m.q.* tipo de podão.
- Socas** ⇒ *s.f., m.q.* gemas da maniva.
- Solo** ⇒ *s.m.* chão.
Do *chão*... (JC; M)
- ⇒ terreno. **(IIP)**
O solo é o *terreno*, não é não? (JC; M)
- Sombrada** ⇒ *adj.* relativo à sombra.
Porque se plantá ela junta, ela vai ficá muito *sombrada* [...]. (RS; M)
- Sulcos** ⇒ *s.m.* valetinhas; rego; valeta.
Bom, eu conheço por *valetinhas*. (JM; F)
Rego. (VJS; M)
Uma *valeta*. (DAF; M)
- ⇒ valadas rasas (no terreno) para escorrer a água do terreno e para fazer o plantio. **(IIP)**
Sulco é abri as *valada* pra podê escorrê a água. (VNF; F)
- Tamanjuá** ⇒ *s.m., m.q.* praga.
- Tarefa** ⇒ *s.f., m.q.* metragem do terreno.
- Terra** ⇒ *s.f., m.q.* chão.
- Terra chã** ⇒ *s.f., m.q.* terra malhada.
- Terra malhada** ⇒ *s.f.* terra plana, sem mata; que não tem toco, terra chã.
Maiada [...] é essa *terra plana* que *não tem mata*, e a terra que tem mato chama de roçada, de derruba, toca fogo, qué dizê naquele tempo é mais seco pra fazê a plantação dela. (JC; M)
Se não tivé toco, terra *chã*, maiada. (AJ; M)
- Terra pesada** ⇒ *s.f.* solo que possui um teor de argila mais acentuado em relação a areia.
[...] que o solo às vezes muito pesado, aquele so/ solo argiloso, ele simplesmente faz com que a água não penetre

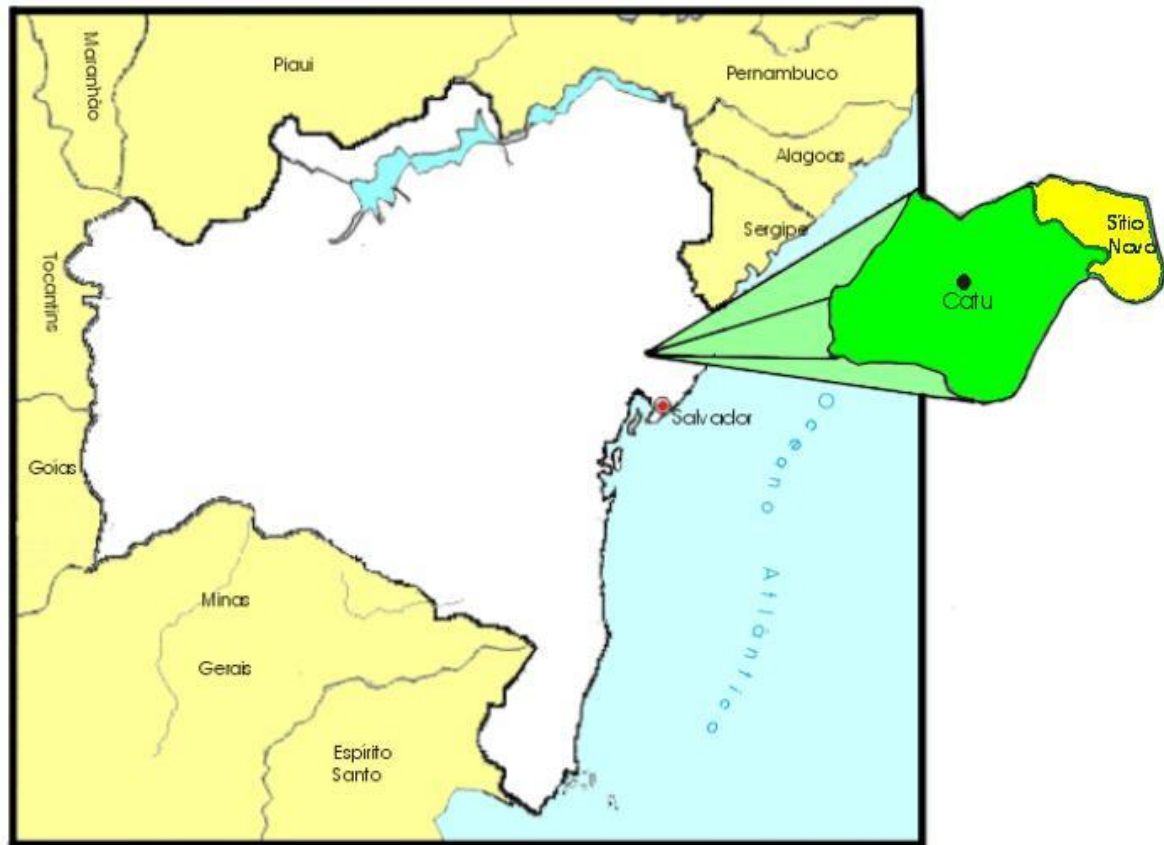
| | | |
|------------------------------|---|--|
| | | <p>muito [...] tem um pedacinho que não desenvolveu, que às vezes o teô de argila ali, nesse caso... <i>terra pesada</i> não desenvolveu, por causa disso. (T2)</p> |
| Terra pilada | ⇒ | <p><i>s.f.</i> terra pisada, amassada, que fica agarrada no chão; ou seja refere-se à terra compactada (terra) <i>Fica agarrada no chão</i> [...] Hum, quando a pessoa <i>pisa</i> assim e <i>amassa a terra</i>... [...] Tá dura. (MASS; F)</p> |
| Terra vegetal | ⇒ | <i>s.f., m.q.</i> chão. |
| Terreno | ⇒ | <i>s.m., m.q.</i> solo. |
| Tolete | ⇒ | <p><i>s.m.</i> pedaço da maniva. Doc – Sim, a maniba, então como é que a gente chama a parte que brota onde a gente planta? Inf. – Chama de <i>tolete</i>. (JC; M)</p> |
| Topografia | ⇒ | <p><i>s.f.</i> definição da metragem do terreno ou a forma do relevo ser acidentada ou não, se é plano, se é ladeirado ou se é de curva. (IIP) Topografia é pra <i>sabê a metrage do terreno</i>. (JC; M) Pra vê <i>se é plano</i>, ou... é isso? [...] <i>Se é laderado, se é de curva</i>... (MASS; F)</p> |
| Trabalhar | ⇒ | <i>v., m.q.</i> labutar. |
| Transplantar | ⇒ | <p><i>v.</i> mudar; replantar; mudando; mudança; mudança. <i>Mudá</i>. (VJS; M) <i>Replantano</i>, né? (JPS; M) <i>Mudano</i>... (JM; F) <i>Mudança</i>? (MASS; F) <i>Mudação</i>. (MJB; F)</p> <p>⇒ retirar as mudas da sementeira para plantá-las no local definitivo. (IIP) <i>A gente vai fazê uma muda</i> [...] <i>Plantá em outro local</i>. (VJS; M)</p> |
| Trator | ⇒ | <i>s.m., m.q.</i> besouro. |
| Tratos culturais | ⇒ | <p><i>s.m.</i> processo de limpar, zelar, não deixar que as formigas cortem (a planta); cortar algum galho (da planta); purificar (a planta); cuidar (da planta). (IIP) <i>Tratos culturais é limpá, zelá, não deixá a formiga cortá</i>. (AJ; M) <i>Trato culturais</i>, eu num sei... <i>ajeitá</i>, <i>arrumá</i> alguma coisa, <i>limpá</i> que num tá... <i>arrumá</i> [...] Nas planta, vamo dizê, <i>podá</i> alguma coisa, <i>cortá algumas galha</i> pra <i>podê ficá</i> um quintal... (VNF; F) <i>Tratos culturais é</i>... a <i>limpa</i>, por exemplo, a gente vem <i>fazê</i> o <i>trato cultural</i>, a gente vamo <i>limpá</i> ela, né? [...] <i>Purificá</i> ela pa ela <i>ficá</i> <i>saudável</i>. (DAF; M) <i>Cuidá das planta</i>. (JSS; M)</p> |
| Trena | ⇒ | <i>s.f., m.q.</i> medida. |
| Troço (leia-se trôço) | ⇒ | <i>s.m, m.q.</i> gema da maniva. |
| Uréia | ⇒ | <p><i>s.f., m.q.</i> adubo químico; d-dez; dez-dez. <i>D-dez</i>. (AJ; M) <i>Dez-dez</i> [...] <i>É</i>, ou <i>dez-dez</i> ou a <i>orêa</i>. (DAF; M)</p> |

- ⇒ adubo usado pelo trabalhador rural, identificado como: *parece um sal, usado no coqueiro; produto químico; produto branco, feito uns caroços, como uma farinha grossa, que quando coloca na água, desmancha todo, para se colocar nas plantas. (IIP)*
 A uréa é um negoço que *parece sal*. [...] Meu pai usô muito *pa coquêro*. Aí pegava, abria aquelas valetazinha em roda do pé do coquêro e ele mermo ia botano aquela uréa, pra gente num botá. E a gente ia atrás cobrino aquela uréa toda. (JS; F)
 Orêa é um *produto químico*, né? (DAF; M)
 Oréa é um *produto branco* que ele é *feito* assim *uns caroço*, como a senhora viu aquela *farinha grossa* [...] Aquela é um bichinho assim, *uns carocinho* assim [...] Quando pega ele assim e *bota na água*, ele *desmancha todo* [...] *Pra botá ni planta*, se ali tivé uma planta feia, a senhora pega uma mão assim e joga dento de um vaso de água, um dedo de água pra saí fino. (JSS; M)
- Valada** ⇒ *s.f., m.q.* sulco.
- Valeta** ⇒ *s.f., m.q.* curva de nível; erosão; sulco; buraco; relevo acidentado.
 Torna a fazê a *valeta* pra tirá mais um... uma porção de terra né? (T1)
- Valetão** ⇒ *s.m., m.q.* erosão; *aum.* de valeta.
- Valetazinha** ⇒ *s.f., dim.* de valeta.
 Ele vai fazê aqui uma *valetazinha* né, um buraco. (T1)
- Valetinha** ⇒ *s.f., m.q.* sulco; *dim.* de valeta.
- Varote** ⇒ *s.m.* diversas manivas que nascem em uma mesma cova.
Varote que eu chamo é a *manáí/ a manaíva* né, é a que nace em vários pés né, em vez de nascê um ou dois, nace cinco, seis pés, assim sem aquela... (JQ; M)
- Veneno** ⇒ *s.m., m.q.* herbicida; fungicida.
- Verdura** ⇒ *s.f., m.q.* olerícola.
- Vermelhinho** ⇒ *adj.* relativo à variedade de forrageira; *Var.* capim vermelho.

ANEXOS

| | |
|--|-----------|
| ANEXO A – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CATU-BA..... | 27 |
| ANEXO B – FOTOS DO TREINAMENTO DE MÃO DE OBRA (TMO) | 28 |
| ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DO TREINAMENTO DE MÃO DE OBRA (TMO). 29 | |

ANEXO A
MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CATU-BA



ANEXO B
FOTOS DO TREINAMENTO DE MÃO DE OBRA (TMO)



ANEXO C
TRANSCRIÇÃO DO TREINAMENTO DE MÃO DE OBRA² (TMO)

Cultura da mandioca

Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA – EBDA – UFBA

03/12/2003

Fita 1 – lado A

T1 – Pessoal, bom dia a todos, não é?

Todos – Bom dia!

T1 – Mais uma vez estamos aqui pra realizá um treinamento, né, com essa comunidade. Hoje, com a presença do chefe do escritório da EBDA, que é o A. L., da professora S. da Escola Agrotécnica, né, que hoje veio nos acompanhá nesse treinamento, que ela tá defendendo uma tese de doutorado, né? Bom, a EBDA é uma empresa baiana de desenvolvimento agrícola, né, que atua nas comunidades rurais, dando orientação técnica e extensão rural. Hoje, nós vamos fazê um treinamento de mão de obra, sobre a cultura da mandioca. Bom, nós já realizamos aqui nessa comunidade alguns eventos, né, tais como, unidade de demonstração da própria mandioca, realizamos excursões pra EMBRAPA, né, pra vê abacaxi, banana, é... fizemos uma excursão também pra casa de farinha mecanizada em Capianga, Entre Rios, com alguns de vocês e hoje estamos realizando aqui esse treinamento. Gostaria que no... no... no andamento do treinamento vocês fizesse pergunta, participasse, né, pra eu não ficá aqui falano sozinho. Eu acho que vocês que já participaram do treinamento, sabe mais ou menos como é que acontece. Tem uns que falam mais, ôtros falam menos, mas o importante é que vocês participe. Bom, (+) vamos começá com o treinamento, vamos começá falano sobre a *escolha da área*, para que vocês implante a cultura de mandioca. Geralmente, o produtô quando se fala em mandioca, num escolhe uma boa área, né? Geralmente pega a melhó área pra banana, pra feijão, não é, pra frutêra, quando tem uma área assim, que não é muito boa, o produtô diz: ‘Ah, aquela ali, nós vamo plantá mandioca’, né, então, não só com a cultura, mas também com as pessoas, se a gente não dá um bom tratamento e não escolhe as melhores coisa pra’quela pessoa, né, ela se retrai, fica acanhada, a mesma coisa é com a cultura da mandioca, é uma cultura que muitas pessoas dizem assim, ‘ah, mandioca dá em qualqué lugá’, né isso? Mandioca não precisa de muita chuva, realmente, é uma cultura resistente a seca, mas a gente tem que dá um tratamento melhó a cultura, pra ela se desenvolvê melhó, produzi mais e o produtô tê um melhó retorno. Então, é muito importante você sabê escolhê a área, né, como nós colocamos aqui, escolhê uma área plana, levemente ondulada, né, o solo tem que sê areno-argiloso, nem areia pura, nem argila pura, areno-arenoso, que é um solo, é... mais solto, né, profundo, férteis, que seja bem drenado, que tenha profundidade e principalmente livre de encharcamento. Lugá encharcado não vai bem com a mandioca. Então, a área é muito importante, vocês escolherem uma boa área, pra que a cultura também dê uma melhó resposta. (+) *Preparo do solo*, não é, é importante prepará o solo, mesmo porquê

² O Treinamento de Mão de Obra (TMO) foi realizado em um dia, com o objetivo de capacitar os produtores em atividades teórico-práticas. Participaram deste evento dois técnicos (T1 e T2), trinta informantes-agricultores aproximadamente (AM; VNF; DJ; NIM; AA; JS; RSF; MJB; MASS; MAMN; RS; JQ; CC; NIH; AJ; VJS; JSS; JPS; VBS), a documentadora (doc) e o filmador (film).

a mandioca, a raiz desenvolve, né, na terra, então ela tem que tá bem destorroadinha, né, tem que ará, passá uma grade, que é pra podê a raiz desenvolvê normalmente e produzi bem. Então, a aração recomendada né, pela técnica é de 15 a 20 centímetros, né, muitos de vocês, já fazem algumas práticas corretas, outros não. Uma, duas gradagem, trinta dias após a aração e de preferência quando já fô plantá, né? Que tem que tá um terreno solto, né? Para solos que não foi cultivado ainda é bom cê tê essa sequência, né, roçá, encoivará, queimá e depois fazê a destoca manual. Por que é que a gente coloca nessa sequência né?... o encoivamento, pra depois queimá? Porque não... não é ideal, não é, não é aconselhável que vocês façam uma queima discriminadamente, né, uma queima assim, sem um critério. É, prefe/ vocês têm que realmente fazê primêro, encoivará direitinho né, muita gente prefere queimá nas horas mais quente, né, perto de meio dia, assim o sol tá bem quente, mas isso não é o ideal, isso prejudica muito o solo, né? O solo tem seus nutrientes e essa queima no horário de... próximo de meio dia, com o sol bem quente, sai devastando tudo, não é ideal. O importante é que vocês façam a roçagem, encoivare direitinho, faça a queima e depois a destoca. Né isso? Eu gostaria que vocês participasse, pode fazê perguntas, se tivé alguma idéia, pode colocá, porque na realidade, este treinamento que a gente realiza é uma troca de experiência, né, é o que o produtô já tem de muitos anos, com a experiência dele e o técnico, não é, que traz, é... a tecnologia, né, as técnicas de experimentos né, que nós estudamos no dia a dia, num experimento aqui, mas o importante é essa troca, entre o técnico e o produtô rural, né? Produtô coloca como é que ele faz, o técnico diz como é que, que a assistência técnica tá recomendano e a gente chega a um... aonde a gente tá quereno, né? Que é fazê com que o produtô produza e produza bem.

- Film – ...pra vê se alguém qué perguntá.
T1 – ...é. Dentro desse assunto aqui tem alguma pergunta? Com relação a escolha da área e o preparo de solo?
- VNF – Sim, venha cá, porque, às vezes as pessoas... (+)
Film – Só um minuto, desculpe... Quando eu fizê assim ((levanta a mão)), a senhora pergunta, tá bom?
- VNF – Se, assim, a área, a... a mandioca, qual, assim, a qualidade da mandioca, ou por que acontece as pessoas planta mandioca, e com as vezes não leva um ano, ou após um ano, ela começa a apodrecê?
- T1 – Como é o nome da senhora?
VNF – V.
T1 – Dona V., é como eu lhe fa/ é como eu comecei a falá antes, né, a questão da área pode sê um fatô né. Pode sê um fatô a questão da área. Muitas vezes... foi em terreno alagado? Sujeito a alagamento?
- VNF – Não, não, não.
T1 – Não né? Se a senhora, é... com o decorrê, com o... com a continuação do treinamento, eu vou falá um pôco sobre essa questão, da... da escolha da maniva, né, do tamanho da maniva, então pode sê uma série de coisas, pode sê o terreno, né, o terreno pode tê, pode tá com algum problema, alguma praga, pode sê a maniva, uma maniva pode sê de boa qualidade...
- VNF – Porque lá tem uma área assim, tem lugares que ela não apodrece e tem lugares, que na mesma... no mesmo plantio, na mesma roça, aí, lugares aí ela apodrece.
T1 – É, é, pode sê um apodrecimento também de raiz, né? Mas a gente vai com a continuação, eu vou lembrá da sua pergunta e a gente pode vê o que é. Por que quando fa/ quando a gente parte assim, pra pragas e doenças, tem assim, tem que

- sê observado, acompanhado, entendeu? Pra gente vê realmente qual foi a causa. Se fosse num lugar alagado, eu diria logo que houve encharcamento e houve o apodrecimento, viu?... Alguém mais tem alguma pergunta? (+) Hum?
- AM – Eu queria fazê uma pergunta...
- T1 – Isso. A hora é essa...
- AM – É... essa... esse... esse planejamento que você está falano, por exemplo, com aimpim também é a mesma coisa. Porque eu plantei um pedaço de aimpim, veio e encharcô, aí o aimpim ficô amarelado, aí depois voltô, o tempo ficô bom, ele ficô bonito, e aí ficô com aquelas raízes né, aquele... o pé dele ficô bem bonito, aí eu pensei que ele estava com bastante raízes e quando eu ranquei no tempo certo, não tinha nada. Então, ((risos)) aí, eu queria que você explicasse aí, que...
- T1 – ...o lugá ficô encharcado?
- AM – É... o lugá sempre encharca um pouco, viu, o lugá sempre encharca um pouco. Aí, só que quando eu ranquei, não tinha raízes, eles tavam bonitos, os pés tavam bonitos, só que não tinham raízes, assim, só tinha aqueles espigão, assim, qué dizê se eu prantá outra vez no mermo lugá, vai acontecê a mesma coisa ou não?
- T1 – Veja bem, o aimpim... veja bem, o aimpim, ele também é mandioca, certo? Só que ele é... o teô de ácido é bem, bem fraquinho, que nós temos mandioca mansa e brava, né? E tem aquela intermediária, que se faz a mandioca, né? E é bem... é... essa de ciclo mais curto, né, e que tem o teô de ácido bem, bem pequeno, é o aimpim, então o comportamento é o mesmo né, é a mesma coisa... Justamente por essa... por essa área até sê sujeito a encharcamento né, aconteceu isso. Apesá da parte aérea tê recuperado, não foi?
- AM – Foi.
- T1 – Mas quando você vai vê a raiz, realmente não tem. (+) Tem mais alguma pergunta?
- NIH – Qual é a diferença...
- T1 – Desculpe.
- NIH – ((Tossiu)). Qual é a diferença do aimpim pra a mandioca?
- T1 – Eu falei, um... um... um dos itens que eu falei foi isso, o ciclo é menó né, ou seja, mandioca de um ano, de um ano e meio, de dois anos, né, o aimpim não, o aimpim você colhe... oito meses, sete meses, com período mais curto. E o teô de ácido é bem fraquinho né, que sabe que a cultura da mandioca tem o ácido cianídrico por isso que tem que se tomá cuidado, de vez em quando aparece uma reportage na televisão né, pessoas que são envenenadas comeno raiz de mandioca crua né, o próprio animal né, se você pega as folhas, né, não deixá exposta ao sol né, durante vinte e quatro horas né...
- Doc – Tire aquelas coisas dali e bote aqui...
- T1 – ...não deixá por vinte e quatro horas exposta ao sol, pra ela murchá um pouco né, o animal também pode né, pode vim a tê problemas sérios e até a morrê... (+) Continuano né, a *adubaçã*o... a adubaçã, antes de qualqué coisa... de falá, antes de comprá o adubo né, você tem que fazê o quê, a análise do solo, né? Eu costumo compará a análise do solo das culturas né, com o exame de sangue do... da gente né, das pessoas, não é isso? Quando a gente vai ao médico, que é que o médico diz? Bom, eu não sei bem o que é...? O médico diz o quê? Primêro, a pessoa chega lá né, diz que tá sentino uma série de problemas, não é isso? De dô, isso e aquilo, o que é que o médico passa logo? Exame... Não faz exame de sangue, de fezes, de urina, que é pra vê, né, vai pra o laboratório, pra vê qual o remédio que vai passá. Na cultura, a gente fala em adubaçã, mas como é que a gente vai adubá, mandioca, banana, seja qual cultura fô, se a gente não sabe o

que é que o solo tem, o que é que o solo precisa. Né isso? Então, antes de mais nada, antes de chegá na casa do fazendêro e comprá dez-dez-dez, que é um adubo que o produtô costuma comprá, a gente tem que fazê a análise do solo. Né? (+) Essa análise do solo pode sê feita pela EBDA, a empresa que nós trabalhamos, pode sê feita pela Embrapa, né, e pode sê feita por outras empresas particulares. Então depois nós vamos fazê uma demonstração aqui de como faz a coleta da análise do solo, né, aproveitando a oportunidade já que tem muitos produtores, né, que não dá o prazer de nos visitá, a gente aproveita a oportunidade, porque de vez em quando aparece um produtô lá, né, ‘oh, seu B., como é que a gente faz a análise do solo?’ Né, ‘Eu quero mandá analisá uma terra, como é?’ Então a gente já aproveita aqui a oportunidade não é, dentro do assunto e já vai fazê a coleta de amostra de solo. Tem o formulário né, um questionário que é preenchido, pra mandá pro laboratório... E nós temos os sacos pra mandá a amostra pra sê analisada no laboratório. Depois que nós temos o resultado do laboratório é que a gente vai vê o que aquele solo tá precisando. Se é mais de nitrogênio, se é fósforo, se é potássio, que são os adubos mais comuns, são os mais utilizados. Quando vocês compram dez, dez, dez na casa do fazendêro, cês tão comprano um adubo que tem dez por cento de nitrogênio, dez de fósforo e dez de potássio, que não é o ideal se comprá assim, o ideal é fazê a análise de solo, vê o que é que o terreno tá precisano e aí junto com o técnico, o técnico vai elaborá uma formulazinha e vai dizê ‘não, aqui, vocês tão precisando pra sua área, tantos quilos de uréia, tantos quilos de cloreto de potássio, tantos quilos de super simples’, que são as formas dos adubo, dos elementos né? Então, vamo fazê aqui uma... uma... uma coleta de amostra de solo, né, pra sê mandada pro laboratório. Aí vou precisá da ajuda dos produtores pra acompanhá, quem já fez análise do solo aqui? Quem já participou? Quem já participou, quem já participou da análise do solo, né?

AM – Quase todos aqui.

T1 – É?

((Murmúrio entre eles difícil de ser compreendido))

T1 – É, tirano junto... Pra mandá pro laboratório...

((Continua o murmúrio))

RS – ...cavá o chão, a base de vinte centímetros e pegô a terra lá de bôxo, insacô e levaro. Foi quando veio aquela J., que veio com os resutado.

T1 – Ah, sei... um trabalho que ela tava fazendo com o calcário...

RS – Exatamente.

T1 – Não foi?

RS – Foi exato.

AM – Ô B., eu posso fazê uma perguntinha?

T1 – Pode.

AM – A gente, as mulhere daqui da associação, a gente tamo com uma roça de mandioca, né, aí são onze mulheres, aí a gente tava, tá numa dúvida, se a gente coloca adubo, se não coloca... a mandioca tá bonita, bonita, linda, agora a gente tava pensando em colocá adubo de galinha, pensando... que é pr’ela sai mais rápido, pra quando chegá o inverno, nesse lugá é acostumado, é... apodrecê, né, quando chegá o inverno, a gente já tê tirado ela, ela tá com quato meses, por aí assim, né gente? Aí, a gente tava pensando em colocá é... o dez-dez, mais adepois a gente disse assim, não, a gente tem que procurá sabê o adubo ideal da mandioca pra gente colocá, só que nesse terreno, fez o análise?

NIM – Não.

- AM – Não né? Nesse terreno não fez o análise, a gente não sabe o que é que pega, agora a gente tá em dúvida o que que coloca.
- T1 – Ela tá com quanto tempo?
- AM – Tá com quato meses a mandioca, é... só que ela tá bonita, de folha, de folhagem, ela tá linda e parece que de raiz também, porque a gente já limpô duas vezes e ela tá... ela tá... né, las/ lascano a terra toda, até assim no meio tem raiz de mandioca, aí a gente...
- T1 – E tá chegando a terra no pé...?
- AM – Tá, a gente tamo chegano a terra, mas ela tá, acho que ela tá com bastante raiz, aí eu achei necessário, a gente colocá adubo ou não?
- T1 – Veja bem, uma das coisas que a gente tem que se preocupá é com o custo, né, a gente tem que produzi hoje bem, agora, gastano pouco, né? Por que isso? Porque seja com mandioca, seja com outras culturas, a gente tem que botá tudo na ponta do lápis, né, quanto é que a gente tá gastano, pra sabê se a gente tá ganhano ou se tá perdeno. Não dá mais pra gente produzi, entendeu, porque muitas vezes a gente tem uma produção grande, mas também gasta muito, né, eu tô falano isso porque, na questão da adubação, a adubação, por exemplo, quando fô o fósforo, que é o super simples e quando fô o potássio, que é o cloreto de potássio, né, ele é colocado na época de plantio, né, se coloca geralmente abaixo da linha de semente, porque a gente não pode colocá adubo em contato, no caso com a... o pedaço da maniva, porque queima, se colocá também, mesmo que não seja mandioca, seja feijão ou milho, junto com o adubo, vai queimá e vai perdê. Então, o que é que acontece, vai se plantá a mandioca... fez a cova, bota logo o cloreto de potássio, que é a fonte de potássio e o super simples, que é a fonte de fósforo, embaixo, né, joga um pôquinho de terra, joga o adubo e cobre. Trinta a quarenta e cinco dias é que você faz a adubação nitrogenada, né, pode sê uréia, né, cê coloca na linha do plantio né, esse é o recomendado, certo? Como sua cultura, já tá com quatro meses...?
- AM – É, quato meses.
- T1 – Quatro meses, nada impede que você coloque um adubo orgânico, certo? Agora, não é mais necessário cê colocá mais adubo químico, mesmo porque você pode tá perdeno dinheiro com isso. A recomendação básica pra... pra cultura é essa aí, pra mandioca.
- AM – E colocano o adubo, ela vai tê... ela vai sai rápido mais do que sem colocá o adubo, ela sai...?
- T1 – Não, como você tá colocano que as raízes já estão formada, desenvolvida, eu acredito que você... agora, procure agora protegê as raízes, chegá terra pra ela e no próximo plantio eu lhe aconselho que cê faça no início, né, porque você pode tá jogano dinheiro fora, né, cê já imaginô cê comprá o adubo e esse adubo não dé mais resposta, né, então, cê tem que tomá cuidado, cê tem que fazê de tudo pra ganhá, quanto mais melhó, né, e quanto... gastá menos, né?
- AM – É.
- T1 – Vamos fazê a análise do solo agora? Então, o que é que acontece com a análise do solo, você escolhe uma área, né, a área que você vai plantá e você... pra você fazê, tirá as amostra da análise do solo, você não pode tirá próximo ao formiguêro, fundo de casa, próximo a curral, né isso, é... lugá que foi recentemente adubado, também não, porque aí vai né, vai mascará o resultado. E o que é que você vai fazê, a cada dez hectares, você vai tirá algumas amostras, em zig-zag, andano em zig-zag na roça, não é direto assim e nem vai tirá uma só, né, cê vai pegá, vai tirá diversas amostras de uma área né, andano em zig-zag na

roça, colocá dentro de um balde, depois que cê vai fazê? Vai misturá bem, misturá, misturá, misturá, misturá e depois colocá dentro de um saco, desse aqui, pode sê desse saco ou um saco que o pessoal usa pra açuca, pra farinha, né, de um quilo.

- AM. – De um quilo.
 T1 – É, de um quilo e colocá aqui, respondê o questionariozinho e mandá pra o laboratório, certo? Então, vamo fazê aqui uma coleta de amostra de solo, os que já conhece vão participá, vai relembrá e os que não conhece vão passá a sabê a tirá a amostra. Me dê...

Fita 2 – lado A

- T2 – ...da ladêra você plantá, porque normalmente se a ladêra tá assim ((mostra com a mão)), você planta assim ((mostra com a mão)) aí você vem e planta agora o inverso, qué dizê é coisa simples, tá? Vamo fazê a análise?
- T1 – Só completano aqui o que o colega tá colocano, nós fomos visitá uma área de iame lá em Maragojipe e tinha um plantio que tava justamente, como o colega A. tá colocano, de ladêra abaixo, aí o pessoal da EBDA disse ‘nós tamo cansado de falá isso’ a gente sempre fala isso: pra evitá ará, gradeá e também plantá de ladêra abaixo, no sentido das águas, como o colega colocô, você perde, você pode perdê os pedaços de área, pode criá aquelas voçoroca né, aqueles buracos enormes e você perdê a sua área, então o que é que foi colocado é que o produtô acha que é melhó pra se trabalhá pra o tratô subi e descê, mas o produtô tem que tá preocupado com a área dele, né? ...se a terra não é plana, não tem pouco declive, se ela tem muito declivosa, né, se ela é muito inclinada, você fazê todo o trabalho de aração, de gradagem e plantio, cortano a queda das águas.
- T2 – Uma coisa fácil da senhora observá, por exemplo, a senhora falô, como a senhora também disse que encharcô a área, tem que verificá que o solo às vezes muito pesado, aquele so/ solo argiloso, ele simplesmente faz com que a água não penetre muito e crie aquela poça de água e causa o quê... o apodrecimento, como aconteceu, certo? É, às vezes tem área do terreno que é toda solta, mas tem um pedacinho que não desenvolveu, que às vezes o teô de argila ali, nesse caso... terra pesada não desenvolveu, por causa disso. Então tem um observá por que uma planta ou ôtra não desenvolveu ou um pedacinho só não desenvolveu, porquê... aí, através disso, a senhora vai podê melhó trabalhá, tá bom? Bora fazê a análise?
- T1 – Vamos lá, né?
- Infs – Vamo.
- T1 – Então, é... essa área aqui de mandioca, né? Vamo dizê que não foi feita a análise de solo ainda, certo? O ideal é que não tivesse plantado ainda, certo, mas já que tá plantado e como a gente vai fazê pra demonstrá, pra mostrá a vocês como é que deve sê tirada a amostra do solo, a gente vai fazê nessa área, certo? Por que que é que a gente tem que tê a preocupação de fazê essa coleta bem feita? Por que se ela não fô bem feita, né, por exemplo, se eu tirá numa área que já foi adubada e depois chegá lá no laboratório, eles vão dá um resultado que não é o ideal, que não é o real, né, e vocês vão perdê, além de perdê seu dinheiro, a adubação não vai sai correta, então, todos aqueles cuidados que eu coloquei anteriormente ali embaixo da jaquêra a gente vai vê aqui agora na prática. Então, cê chegô aqui nessa área né, vamo dizê que aqui seja um ponto né, então, cês tão vendo que aqui tá com capim, né, tá com alguns gravetos né, então a gente vai

- fazê o quê? Vamo limpá né, limpá ela assim, né, pode começá, limpá o local né, tirá essas, sem afundá muito pra não tirá a camada que a gente vai precisá, eu quero só que limpe né, se o produtô tivesse um trado... tá bom aí, aí tá bom, se o produtô tivesse um trado, cê sabe o que é trado?
- RS – (incompreensível)
- T1 – É, trado é aquele instrumento que você roda, roda...
- RS – Roda...
- T1 – Puxa e já vem aquela amostra. Como o produtô não tem, ele não vai deixá de fazê por isso, ele vai fazê aqui uma valetazinha né, um buraco, pode fazê de vinte centímetros e aí a gente vai tirá uma fatia, certo, essa fatia a gente vai colocá ali como a primêra, a primêra porção de terra, ainda não é a amostra, né, é uma primeira porção de terra dessa área pra depois a gente tirá a amostra, que vai sê levada ao laboratório, então, faça assim um... um... um... que dê mais ou menos vinte centímetros (+) Aí, já deu.
- RS – É, já deu.
- InfS – Bom dia.
- T1 – É, aí já tem vinte centímetros.
- RS – Aqui tem... aqui tem... tem medida, tem tudo.
- T1 – Aqui tem tudo... ((risos)) produtô do Riachão de Perêra chega junto. ((falas))
- JQ – É, tá com vinte e cinco centímetro...
- T1 – É, tá bom, então a gente vai fazê o quê, vai tirá aqui oh, uma fatia, de cima até embaixo, direto, agora o importante é se tivesse condições de tirá ela assim, oh, cortano por baixo... pra não misturá com o que tava ali, como se fosse um pedaço de bolo, né?
- RS – O bolo aqui tá difícil, porque a terra é solta. ((falas))
- T1 – Tá bom..
- RS – Porque a terra é solta...
- T1 – É... a terra é mais solta, é... tá bom, aí agora você coloca aí no balde né, uma amostra, aí já é suficiente, mais um pouquinho, como eu falei, a gente tem que andá na área em zig-zag, né, não é reto, não é reto. ((risos))
- T1 – Então tirô aqui... Aí a gente já passa pa uma lateral... Aí faz o mesmo processo, limpa né, pra tirá o mato, uma casca de alguma fruta, alguma coisa... torna a fazê a valeta pra tirá mais um... uma porção de terra né? (+) ((falas))
- T1 – Agora aqui seria o local ideal? (+) Hein, pessoal, esse aqui seria o local ideal? Hein, seu... aqui é o local ideal? O que é que vocês notam aqui, nessa porção de terra que a gente ia tirá, qu'ê que cês notam, qu'ê que cês tão vendo aqui? Não, não continue não. O que cês notam aqui? A gente poderia tirá uma amostra de solo daqui? Uma porção de terra pra fazê, pra tirá a amostra?
- AM – Eu acho que não, que eu tô vendo essas formigas aí, né...
- T1 – Justamente, como é seu nome?
- AM – M.
- T1 – M. é danada, é observadora.
- AM – É, eu ia falá.
- T1 – Então eu falei ali, o quê, não podemos tirá porções de terra pra fazê amostra de análise de solo dum lugar que tem um formiguêro, próximo a curral, fundo de casa, né, porque tudo isso vai mascará a... o... a análise do solo, né, então aqui a

- gente tá vendo as formiguinhas por aqui, então a gente não vai... não vai coletá, foi bom que acontecesse isso pra despertá em vocês né...?
- RS – ...quando fazê já sabe...
- T1 – É... o problema que vocês podem encontrá na propriedade, certo? Então, por exemplo, se não fosse observado isso, já ia tirá um pôção de terra de um local que não era pra sê tirado.
- RS – Dequado a isso.
- T1 – Então vamos parti pra outro, fazê igual a aquele negócio de televisão: ‘Vem comigo!’
((risos))
- T1 – A primeira camada, certo, essa limpeza que faz é só pra... pa não i mato, né, bom... pode fazê aqui agora. Não tem formiguêro, não tem nada aqui, né... Tivesse pocilga perto, também não era pra sê feito.
- RS – Mais pra cá um pouco, vou batê mais forte, viu? ((Silêncio)) O análise que vai mandá pra vocês tem que... se já colocô algum tipo de adubo, tem que colocá na fichinha que já colocô...
- T1 – É, tem que colocá. É, tem que chamá a atenção. A área já foi adubada, né, cê tem que dizê o que é que foi plantado antes, o que é que você vai plantá, pa quando vim o resultado da análise do solo, já vim a recomendação, né? ((falas)) Pronto, aí agora cê já pode tirá mais uma fatia de bolo, né, como o colega colocou... ((falas)) O ideal é que podesse tirá... com... qué dizê que saisse a...
- RS – Mas aí não tem.
- T1 – O talhão certinho. ((falas)) Mas vocês já tão sabendo mais ou menos como é, né, como é que tira...
- AM – É...
- T1 – Né, vá... ((falas)) Tá bom. Duas, né, vamo tirá só umas quatro, viu, porque a gente tem muita coisa pra vê...
- RS – (incompreensível)
- T1 – É. Pra quando vocês ficarem é... é... tiverem que tirá uma amostra né, já tá...
- AM – E o ideal, sabe B., quando a gente fô tirá uma amostra, é fazê isso aí, com cavadô, com o cavadô a gente consegue tirá né, é... é...
- RS – Cavadêra...
- AM – Hã, a cavadêra, né, também a gente consegue tirá o bolinho, oh ((falas)) a cavadêra, é que aperta... O cavadô.. ((falas)) já aparece aquele entradinho de tirá né, só que vem terra a mais, de que tirá isso com essa aí.
- RS – Isso aqui é só fazeno um teste...
- Doc – Hein seu B.!
- T1 – Oi?!
- Doc – E pode misturá? Por que misturô, tem problema não?
- T1 – Deve.
- Doc – Deve?
- T1 – Deve misturá. Porque uma área como essa aqui, né, ela vai sê toda adubada, né, então a gente não pode tirá só de um lugar, porque possa sê, não representa toda área...
- Doc – Hum.
- T1 – Então a gente tem que corrê em zig-zag, pra tê um resultado mais uniforme...
- Doc – Ham.
- T1 – Mais representativo... (+) Agora, se aqui tivesse manchas de solo, diferentes, certo, terreno arenoso, com argiloso, aí não pode misturá não. Vê que tá, uma... uma... um... a coloração, né, a cor da terra tá muito diferente, é preferível que

- você tire aquela parte de uma cor e depois da outra e mandá em dois sacos separados, certo? Se o terreno, ele é... ele é assim, é de uma coloração só, né, de uma textura só, ou seja, a/ arenoso ou areno-argiloso, vocês podem tirá uma única amostra, desde que seja...
- RS – No mesmo terreno...
- T1 – Menos de dez hectare. Acima de dez hectare tem que sê mais de uma amostra e também... e como eu falei, mesmo que seja menos de dez hectares, mas se você vê que a terra tá muito diferente uma da outra, vocês não mistura não. Só se ela tivé a mesma coloração, né?
- RS – E aqui é uma terra, ali já é outra.
- T1 – Já é outra... então deixe lá, lá já seria outra amostra.
- RS – ((sorri))
- T1 – Entendeu?
- RS – Pra tê outro resultado...
- T1 – É. Vamos tirá mais uma amostra só... com a coloração, ainda, com a cor...
- RS – ...é diferente.
- T1 – Mas não tá, ela não tá é... tá mais úmida né? ((falas)) Tá mais molhada.
- RS – É porque sempre um lugá grosso...
- T1 – É.
- RS – Ele demora mais com a molha, o fino...
- T1 – É.
- AM – ...num instante seca.
- RS – ...num instante a terra, a água vai embora e o mais grosso não, ele demora mais com a molha e o fino é ligêro. Bateu, o sol bateu já tá enxuto.
- T1 – Pronto, aí tá bom, vamo tirá agora mais uma fatia... (+) Pronto, vamos agora pra sombra, né?
- NIH – Vamo lá.
- T2 – Aonde vocês vão plantá, porque é importante de cada etapa que vai sê explicado, que o B. vai explicando, é bom vocês compararem e entenderem realmente cada processo desse. Então agora vocês fizeram a coleta da análise de solo, tão aprendendo a fazê, vão botá no solo, é no saquinho, tá entendeno, então é bom que cada processo, vocês irem passo a passo, vendo a realidade de vocês e fazendo todas as perguntas pra que seja acompanhado e vocês saiam daqui, realmente, bem... bem preparado pra o seu dia a dia, tá bom?
- T1 – Vamos fazê a análise do solo, que é analisá aquela área com a mandioca (+) é... coletamos, né, algumas... em algumas... algumas... algumas partes ali, fizemos a retirada do solo, né, e colocamos quatro, né? Quatro amostras aqui, mais aqui não tá pronto, não deveria sê uma, certo? E também não... não... uma área pequena não precisa sê muitas amostras certo? Aí vai dependê do tamanho da área, então, uma área como aquela ali... ((falas))
- RS – Porque digamos uma área com dois hectares de terra, não um hectare de terra, quantas amostras pode sê tirada nessa área?
- T1 – Olhe, veja bem, se você tem o solo, como eu falei ali né, com uma coloração né, parecida né, vamo dizê um solo areno-argiloso, com areia e com argila, não é, aí você pode tirá, por hectare... você perguntou dois, né?
- RS – Um mesmo, o que a gente planta aqui é um hectare, bem pouca gente planta aqui mais de um hectare, dois, três, pôca gente planta... um hectare (incompreensível).

- T1 – É, veja bem, eu falei o seguinte, até dez hectares você vai fazê uma... uma... uma amostra dessa que vai sê colocada aqui e vai sê mandada pro laboratório, agora, a quantidade de local que você vai abri a cova pra tirá as amostras...
- RS – É isso...
- T1 – Pode tê dez, umas vinte, certo?
- RS – Não tem assim uma quantidade...
- T1 – Não, de dez a vinte amostra, pode sê, viu?
- RS – Certo.
- T1 – Agora, quando cê vai mandá pro laboratório, você vai mandá uma só...
- RS – Uma só, aí eu tô entendeno, vai tirano, pode misturá e mandá uma só.
- T1 – É, então...
- RS – Tira todas e mistura...
- T1 – Então...
- RS – E manda...
- T1 – Já que nós pegamos aqui, certo, nós pegamos quatro localidades, quatro... retiramos de quatro locais ali, daquela área ali, certo, então cê vai chegá num local limpo, né, vamo dizê que aqui tá tudo limpinho e depois despeja, né?
- RS – ...despeja...
- T1 – Mas não é aqui... não é aqui, é um lugá limpo, se tivé coberto, melhó ainda ou então acimentado. Vamo dizê que aqui...
- RS – É, é.
- T1 – Vamo dizê que aqui tá tudo limpo, porque, veja bem... ((falas)) Se você pega sua amostra e mistura com outras terra...
- RS – Com outras terra...
- T1 – Né, cê tá colocando a terra que... que teve né, que a formiga já trabalhô, né, que tá com casca, que tá com... Tá com, né...
- RS – Tá com bagaço.
- T1 – Entendeu? Então vamo dizê que tá tudo limpinho, né, ou que tá acimentado ou que tá forrado...
- RS – É isso...
- T2 – Então, cê vai despejá, né, tirá a raiz, se possível...
- RS – Um (incompreensível), um (incompreensível)... ((risos)) Só sei que o barro de um (incompreensível) é cortado de foice.
- T1 – É, tá na mão. Por que que tem que misturá bem? Pra representá bem a área, né? Que se não, cê vai colocá, se você não misturá bem, possa sê quando cê colocá aqui no saco venha mais de um local do que do outro, que foi tirada a amostra, então é bom misturá bem, pra ficá bem uniforme, né, bem misturado...
- T2 – É por isso que a quantidade de locais que você pegue, quanto mais você tira dos locais, mais a realidade do local você tá pegano, né? Não tá pegano de um ponto único.
- AM – B., eu posso fazê uma pergunta?
- T1 – Deve, cês deve fazê quantas perguntas vocês quiserem.
- AM – Por exemplo, aí tem essa areia, esse... esse barro solto aí em cima, né, é de... é... é... com'ê assim, a gente pode fazê como... como... vamo dizê, tá fazeno aí, que não raspô ou é melhó, assim, fazê bem lisinho que não misture com essa terra aí?
- T1 – É, não... não... aqui não é o local recomendado não, a gente tá só demonstrano.
- AM – É isso, eu sei.
- T1 – Né. Porque aqui se fô feito dessa manêra como tá sendo feito aqui, em cima da... da... da terra...
- AM – É.

- T1 – Né, aqui tem o quê, tem folhas, tem o bagaço...
- AM – É.
- T1 – A formiga passô por aqui, já trabalhô essa área, então, o lugá, se você tivé um lugá acimentado, ou se não tivé, pega um plástico, forra, né?
- AM – E até dentro do balde mesmo, pode sê?
- T1 – Pode sê dentro do balde, mas eu digo, quando você tem muitas, né?
- AM – É, muitas...
- T1 – Uma área maió, como ele mesmo perguntô, vamo dizê que ele tirasse, vinte amos/ vinte, de vinte partes ali... ((falas)) Aí, aí, você vai, vai coletano no balde e vai colocano naquela área, né, uma área forradazinha, vai misturá bem...
- AM – Por que aí misturô, né?
- T1 – É.
- AM – A terra misturô com essa aí né? Porque quem já modificô, né, porque quem tá, pode não entendê, né?
- T2 – ...na realidade, se você faz de uma errada, essa... a área aí, quando você mandá pra sê analisada, já vem com matéria orgânica que embaixo não tem, tá entendeno, já... já vem alterado o resultado.
- T1 – É aquilo que eu coloquei, quando a gente tava tirando ali, né, se a... a... você não mandá uma amostra muito bem feita, né, cê vai perdê o seu dinhêro e a recomendação da adubação vai vim errada. Então, já que ele misturô tudo aqui, né, faz... faz de conta que aqui tava forrado, né, ói, né? ((falas)) Então tá bem, bem mexido, bem misturado, ele vai colocá aqui, mais ou menos, um quilo... (+)
- T2 – Tem alguém que achô difícil isso?
- AM – De jeito nenhum. (+)
- T1 – Bom. Aqui né, depois que fui... misturô bem, as... as amostras que nós pegamos, né, pra formá uma só, né, bem misturada, o saco da... da... que você vai mandá pro laboratório, você tem que preenchê aqui o *número da amostra*, vamos dizê que essa área daqui seja a área um, vocês pode dizê ‘eu vou chamá essa aqui área um’, ou então, se essa área aqui da banana fô um, cê pode chamá essa aqui área dois, né, justamente pra você tê idéia da onde foi a área que você tirô, então, você vai chegá aqui e botá o número da amostra, né, um ou dois... ((falas)) *A data* né, que dia é hoje? Três.
- Doc – Três.
- T1 – Então, três do doze de zero dois ou dois mil e dois né, *estado*, Bahia, o *município*, Catu, né, *o proprietário*, como é o nome do senhô todo?
- RS – R. dos S.
- T1 – R. dos S.
(risos)
- T1 – Né, *local da coleta na fazenda*, né, vamo dizê que o senhô conhece esse local aqui com um nome, né, você pode dizê assim, não, aquele local ali é o local da mandioca, né, ou então é o local que tava no descanso. Vocês é que vão dizê, porque isso aqui é pra vocês sabê de onde foi tirado, então, o local da coleta na fazenda, né, vocês vão dizê aqui em que local foi. *Área aproximada correspondente a esta amostra*, você vai dizê se essa área aqui tem quase duas tarefas e meia, um hectare, né?
- RS – Um hectare.
- T1 – Porque um hectare são dois vírgula tarefas, né, então, a área aproximada é correspondente a esta amostra, se fô de um hectare, cê bota aqui um hectare, se você... essa amostra aqui corresponde a dois hectare, cê vai dizê que área corresponde a dois hectares. *Tipo de análise*, você vai dizê se você qué uma

- análise simples ou completa, né, então, se você qué uma análise, você qué sabê tudo né, o que é que você vai... vai precisá colocá, o que é que a terra tá precisano, com recomendação, com tudo, é uma análise completa. *Lavoura a serem adubada*, aí cê diz assim, ‘eu tô tirano essa amostra, porque eu quero plantá banana’, então, cê vai dizê aqui, lavoura a sê adubada: banana.
- RS – A plantação adequada...
- T1 – É, cê dissé assim, ‘não, eu quero... eu vou mandá essa amostra aqui, porque eu tô pensano em plantá coco’, aí cê vai dizê aqui, lavoura a ser adubada, coco; ou então, o assunto nosso é mandioca...
- RS – Mandioca.
- T1 – Né, então, vamos dizê aqui, essa amostra aqui, é uma área que eu quero plantá mandioca, então, cê vai dizê, lavoura a ser adubada, mandioca. Por que isso? Porque cada cultura dessa que eu falei aqui, tem uma adubação diferente, mandioca, que é um tipo de adubo, a banana que é outro tipo de adubo, né, é... coco que é outro tipo de adubo, não é? As quantidades também, né, cada cultura dessa tem uma quantidade, não é, o tempo, né, o tempo que você vai levá pra... pra... pra colhê essa cultura, tudo isso cê leva em conta. Então, não pode esquecê de dizê pra que é que você tá mandando essa... essa amostra de solo, o que é que cê vai plantá...
- RS – Naquela área...
- T1 – O que é que você vai plantá que se não, não vem a recomendação, pode vim o quê, pode vim dizeno, essa terra, ela tem, é pobre em fósforo, tem nitrogênio e tem tanto de potássio, certo, mas não vai vim dizeno a quantidade, porque não foi dizeno aqui pra que cultura.
- RS – ...É.
- T1 – Se... se todas as culturas, cê tivesse a mesma quantidade de adubo e os mesmos adubos, tudo bem...
- RS – ...É.
- T1 – Mas cada cultura dessa né, cada produto desse é um adubo e é uma quantidade diferente, então não pode esquecê de dizê aqui, pra que é que você tá mandano essa amostra. Pra quê, o que é que você vai plantá?
- RS – ...que lavôra eu vô plantá naquele lugá.
- T1 – Além desse, além de você preenchê esse que tá aqui, no saco, vocês é... se tiverem dificuldade em preenchê esse questionário, você pode procurá o técnico da EBDA, né, que ele pode orientá vocês, que é uma série de perguntas que é feita, com relação a propriedade e a terra, né, vai perguntá se a terra é... tem... é inclinada, se não é, se é plana, né, se é muito... se o declive é muito elevado, se é pouco, entendeu? Se o que foi plantado antes, né, o... o tamanho do... da... da propriedade, é, se é uma terra profunda, ou seja, se você vai cavano, aonde é que você vai encontrá aquela parte mais de pedra, né, se é com vinte, se é com trinta centímetros, então, esse questionário, o produtô que tivé dificuldade, pode preenchê com o técnico...
- VNF – E qual o período que a pessoa pode plantá, fazê uma plantação de uma mandioca para ôtra? A gente plantô assim uma mandioca, que nem lá mesmo, nós temos uma que tá com três anos, tem umas mandioca lá, se essa, agora, a área que já tá livre de mandioca, se a gente quisé plantá novamente mandioca, a gente tem que fazê o quê?
- T1 – Veja bem, o recomendado, eu vou falá aqui, quando fô falá de rotação de cultura, é que a pessoa descansa aquela área que foi de mandioca, se a pessoa vem plantando há muitos anos, naquela mesma... por isso que muito produtô diz

assim... ‘poxa, aquela minha área produzia, eu tinha não sei quantas sacas de farinha, né, num quarto de tarefa, e vem caindo, vem caindo, vem caindo’. E um dos problemas é esse, é que a pessoa planta durante muitos anos, naquela mesma área, e aí a terra vai ficano cansada, como se dizem, pra aquela cultura. Ela é um pouco esgotante de solo, certo, então, ela exige muito, tira muito fósforo, principalmente, é o adubo, o super simples é o que mais... a gente vai falá isso também, é o que mais a mandioca gosta. Então, se ela vai tirano, vai tirano, vai tirano, aquela terra vai ficano fraca pra mandioca, né, quando eu fô falá em rotação de cultura, eu vou falá um pouco mais sobre isso. O importante é que plantô mandioca, já vem plantano há muito tempo, descansa ela um pouco, por uns dois anos, plante feijão, plante amendoim ou plante milho e depois volte a plantá mandioca. Se é uma área que não tá cansada, no caso, que você não vem plantano há muito tempo, não impede que venha plantá, que volte a plantá, certo, agora, se já vem com muitos anos, é bom dá um descanso. (+) ((falas))

- RS – Porque se a gente plantá só mandioca e quando a mandioca não dé, fica todo mundo parado, então tem que labutá com mandioca, maracujá, batata, aimpim, a banana e vai misturano a vida assim.
- T1 – ...e no final eu vou fazê uns comentários sobre isso que o senhô tá falano aí.
- RS – ...o mamão, plantano tudo...
- T1 – Bom, então, nós fizemos já a coleta, né, da amostra de solo, já conversamos como é que coloca, né, como é que faz pra mandá pro laboratório, então, quando chegá o... o resultado, aí que é a gente vai cuidá disso aqui, da adubação, certo? Então, o laboratório, tem laboratório que já manda, né, mandô dizê que é pra mandioca, né, o laboratório já analisô, já viu o que é que precisa, se é de mais fósforo, se é de mais potássio, se é de mais de... se é de mais nitrogênio, né, então, eu sei que vocês não conhece com esse nome, conhece que é uréia, né, que é o nitrogênio, o cloreto de potássio, quando o camarada, lá do... da casa do fazendeiro... o cloreto de potássio, que é a fonte de potássio, né, e o super simples, que tem um pó e tem em grão, né, que é o fósforo. Aí é que vocês vão comprá, aí ele vai dizê quanto é que usa por hectare e se vai comprá aquela quantidade, nem mais e nem menos. Por que nem menos? Porque não vai sai como tá recomendado. E porque não vai comprá mais, porque adubo não é pra se guardá, porque tem prazo de validade, né, cês tem que comprá a quantidade que cês vão utilizá ou então um pouco maió, se você vai utilizá menos de um ano, né, dentro da validade, aí cê pode comprá pra aproveitá o preço, mas o ideal é que vocês compre o que vocês vai utilizá, né, ca do custo também, né, pra não ta gastano dinheiro, né. Já vai comprá o adubo, né, vai comprá mais...
- VNF – Por que têm lugares, vamo dizê que não tá adubado... ou mesmo tá sem algum adubo, por que as mandioca que tão, cresce, ficam muito bonita, mas não bota raízes?
- T1 – Boa pergunta, boa pergunta, isso é a adubação que não é bem feita, é o que o técnico diz de adubação inadequada, certo, né, então eu falei o quê? Chega na casa do fazendêro, ou na casa, né, qualquer outra casa que vende material de agropecuária, de agricultura e pecuária, o que é que tem lá, dez, dez, dez, certo? Ou então, o produtô chega e compra uréia, então, isso aí é mais o quê, é mais nitrogênio, o que é que o nitrogênio faz na planta, bota ela pra ficá bonita, mais não produz, quando vai vê não tem raiz, ela tá toda viçosa, bonita, porque o nitrogênio, né, ele dá o desenvolvimento da planta, se colocá demais aí, fica, é o que chama de estiolamento, ele fica compridão... Quando cê vê falá estiolado, é que ele fica compridão, pode ficá verde, mas quando vai vê não tem produção...

É justamente isso, é porque a adubação não foi a correta, não foi a que... a que a cultura tá precisano, né, como eu falei antes, o médico manda fazê o exame, né, aí o sangue deu que o camarada não pode comê açucá, aí, tome-le açucá... ((risos e falas)) Vai ficá bom, não, vai piorá, a pessoa hipertensa vai comê sal? [...] Então pronto, então a coisa tem que sê de acordo com o resultado daquela análise que foi feita. Então, a adubação orgânica, cê faz a lanço, né, com'ê a lanço? Com'ê a lanço, a adubação a lanço, como é?

RS – Jogano, né?

T1 – Jogando né, pode fazê isso antes da... antes de ará, que é pra ficá bem incorporado né, ou então, cê pode fazê também, né, antes da gradagem, né, cês tão vendo aqui, né, calcário, é... nós colocamos aqui, se necessário, antes de fazê, antes de passá a grade. Porque muitas vezes não precisa do calcário, né, o calcário a pessoa coloca, por exemplo, quando chegá a análise de solo, vai vê se seu terreno tá ácido, porque eles chama que tem o pH, o pH baixo, né, abaixo de... de sete, né, abaixo de seis e meio; sete então, mais não é todas as culturas que necessita de fazê a calagem, né, esses experimentos que a pesquisa vem fazendo tem demonstrado que a mandioca não responde ao calcário, que é que eu quero dizê com isso? É que não necessita, não... não, o calcário não faz aumentá a produção de mandioca, pode fazê aumentá a produção de banana, pode fazê a de coco, mas os... os experimentos que foram feitos, quase que não teve resposta nenhuma pra calcário. E eu tô sempre batendo na tecla, né, tô sempre dizendo que a gente tem que evitá o custo, tem que diminui custo, né, a gente tem que gastá menos, pra ganhá dinheiro, né isso? Tem que gastá menos. Então, se o calcário pra mandioca, nos experimentos que foram feito pela pesquisa, diz que não tá dando resultado, não tá interferino, não tá modificando a produção, porque que é que eu vou comprá o calcário? Não é?

RS – Só pra perdê dinhêro.

T1 – Vai perdê dinheiro, né, seu lucro, seu lucro vai diminui, né?

RS – É.

T1 – Isso, a gente ainda vai conversá muito sobre isso, viu? Que isso não é só pra mandioca não! Então mas se vê que o terreno tá ácido demais e que aquilo tá impedindo realmente da mandioca sai, como dizem vocês né? Sai bem aí...

Fita 2- lado B

T1 – Se falá assim, tá precisano de nitrogênio na planta. Tá precisano de uréia, né? Tá precisano de fósforo... Cê pode usá o superfosfato simples, tem também o superfosfato triplo, que é o mais forte... não, ali a gente tá precisando mais de potássio, cloreto de potássio, essas quantidades que foi colocada aqui, é quando você não faz análise de solo, então, em média, as... o... o... é recomendado você colocá sessenta e sete quilos por hectare, de uréia; superfosfato simples, trezentos e trinta quilos por hectare e o cloreto de potássio, cinquenta quilos por hectare. Certo?

RS – Aqueles adubo ali tem que sê lançado, né?

T1 – Não... não... o lançado é adubo orgânico, olhe, veja bem, o superfosfato simples, tá lembrado que eu falei que o superfosfato simp/ simples, quando M., foi M.?

RS – Foi.

T1 – Cadê ela?

AM – Ói eu aqui...

- T1 – Menina... ((risos)) Tá me dano susto é? Parece até que é novela, quando olha pra pessoa, quando vê sumiu... ((risos)) veja bem, quando cê fez aquela pergunta, ‘eu ainda posso adubá’? Eu falei, né, eu digo ói, o superfosfato simples, o cloreto de potássio, a gente coloca na época de plantio na cova, né, embaixo da semente, né, cê coloca, joga um pôquinho de terra em cima, que se não, queima a semente. Então, esses dois adubos, cloreto de potássio e super simples, na quantidade que foi recomendada, se coloca... na cova.
- RS – ...na cova...
- T1 – ...de plantio, antes de plantá. Certo?
- RS – Cê já planta, já com ele...
- T1 – É, ou no dia que fô plantá, certo? E a uréia, que é a fonte de nitrogênio, com trinta a quarenta a cinco dias depois de nascido.
- RS – E aí, vai, vai em volta...
- T1 – ...depois de nascido...
- RS – Em volta do pé?
- T1 – Aí, se eu...
- RS – Aí, aí agora vem a distância desse adubo pra botá no pé da lavra.
- T1 – Deve sê um palmo mais ou menos...
- RS – Uns vinte centímetros...
- Doc – No pé de quê?
- RS – Da mandioca...
((risos))
- T1 – Mais ou menos um palmo, viu, em volta...
- RS – Porque uma ocasião, eu matei um bocado de lavôra, inclusive melão, mamão, pimentêra, aí, quando eu vim pra aí, aí o dono trôche uma uréia, né, um adubuzinho branco, aí eu cheguei no pé da planta e botei encostadinho, com três dias, tava todo morto... ((risos))... triste. Aí, foi todo mundo embora, morreu tudo.
- T1 – E também tem que vê a quantidade, não é?
- RS – Morreu tudo.
- T1 – Cê tem que vê a quantidade, certo?
- RS – A gente tem que percurá sabê porque aí a gente botano na distância certa, então tá livre de matá a planta que nós tá adubano, porque toda planta se botá o adubo no pé dela, certo, aí ela vai morrê...
- T1 – Agora, eu recomendo ao produtô, que quando ele fô fazê uma adubação, se ele não tem ainda a prática e não veio dizeno a quantidade exata por planta ou por área, que ele procure um técnico pra orientá ele, nunca faça isso sem consultá um técnico ou uma pessoa que tenha já experiência e prática, porque você pode tá né...
- RS – Como eu matei tudo...
- T1 – Além de perdê a produção, tá jogano dinheiro fora, tá perdeno dinheiro.
- T2 – Todo mundo sabe o que é um cloreto de potássio que ele falô aqui? (+) ((tosse)) Cê já viu aquele vermelhinho, granuladinho vermelho...
- NIH – (incompreensível)
- T2 – É exatamente ele, e o super simples que ele falô, todo mundo já viu? É o granulado branco...
- T1 – O pessoal conhece mais a uréia.
- Doc – E a uréia?
- T2 – A uréia é aquele pozinho.
- VNF – A uréia que é o branco.

- T2 – É o branco.
- VNF – É o branco que parece um sal.
- T2 – É, agora quando você compra o dez, dez, dez vem tudo misturado num só.
- RS – Vem de toda cô, ali vem de toda cô.
- T2 – Quando você compra o dez, dez, dez, cada solo tem o nutriente já existente. Se você usa esse dez, dez, dez, se você já tem nitrogênio, cê tá aumentano esse nitrogênio, o que é que vai fazê, há outras fontes de potássio e de... é... de fósforo, vai, faz... vai ficá inibido, porque se tem muito um, que é o nitrogênio, os outros vão ficá inibido, e na realidade, o que é que... vai só fornecê nitrogênio. E aí a planta cresce, cresce, a raiz não desenvolve...
- RS – Não desenvolve nada.
- T2 – Não vem mais nada.
- T1 – É aquele exemplo que eu falei pra ela.
- T2 – Em frutêra você tem diferença no sabô, o fruto fica pequeno, a florada não vem bonita, só porque tá crescendo.
- AM – Tem outra coisa também B., aqui na adubação, como você já falô algumas vezes pra gente, porque acostumado com a gente daqui, principalmente, tem muitas pessoas que ainda usa isso, a gente coloca o adubo lá e deixa né, que muita das vezes é pra cobri que aí o sol vem e aí às vezes se a folha tivé até em redó, passa por a folha, queima as folha da plantação toda né, e vai embora, né, a gente desperdiça, né...
- T1 – É... é bom cobri.
- AM – É bom cobri, porque, aí até a terra fica úmida em redó né, quando a gente cobre tudo.
- T1 – E outra coisa né, o... o... é... eu quando faço o... o custeio agrícola né, que é um financiamento do banco pra plantá mandioca, aí o técnico tem que vim vê se plantô, como é que tá, se tá com algum problema, dá alguma orientação, e é... alguma área a gente tinha observado o seguinte, que o... o... como ela colocô aqui, pessoas pegavam o fósforo e colocavam em cima da terra, né, descoberto. Além dele tá descoberto, o fósforo não pode sê colocado como a uréia, que se chama de... de... né, é de cobertura, não é pra fazê isso, porque a uréia, ele é um sal, ele desce, ele tem facilidade em penetrá, já o fósforo não, colocô ali em cima, perdeu dinhêro, por isso que o cloreto de potássio e o super simples, que é o fósforo, ele tem que sê colocado no fundo da cova, porque quando a raiz sai, encontrá ele. Porque ele tem pouca mobilidade no solo, pouca, muito pouca mesmo. Então diz assim, ‘não, eu adubei’. Adubô, mas, mas a planta não viu esse adubo, que o fósforo, ele... ele tem muita dificuldade de se locomovê na terra. Foi até bom... ((vozes misturadas)) Não, o ritmo, vocês dizem, aí o ritmo. Me diga aí, como é que tá o tempo, que aí eu, eu...
- Doc – Não, que eu...
- Film – Não, eu já usei a segunda, ainda tem uma terceira, que é meia carga, uma terceira...
- T1 – Tá. Eu vô fazê o seguinte então...
- Doc – Só se pará um pôquinho de filmá...?
- Film – Se vai se pronuncia muito, eu vou diminui.
- T1 – E se você também quisé é... filmá é, só alguns tópicos, aí cê pára...
- Film – Cês me chamem a atenção, né?
- T1 – É... aí cê volta...
- Doc – E eu continuo gravando.

- T1 – É. E ela grava tudo.
((risos))
- T1 – É.
- Doc – É, porque não tem energia, não tem como...
- T1 – Bom, é, então a gente já escolheu uma área, né, não pode tá tratano da mandioca como se fosse um... um depósito de lixo, não, gente. A gente já falô, né, escolha uma área boa pra mandioca. Depois a gente vai conversá muito sobre esse negócio no final. Então a gente já escolheu a área, já colheu, a... né, a amostra do solo, mandô pro laboratório, veio a recomendação da adubação, a gente adubô, então agora a gente vai cuidá de quê? De plantá né? Mas antes de plantá, a gente vai vê o material. Vai vê a *seleção e preparo de manivas*. Certo? O que é maniva? O que é maniva?
- AM – É o que se planta pra sai raiz.
- RS – É que corta os pedaços...
- AM – É.
- T1 – E o produtô chama como isso?
- AM – Maniba.
- RS – Maniva.
((risos))
- AM – É, tem diversas manêra.
((risos))
- T1 – Maniba, manaíba. Então o técnico chama de maniva, não é?
- AM – É, eu mesmo já tô aprendeno a falá...
- T1 – É bom vocês ir se fami/ familiarizano, porque quando falá, você diz, eu sei o que é isso, né?
- JQ – Eu já vi alguém chamá mandiba...
- VNF – L. chega lá, ‘mainha é maniva, ah, meu Deus.’
- T1 – Pode sê, é porque ela também, qué, qué minha fala e a fala do produtô...
- Film – Certo agora eu vô filmá na hora das perguntas... ‘Perguntas’, aí eu filmo as perguntas.
- T1 – *Seleção e preparo de maniva*. Escolhê manivas de culturas sadia, não pode chegá num plantio daquele ali e... não, pá... pá... pá... e plantá, não... cê vai escolhê a mais... a mais sadia, não tá com problema nenhum, certo, a mais vigorosa, recém colhida, né, colhida recente, com idade, olhe aqui, de dez a catorze meses, pode chegá lá, tá com cinco meses pá, tá com dezoito a vinte meses, não vai dá um produto bom. Então, é recomendado que a maniva deve sê tirada de um plantio, que tenha de dez a quatorze meses... (+) as extremidades, agora enquanto eu tô aqui falano, eu gostaria que, pegassem ali, algumas... algumas... algum pé, pode tirá ali? Pode tirá dona? Dois é suficiente...((falas variadas)) Dois... Pode trazê ela completa, viu?
- NIH – ...com folha? Com tudo?
- T1 – É, com tudo, viu...? ((falas variadas)) Agora você pegue uma que não... é... uma que... uma... não pegue uma muito boa não, que eu não quero dá prejuízo não... ((risos)) Pode sê dali, pode sê de qualqué lugá. A finalidade, o que que a gente tá quereno aqui, não é dá prejuízo não...
- AM – Aí... aí é melhó pra rancá do que aqui.
- RS – Hein B.?
- T1 – Hum...
- RS – Tem uns manaíva que a gente corta elas...
- T1 – Hum...

- RS – Então o miolo dela, tem vez que vai cortano, tá numa cô, quando chega do meio pra frente ele muda a cô. Tá uma branca, outra tá vermelha, a mesma manaíva, tem de duas cô o miolo dela. Qué dizê, é a mesma manaíva, ali dá o mesmo fruto, como é aquilo?
- T1 – Bom isso aí, é bom analisá, é bom mandá um... uma... uma pessoa, entendeu, mandá pro laboratório pra vê se é alguma doença, se é algum problema. Porque não é normal.
- RS – Porque... que a gente já achô isso, entendeu?
- T1 – Porque isso não é normal, é normal isso?
- RS – Claro que não...
- T1 – Pois é.
- RS – Quando chega depois, ela tá aquele miolo marelo, não sei como é.
- T1 – (incompreensível)
- T2 – Pode sê as extremidades, não?
- T1 – Não, se fô os extremo, a gente vai falá isso aqui, agora, se fô no meio, aí é problema...
- RS – Mas eu tenho achado no meio, mais no meio...
- T1 – Aí é bom você mandá, né, pra vê o que é, pra analisá direitinho.
- RS – Aqui tem, ói, aqui tem umas manaíba que os miolo dela é moiado, tem outro aquele miolo branco ressecado, né isso? Ressecado.
(risos)
- T1 – Tudo isso aí, o senhô deve evitá, oi, material pra se plantá é o que não falta né?
- T2 – É. Tá bom um só? Tá bom um só, porque aquele ali tá bem grande? ((ele tá se referindo à maniva que o agricultor foi pegar))
- T1 – Menó...
- Doc – Ele foi pegá outro.
- T1 – Traga o menó. Mas não traga muito pequeno não, pequeno demais não. Traga só dois pés, tá bom. É só pra gente demonstrá aqui; ói, maniva pra plantá, acho que não é problema, né?
- RS – Não, não!
- T1 – Se eu tivesse período, a gente não tá aqui, no... no... no sertão, né? Graças a Deus...
- RS – Aqui na região da gente é nada, é maniva, é muda de banana...
- T1 – Então a gente pode escolhê o material melhó, gente...
- RS – Tudo aqui...
- T1 – Escolha um material melhó, surgiu um problema naquela maniva, a gente não sabe o que é, descarta, a gente não vai... né, tem tanta, pra que a gente usá essa? Ó, as extremidades das hastes, a basal, que é a da base e a apical, que é a parte de cima, certo, essas partes deve sê eliminadas, cadê o... cadê... cadê C., C. já é doutô nisso, porque C. é da profissionalização... ((risos))... é, C. aqui é... então, o que é que a gente vai fazê aqui C., vai tirá os extremos, né? A parte de cima e a de baixo né? Então cê corte aqui... a parte de cima e a parte da base... (+) E a parte da base... (+) Se você vê que aqui ainda tá meio lenhoso e essa parte aqui do miolo tá muito pequeno, vocês corta mais pra cá. Porque o importante é o seguinte, é deixá, o que o pessoal chama, o técnico chama de... de terço médio, é quando cê tira as extremos né, cê tira a base, que é a parte muito lenhosa, muito madeirada, né, daquela... né, e essa parte daqui também, essa parte mole, que também não é ideal pra o plantio e deixa o centro, que chama de terço médio. Isso é que é o ideal...
- RS – Qu'essa parte aqui...

- T1 – Ela deve tê, na hora de você é... tirá a pa... a... as sementes, você tem que cortá o quê? Quantos centímetros? Quantos centímetros deve tê cada, cada pedaço pra sê plantado?...
- RS – Eu mermo planto ele com faixa de... de quinze a vinte centímetros, meu total é esse, de quinze a vinte.
- T1 – Quem é que planta diferente aqui?
- RS – Acho que quase todo mundo aqui, o básico é esse.
- VNF – É, é.
- JQ – Antigamente prantavo, é... é... com o tamanho bem pequeno, mas adespois que começô vim as prática, né, da EBDA, o pessoal já tá se adaptano a prantá o tamanho exato, do jeito que tá seno ensinado.
- VNF – Bem, numa cova, qual o melhó, prantá assim, dois pedacinho ou um?
- T1 – Cê pode, um é sufi/ por isso que é bom você plantá vinte centímetros, porque não precisa plantá dois. Se a senhora planta os toquinho, esse aí não é garantido, né. Né isso?
- T2 – Tem menos gema
- T1 – Tem menos gema, vou falá aqui, daqui a pouco, corta aqui C., de vinte em vinte, mais ou menos.
- Doc – Cadê a gema?
- T1 – Ói ela aqui.
- Doc – As gemas...?
- T1 – Esses nozinhos...
- Doc – E ele chama gema...?
- RS – A gente chama olho.
- T1 – Cê chama olho, né?
- RS – É olho.
- Doc – É como?
- RS – Olho da mandioca.
- Doc – E todo mundo conhece como olho, é?
- Todos – Conhece.
- Doc – Tem alguém que conhece diferente?
- NIM – Eu num conheço... só como olho.
- Doc – Chama diferente?
- VNF – Eu planto aí é dividido dois.
- DJ – É, eu também.
- T1 – É por isso que ela tá dizeno e eu planto dois?
- JQ – O olho da maniba.
- VNF – Porque deve sê grande.
- T1 – Oh, veja bem, então veja bem por qu' é que deve sê planta... mas num é só vinte centímetros, a maniva também que você deve escolhê deve tê de dois a três centímetros de diâmetro, né, vamo pegá uma fitazinha aqui, medi, se tem de dois e três centímetros de diâmetro, porque aqui vocês têm que vê a quantidade de reserva que tá aqui, certo essas gemas aqui que o colega colocô que vocês chama de olho, cê cortano em torno de vinte centímetros, você tem oi quantas gemas, quantos olhos? Quando você corta muito miudinho tá sujeito a perdê, né? Entendeu, então o ideal é que você plante vinte centímetros pra evitá de tá replantano, plantô não naceu, planta de novo, bota duas, três, num precisa vocês cortá vinte centímetro, certo? Que já tem aqui diversas gema ou olho e planta e que tenha de dois a três centímetro de diâmetro. E o espaçamento, esse é que é

- um problema, viu? Esse é que é o problema, que a gente chega na roça aí, é um pé em cima do outro... ((risos)) Ói, por que é que a gente não deve fazê isso?...
- VNF – Por que num carrega muito, fica com pôcas raízes, né?
- T1 – Mas por que que fica com poucas raízes?
- AM – Porque não tem ventilação, pro vento né?... fica muito assombrado... tem que sê espaçoso pra corrê ventro dentro, né, delas... ((tosse)) Mas ainda tem mais.
- T1 – Tem mais coisa.
- AM – É.
- RS – Nada, nada não.
- T1 – Por que é que a gente não deve plantá muito junto?
- RS – Porque se plantá ela junta, ela vai ficá muito sombrada e não vai, elas vão crescê, toda plantação que ela é junta, ela cresce, agora só tem, elas são finas, que não tem condições de engrossá, tudo ali, ensombrada e raiz também não vai botá...
- T1 – Agora, por que elas fica fina?...
- RS – Porque se ela tá ensombrada ...
- T1 – E com pouca, com pouca, às vezes cê tira e tá com pouca, pouca raiz né, porquê?
- RS – Se ela tá ensombrada...
- T1 – Além disso?
- RS – Aí fica pra ôtro respondê.
- T1 – Agora, imagine, imagine o seguinte, nós falamo muito aqui em adubação, né, em... né, porque, a... a mandioca ela tira os... os nutrientes do solo, se o solo não tem naquela quantidade, a gente coloca através da... da adubação, né, então, imagine vocês, né... imagine vocês, o... o... o seu... toda hora eu esqueço...
- RS – R.
- T1 – Seu R., forte como ele é aí, né... ((risos)) Aí ele pega o prato de comida dele como tá ali... ((risos)) Aí ele pega esse prato de comida, e a.. distribui aqui, com seu... Como é o nome do senhô?
- CC – C.
- T1 – Com seu C. também que é fortizinho, não é da mesma altura, mas é forte, aí pega o rapaizinho, ali, C. dá mais um pouquinho, qué dizê, o prato de comida que era só pra alimentá ele, tá alimentano três. Que é que vai acontecê com ele?
- CC – Vai ficá fraco.
- VNF – Fraco...
((risos))
- T1 – Não vai alimentá nenhum dos três, então, se eu boto o adubo, já sabeno o espaço certo, chega aqui, de junto, boto outro, esse aqui tá competino com esse. Tá tirano a comida desse e esse tá tirano a comida desse. Então a produção vai caí. É por isso que é bom, observá o espaço, não só pra mandioca, como todas as cultura, como ela colocô, como ele colocô também, tem a parte também de um sombreá o outro, não é... Toda cultura precisa de sol, né, ela precisa de sol pra desenvolvê bem e produzi melhó, certo? E também pra aproveitá melhó o adubo, então cê tem... O ideal na filêra simples... Nós temos a filêra simples... ((falas variadas)) (+) Filêra dupla... isso aqui é um esquema de um... de um... de uma pesquisa que é feita, né, de como a gente deve fazê o experimento, né. Eu trôxe só pra mostrá a vocês... A gente não tá fazeno experimento aqui, né, mas a filêra simples, em que é colocado aqui, ói, cê planta uma semente aqui, certo e aqui, nessa rua aqui, nessa linha aqui, você coloca de sessenta em sessenta centímetros, sessenta em sessenta e de uma... de um sulco desse aqui, né, o... ou rua, né, pra outra né, cê deixa um metro... um metro por sessenta, certo, desde

que você não plante também ladêra, certo, em qualqué sentido que você faça o espaçamento, é esse aqui, 1/0,60, cês podem fazê por exemplo, fez essa carrêra aqui, fez... não precisa marcá tudo não, cê fez essa carrêra... essa primêra carrêra aqui, né e aí você já faz um metro e aí já vai abrino na direção da ôtra.

- RS – Se basêa.
- T1 – É na direção da outra, fica certinho aqui, uma não vai prejudicá a outra, né, não vai atrofiá né, não vai dêxá assim...
- RS – É.
- T1 – Vamo dizê que aqui já tivesse um pouco de... né, aí, uma produção dessa fica boa. Por quê? Muitas vezes tá muito junto.
- RS – ...o lugá não ajuda.
- T1 – Então cê tem a filêra simples e nós temos outro sistema de plantio, que é a filêra... quem já ouviu falá em filêra dupla?
- AM – Nós. ...Se você já, já expricou ali pra nós, né...
- T1 – E aqui também já foi feito um experimento, aqui nessa área mesmo, né, então a filêra dupla, é o seguinte, vocês colocam aqui... Tá dano pra vê né, quem quisé depois eu posso até passá ai. Veja bem, então cês vão plantá de uma rua pra outra, dois metros e de uma planta pra outra, sessenta, sessenta, certo, então aqui ó, como fica bem espaçoso, tá vendo, de uma rua pra outra, bem espaçoso... Então aqui você tem ó, dois metros, sessenta de uma planta pra outra e outra carrêra aqui, sessenta também, certo? Então, cê tem aqui dois metros, sessenta por sessenta. Aí se diz assim, mas essa aí tá junta, tá jun... realmente tá junta, mas ela não está toda área junta. Então como foi colocado por M., como foi colocado pelo senhô aqui, vai batê sol de um lado e do outro, então a cultura vai sê protegida dos dois lados, né? E a questão do adubo também, né, esse aqui vai aproveitá desse lado, esse aqui vai aproveitá desse e não vai tê o problema de você plantá junto na área toda. Quando é fileira dupla, não tem esses problemas que foi colocado da fileira simples, porque você tem uma rua de dois metros. E esse sistema de filêra dupla é bom também pra quem tem pouca área. Se você tem pouca área, vai plantá sua mandioca, né então com a filêra dupla, nesse espaço aqui de dois metros, cê vai plantá um feijão, um amendoim, um milho, então cê vai tê duas, três culturas numa mesma área. Aí cê diz assim, não, ‘mas a mandioca vai sê pouca’, engano, a quantidade de pés vai sê menó, mas a produção, ó, vai sê pau a pau com a filêra simples.
- T2 – Porque a área vai sê maior, então ela tem como a raiz desenvolvê.
- T1 – Ela vai desenvolvê mais de um lado e do outro, a questão da... do sol, vai batê bem de um lado e do outro, né então não vai interferi na produção e você vai tê uma produção tão grande como a da fileira simples e vai aproveitá mais a área pra plantá o amendoim, pra plantá o feijão, pra plantá o milho.
- Doc – Batata.
- T1 – Batata.
- T2 – Na verdade as pessoas têm receio de como tem poucas plantas, automaticamente tem pouca raiz e não é verdade, porque com muito espaço você tem condições da raiz desenvolvê, tem menos concorrência na comida propriamente dita, então em vez disso o que que vai acontecê? Ela não vai deixá de desenvolvê porque tá uma perto da outra, ela com essa distância daqui, vai tá desenvolvendo porque ela tem todo espaço possível.
- VNF – E sim, qual o melhó pra plantá ela é fazê a cova ou cavá de buraco? Porque tem pessoas que cava...
- T1 – Ó... boa pergunta, repita a pergunta aí por favô.

- VNF – Sim, qual o melhó, plan/ pra plantá mandioca, é fazeno a cova um pôquinho alta ou cavano de buraco, sem fazê a cova?
- T1 – Boa pergunta.
- Doc – E tem diferença de buraco pra cova?
- T1 – Tem, tem, tem, tem, tem, tem.
((risos))
- T1 – Veja bem, geralmente, se a senhora fô num lugá do semi-árido, lá onde chove pouco, o pessoal vai plantá mais em buraco... Né?
- Doc – E qual a diferença?
- T1 – A diferença é a questão da umidade do solo, né, então cê tem, se a senhora tem um lugá que chove mais, lógico que a senhora não vai botá em uma cova, né, no que chama mussuca, né?
- VNF – É.
- T1 – Cova virada chama mussuca, porque vai ficá um pouco suspensa. Já no lugá que chove menos, a... a... a maniva vai precisá de um lugá mais úmido, né isso, então tem que sê um buraco, né, que já imaginô num lugá que chove pouco, a senhora ainda fazê uma mussuca, né, aí ali vai secá, ali é que não vai nada.
- T2 – Não vai tê água.
- T1 – Então a pergunta foi muito bem formulada né, porque chama... desperta... até o... é, a... a... a... pra essa questão, pra mussuca, é mais num lugá que chove mais, né, lugá que tem mais umidade e o buraco no lugá que tem pouca umidade, ou seja, lugá que tá menos molhado.
- VNF – E não tem diferença dela botá, carregá mais ou de buraco ou a de cova?
- T1 – A ques/ é por isso que o terreno tem que sê bem preparado, se a senhora dá um bom preparo no solo, o solo tá... tá leve, tá solto, tá bem arado né, a raiz do buraco também vai encontrá facilidade em desenvolvê, né, tem que prepará o terreno bem preparado, bem leve, bem solto, né, ará, gradeá, fazê tudo aquilo que tem que se fazê, né?
- VNF – Porque onde eu moro não tem... não tem... nunca foi arado, então a gente tem que limpá de enxada.
- T2 – Vamos mostrá um coisa bem na prática. Vamos dizê que seu solo tá arado, seja esse aqui, a raiz pra penetrá, não fica mais fácil?
- RS – Fica mais fácil, porque a terra tá solta.
- T2 – E vai desenvolvê mais, se você tem um solo duro, pra raiz penetrá não vai sê mais difícil? Então ela rompê, pra engrossá, pra ficá maió, não vai sê mais difícil?
- AM – É claro.
- T2 – Ela não vai tê resistência para crescê...?
- VNF – E como ela sai na pedra?
- T1 – Como é? Ela não sai na pedra, nos espaços... agora, ela vai empurrano, mas ela não desenvolve do mesmo jeito que ela desenvolveria num solo assim...
((risos))
- RS – É tanto que a mandioca que ela planta numa pedra, ela nunca é mandioca, ela é toda cheia de buraco...
- T2 – Ela é toda atrofiadazinha, porque ela vai procurano os espaços pra desenvolvê.
((risos))
- T2 – Mas, imagine ela, num lugá desse assim?
- T1 – Não, veja bem, é... é... ((risos))... tem esses casos, uma coisa é produzi e outra coisa é produzi bem. Vamo diferenciá uma coisa da outra, né, a uma coisa é uma pessoa colhê dez quilos e outra coisa é colhê mil quilos.

- AM – Colhê bem. Aprendê pra colhê bem.
- T1 – *Quantidade de manaíva*, foi feito uns cálculos aí, a gente sabe mais ou menos quanto é né, então de quatro a seis metros cúbicos de haste para plantio de um hectare, então veja bem, com manivas de vinte centímetros, seiscentas hastes dessa aqui, cê tirando as... as extremidades né, a parte de cima e a parte de baixo da base, fica mais ou menos, vamo dividi uma pela outra, cinco metros, aí você tirando de vinte em vinte centímetros, dá cinco covas, não é? O suficiente pra cinco covas, né, então com seiscentas hastes, você tem três mil manivas que dá um metro cúbico, então, vamos botá aqui, entre quatro e seis, vamo dizê que um hectare pede cinco metros cúbicos... Então aqui, vai dá o quê? Três mil vezes cinco, quinze mil, quinze mil o quê? Pedacos daquele, né, ou seja...
- RS – Quinze mil covas, quinze mil buracos.
((risos))
- T1 – Seria no caso aqui, é... três mil hastes né, três mil hastes daquela. E o produtô daqui não precisa tê essa preocupação de... de usá a maniva, porque aqui tem maniva suficiente, né, só se dé uma estiagem, né, e... e faltá na época que o produtô precisa, mas normalmente, né, no município de Catu, que chove bem, né, sempre tem o material, né, então é bom escolhê o material porque o produto final vai sê a resposta daquilo que você fez antes, né, se escolheu uma boa área, se escolheu uma boa semente, né, se fez uma boa adubação, a resposta vem depois, também se fez tudo ao contrário, não escolheu uma boa área, né, aquelas coisa que a gente já conversô, quando fô vê a produção, né...
- RS – A resposta vem depois também...
- T2 – ...e B. também fez uma coisa, chamô a atenção de uma coisa muito importante, de produção e produtividade, por exemplo, um... um hectare de mandioca aqui, você tira quanto?
- RS – Eu, eu mesmo, eu não tenho base que nós, eu mesmo, vou fazendo os poucos pra comê e nunca fiz base...
((risos))
- T2 – Mais ou menos?
- T1 – Isso aqui foi meu filho... eu pedi pra ele botá um pedaço de maniva aqui ((risos))
- T2 – Mais ou menos...
- RS – Num hectare, mais ou menos ela vai pra...
- T2 – Aqui na região B. um hectare dá quanto?
- T1 – A média é treze tonelada por hectare de raiz.
- T2 – Treze toneladas de raiz. Treze, isso você produziu, se você chegá a quatorze, quinze, você chegô a uma produtividade, se você chegá dentro de treze toneladas, se você chegá cinco toneladas, você não deixou de produzi, deixou?
- RS – Não, não.
- T2 – Você produziu... só que você não alcançou a produtividade. É o máximo que naquela área se colhe. Existe uma diferença, produzi num pé, vários pés no caso de jaca, uma planta dessa que já deu, cê produziu, não produziu? Agora, cê produziu pouco.
- RS – Pouco é.
- T2 – E você não tem que tá atrás de produção, cê tem que tá atrás de produtividade, porque você já vai aumentá o seu lucro. Cê tem que aumentá o seu lucro, abaixá o seu custo, com pouco adubo, mas com uma área boa, que você tem uma produção muito é... é... muito acentuada de raiz e automaticamente, cê vai tê muita farinha. Entendeu, aí você vai alcançá, o quê, produtividade.

- T1 – Como o colega tá colocando aí, a produtividade é aquela produção por área, então veja bem, cê tem um hectare, é... dez, dez toneladas por hectare, né, aí você tem a produtividade por hectare, aí quando você... [...]

Fita 3- lado A

- RS – ...choveu, tá plantano.
- T1 – Agora, com mais segurança, até julho é mais seguro, né pessoal? Qué vê, foi em 96, 97, setembro não tinha mais chuva, né, outubro não teve...
- RS – ...o mais adequado é fazê no mês de agosto.
- T1 – Agosto.
- RS – É agosto, aqui, sempre quase todo mundo planta sempre no mês de agosto, no mês de agosto é a plantação certa daqui.
- T1 – Desde 96, 97, aí...
- RS – É...
((risos))
- T1 – Esses custeio que eu fiz de mandioca, deu Proagro, deu Proagro, quando acontece, ali naquele ano, quem plantô mais cedo, né...
- RS – É.
- T1 – Mas tano tudo normal, é agosto, né?
- CC – É, tano tudo normal, é agosto, é. Porque acrescenta o mês de junho, julho, vai dá mais trabalho, que aí vem aquela chuva e seja de quinze em quinze encharca...
((conversas))
- T1 – Que negócio é esse aí rapaz, que eu não entendi? Não entendi não, fala aí, fala aí!
- CC – Não, eu tô preguntano a ele o seguinte, se ele chega numa roça e vai tirá várias manaíba, se ele, toda a gente conhece, tem delas que ele não conhece, se ele pranta ela? ((risos)) Você responde agora.
((risos))
- RS – Não, não, você é um pião que ninguém pode se fiá em você...
((risos))
- CC – É pra você.
((risos))
- CC – Cê tá com maldade, é?
- T1 – Já pegô a mandioca dele?
- RS – Eu não!
((risos))
- AM – Ele ficô ali parado, né, fala uma coisa, tá discernino ôtra.
- RS – Eu não ((risos)).
- AJ – Tem a pracatu, tem a pratinha, tem o mata negro...
- Doc – É o quê, é os tipos?...
- AJ – Tem a lagoa preta...
- Doc – É os tipos é?
- AJ – Tem a lagoa branca...
- T1 – Ói...
- Doc – É?
- Film – Pergunta aí S...
- Doc – É o quê? É os tipos é? Os tipos é seu... é?
- RS – É, tem vários tipos, mas só tem que ele preguntô se você conhece a mandioca dele, a mandioca dele, porque não sei... porque aqui nós temos a mata nego, tem

- maniveja, tem mariquita, temo a ruadêra, temo a... a... aquela... tem uma tal duma... a... daquela dura, descapada, milagrosa, são mandioca que a gente pranta aqui, todas são mandioca.
- Doc – Eu só conheço mantêga.
- RS – Bom, a mantêga é aimpim.
- Doc – Ah, é?
- RS – É, aí, já vem o... o aimpim que é mandioca mansa...
- Doc – É?
- RS – É o manteiguinha, cacau...
- Doc – Hã...
- RS – Casca de queijo, são, é o tipo de aimpim.
- Doc – Aimpim.
- RS – Aimpim. Casca de queijo...
- AJ – E os ôtro?
- RS – Os ôtro é aqueles ôto...
- AJ – E o rosa?
- Doc – É o rosa é o quê, é aimpim?
- RS – É aimpim tombém, é...
- Doc – É? E é bom?...
- AJ – E cacau?
- RS – Cacau mesmo eu tenho ali, cacau, porque ó... ó... ele ali ó... ali ó..., ali, tenho ali cacau, tenho ali em cima, tenho casca de queijo, tudo isso...
((conversas paralelas))
- Film – Vamos sabê das mulheres, quem é que conhece mandioca aqui, vamos? ((risos))
É mandioca mesmo, não tô falano maldade não, é mandioca, responderam ali que sabem os nomes...
- Doc – Vá...
- AA – Eu conheço pratinha...
- Doc – Paratina?
- AA – Pratina.
- Doc – Pratina? É um tipo de mandioca?
- AA – É. De casca branca...
- Doc – De casca branca...?
- AA – É, fininha...
- Doc – E aimpim?
- AA – Aimpim vários, né, manteiga, cacau, vários qualidade...
- JQ – Agora nós já temos aimpim que tá apareceno na área né, aquele aimpim que a casca é branca que nem a mandioca e ele é manso, tombém, ele não tem o cianidro, ele se come, é... é gostoso, agora não tô bem certo assim o nome dele, é...
- Doc – E quando é um... um... uma mandioca... E quando é nova assim, como é que vocês sabem que pode comê ou não?
- DJ – Conheco assim, como moleque, aimpim de moleque...
((risos))
- Film – Aimpim moleque?
((risos))
- DJ – O aimpim moleque é o que tem a casca branca. Que nem mandioca, mas se come assim mesmo.
- Doc – E quando ele aparece, que ele é novo, como é que você sabe que você pode comê? A diferença de mandioca...

- DJ – Porque tem que sabê a verdade mesmo, se ele é o aimpim prantado, a semente certa, pa num prantá pensano que é ôtra mandioca, a toa, e prejudicá a saúde da pessoa.
- JQ – Já se pranta separado...
- DJ – É separado... tem que prantá separado...
- JQ – Agora mesmo, o cidadão vai lá... da... da Palmêra, é tá... tá o moinho...
- T1 – Eu só peço a vocês o seguinte, é como diz dona... Como é o nome da senhora?
- JQ – D.
- DJ – D. D.
- T1 – D., tem que tê certeza, né?
- DJ – É, exatamente...
- T1 – Que é aimpim...
- DJ – Que é aimpim.
- AM – É como nossa amiga ali, R., hein R., que se enganô...
- T1 – Que é perigoso...
- AM – Que cozinhô o quê? A mandioca que foi, a mandioca...
((conversas paralelas))
- Doc – Mas depois... que ele terminá de explicá, aí cê pode continuá filmando ali, almoçando... depois que você terminá de falá aí você pode sentá pra almoçá, e ele vai filmando.
((conversas paralelas))
- T1 – Vamo, vamo, vamo andá, ói, ...
- Doc – Que eles já devem tá com fome.
- T1 – Vamos vê, vamos vê...
- Doc – Doze e meia já.
- T1 – Gente, só... É, ói, vamo dá aqui agora um, ói... né, que eu sei que chega perto do horário de mei dia, começa a... a barriga começa...
((risos))
- T1 – Óh, as cultivares, né, os tipos de mandioca que tá se falano aí, cê tem a precoce, que você vai, cê ranca cum um ano, doze meses, por exemplo, é a platina é uma delas. Você tem a semi precoce que vai de quatorze a dezoito meses, é o caso da milagrosa, tem a tardia vai de dezoito a vinte e quatro, chama salango, tem a preta e tem a branca. Ói, você deve plantá apenas uma cultivá dessa em cada tarefa, por exemplo, tem aquela área ali, se vai plantá platina, planta platina, se vai plantá milagrosa, planta milagrosa, se é mata negro, planta mata negro. Não é recomendado você misturá as variedades, possa sê que cê teje plantano uma... uma precoce, de uma ano, com uma tardia de vinte e quatro meses, quando vai arrancá, tá arrancano uma assim e outra com cada raiz que não tem mais tamanho. Então, sai o material todo diferente, desuniforme, não vai tê uma matéria prima boa, uma... uma amadureceu bem, outra mal, né, então cada talhão, ou seja, cada área você planta uma cultivá dessa, né, se é milagrosa, é milagrosa, mesmo que só tenha uma área, separa, separa, mas não misture não, né, daqui até aqui, eu plantei milagrosa, daqui pra cá eu plantei plantina ou a outra né... ((vozes)) *Tratos culturais*... O que é o? Quem sabe o que é trato cultural?
- JQ – Já ouvi falá, mas...
- T1 – Já ouviu falá em capina?
- JQ – Capinação, já.
- T1 – É um trato cultural, né...
- T2 – É um trato que você dá na planta...

- T1 – É.
- T2 – É o cuidado que você tem com ela...
- T1 – Entendeu?
- T2 – ...é chamado de trato cultural.
- T1 – Então plantô, depois vem os tratos, vai... vai fazê uma catação de uma praga né, ou vai aplicá um produto, é... é... é uma, é um trato cultural. Vai fazê o quê... um desbaste, ou seja, tirá o excesso de planta, é um trato cultural, vai fazê uma capina é um trato cultural. Então não adianta nos primeiros sessenta dias tem que tá no limpo, principalmente, então a primeira com trinta dias e a segunda né, com sessenta. Então as duas primeiras capinas com trinta e sessenta dias.
- RS – Pede mesmo pra num dêxá as primeira limpa...
- T1 – É.
- RS – Depois que passô as primêra no tempo certo ou a segunda, a tercêra é se quisé e a depois em diante é se quisé fazê.
- T1 – Ói, nós plantamos algumas unidades de observação de mandioca, em algumas localidades aí, uns cuidaram direitinho, a bicha tá bonita, outras, o mato, o mato, você não sabe se é mato ou se é mandioca, né?
- Doc – ((risos))
- T1 – O que é isso? É porque lar.. é porque, largaram, né, como num capinô, né, aí realmente não tem produção, não tem produção.
- JQ – Não fez trato cultural, né?
- T1 – É, não fez o trato, não fez as capinas... Perde, perde muito, eu vi isso, a gente tava fazendo a vistoria aí e eu vi o quanto prejudica, no lugá que o rapaz deu pra, pra limpá, né, saiu até mais ou menos, agora, o outro que não houve a capina, ou a limpa, como vocês chama, é mato puro. Agora, *a poda*, a poda apenas para novos plantios e assim mesmo, você pegano de dez a quatorze meses. Por que você não deve fazê a poda?
- RS – Aqui nós chamamo de decotá.
- T1 – ...é, decotá, que seja...
- RS – É, aqui nós chamamos de decotá.
- Doc – E o que é decotá?
- RS – Decotá, ói, digamos, decotá é assim, nós vamos, nós vai prantá, aí nós não temo essa manaíba, aí nós pegamo, pá, quando chegamo aqui, cortamo, deixamo lá, e pegamo essa manaíba pra ir prantá, aí nós chama de decotá.
- Doc – É cortá a raiz?
- RS – A manaíba corta, corta aqui... essa fica no mermo lugá, porque agora esse toco que ficô lá, aí nós vem, dá uma limpa, que'le vai torná a retonhá novo pé aqui...
- Doc – Hum... vai torná a retonhá...
- RS – Retonhá e crescê.
((falas, risos))
- JQ – Ou brotá... É ou brotá, retonhá ou brotagem, conhecemos tombém como brotagem.
- T1 – Aí vai servi muito pra ela esse termo aí... ((risos)) Oh, então veja bem, por que não deve fazê a poda?... Porque quando cê faz, é... você faz a poda, você vai tê um material com alto teô de fibra e o teô de amido, né, o amido que tá aqui, pra fazê a farinha, né, chama de... de goma, aquelas coisa toda...
- DJ – É... ela caí a produção...
- T1 – Cai a produção, então veja bem, se você faz a poda, vai aumentá... vai ficá fibrosa e o amido, pouco amido. Então só deve sê recomendada a poda, só deve sê feita quando for fazê novo plantio e assim mesmo, escolhenho aquelas maniva

- de dez a catorze meses, justamente que já tá próximo a colhê, né, aí já não vai tê problema.
- JQ – É.
- T1 – O que é um trato fitossanitário? (+)
- JQ – Trato o quê?
- T1 – Fitossanitário.
- JQ – Fitossanitário... eu não sei.
- AM – Não sei também.
- RS – Pode sê inté...
- T1 – Sabe o que é combate a praga? (+) Sabe o que é combatê uma doença, uma praga? Cê tá fazeno um trato fitossanitário. ((falas diversas)) Aplicação de defensivos, né, então, a praga, a mais famosa, vamo dizê assim, que traz muito prejuízo a lavôra da mand/ da mandioca é a da folha que chama de mandarová, é aquela que só fica o talo.
- JQ – O talo...
- T1 – Uma vez em Cruz das Almas, eu olhei assim, só tinha o talo, não tinha uma folha, tudo no talo, o mandarová tinha comido tudo. Aqui tem dado isso, mandarová?
- RS – ... aqui não dá muita praga em mandioca não.
- JQ – Mandarová é o quê, uma largata, uma praga?
- T1 – Isso, uma lagarta. Só fica o talo, não é formiga não.
- AM – Aqui não dá não.
- T1 – Come as folha toda.
- AM – Aqui é muito difícil, nunca vi.
- RS – Teve um ano que a gente viu...
- JQ – É, teve...
- RS – ...só via as (incompreensível).
- T1 – E foi feito o quê?
- RS – Rapaz, eu nem sei.
- JQ – Ninguém procurô poverizá nem nada, né, aí passô o tempo, né, aquela praga sumiu...
- RS – A chuva...
- JQ – É, é isso né, veio o clima de seca.
- T1 – É, aqui eu num vi esse ataque assim não... Agora...
- RS – Só quem ataca aqui é a formiga...
- T1 – Você tem a... a... tem um... um... um preparo que é feito com a própria lagarta, pra sê apli/ pra sê pulverizado na... na lavoura, pra combatê a... a merma praga. E se fô químico, tem o dipiterex, pó molhável oitenta por cento, cê bota quarenta gramas em vinte litros de água e depois pulveriza, certo e a doença a... a mais falada assim é a podridão radiculá é o apodrecimento da raiz. Quem foi que falô em apodrecimento aqui? Foi a senhora?
- DJ – Foi.
- T1 – Então evitá cultivá em solos pesados ou mal drenados, não se... não é pra você plantá mandioca em solo argiloso, né, argila é pra outro tipo de cultura, pra cacau, cana, mas pra mandioca não. O solo tem que tá solto, né, então o solo pesado, encharcado, tudo isso pode causá a podridão, né? Agora, quando o solo tá normal, né, e tá acontecendo isso, é o que eu disse a senhora aqui, oh, fazê a rotação de cultura, se o solo não é pesado e não tá encharcado aqui, os solos normais e tá acontecendo isso que a senhora falô, foi o que eu lhe respondi, oh,

- fazê a rotação de cultura... O que é a rotação de cultura? É i mudano o produto, certo? Plantô mandioca...
- CC – Só presta isso aí... banana, né... O lugá que apodrece muita mandioca, é bom, só dá banana, quiabo, esses negócio... esses daí não apodrece.
- T1 – Qu'ê solo pesado...
- CC – É solo pesado... a mandioca não guenta, a banana não apodrece.
((falas))
- T1 – Então veja bem, né, em solos normais, se acontecê isso, fazê a rotação de cultura e evitá feri as raízes durante a capina, que também pode causá a podridão, tá capinano, evite feri as raízes porque vai dá podridão e o solo como eu falei, volto a repeti, com muitos anos com mandioca, a produção vai caí também e vai começá a dá podridão também. Então planta um feijão, descansa por dois anos, planta feijão, planta milho, planta amendoim, depois volta pra mandioca...
- JQ – B...
- T1 – Oi...
- JQ – Eu queria fazê uma pergunta, é... você já falô aí várias veze é... solo agiloso, né, agiloso, agila, né, contém argila, né, o solo que contém agila é aquele solo que tem mais a natureza que é do barro, que a gente chama barro de telha, é cerâmica, né, massapê né...
- T1 – É, maiô teô (incompreensível)
- JQ – Que fala em agila, agiloso né, as pessoas teem que sabê né, qual a natureza ...
- T1 – Arenoso, arenoso é mais fácil de compreendê que vem de areia, né?
- JQ – De areia...
- T1 – ARENOSO...
- T2 – Normalmente quando cê pega, quando tá molhado cê pega aquelas bola e rumá nos outros e dá uma dô danada, né isso?
((risos))
- T1 – Agora a gente fala que é o solo arenoso, mas mandioca também não é só areia pura não, é areno-argiloso...
- JQ – É isso aí...
- T1 – Que ele tenha também, um teôzinho, como o senhô falô aí né, um teôzinho de argila também, né?
- T2 – Cê observa logo, quando você tem um solo muito argiloso, quando chove, fica aquela poça, aquele negócio, aquele bem carregado...
- T1 – Uma dica que eu tenho pra dá pra vocês é o seguinte, se vocês tem um solo com muita areia, você coloca o adubo orgânico pra ele ficá mais consistente, se você tem o solo muito argiloso, a... o próprio adubo orgânico melhora as condições química dele.
- Doc – E todo mundo aqui sabe o que é o adubo orgânico?
- T1 – Sabe? O que é adubo orgânico?
- JQ – Adubo orgânico, eu conheço como que fosse o adubo de galinha, o de gado, é esterco de ovelha, é... e me parece que tombém esse adubo que é titurado, do... do lixo, aquele né, orgânico? Né, o lixo?
- T2 – Resto vegetal, orgânico, resto de alimentação... o processo de decomposição, o processo de tá fermentando, aí ele se torna bom pra colocá na, no plantio, isso é que é também adubo orgânico...
- T1 – *Colhêta*, né, colhêta, completado o ciclo né, as folhas mais velha começa a ficá amarela, cai né, isso aí vocês já tão doutores no assunto e também ficá atento ao período né, não vai pegá uma mandioca que muitas vezes tá amareleceno por um problema, mas não tá no tempo de arrancá, não tem um ano, né pois é... Então

- tem que vê tudo isso, porque não é só, não é só um fatô, né, não é só, ficô amarela, porque tá madura, né ou então deu um problema né, pode sê a semente, pode sê a adubação, pode sê uma praga, pode sê uma doença, entendeu, então as coisas tem que sê observada, tem que acompanhá né, e sempre que não tivé a resposta, procurá um técnico. Porque uma coisa pode parecê que, que, que é o problema e muitas vezes não é né, é mais de uma coisa. Muitas vezes até amareleceu porque o sol foi muito intenso e às vezes não é problema nenhum.
- T2 – Agora falá de uma coisa que vocês mais gosta né, de lucro.
- T1 – Ah, isso é o que eu mais gosto de falá também...
((risos))
- AM – É, é quando a gente pranta a maniva, então nasce muitos olhos, né, assim, aí o pessoal, tem algumas pessoa que tem a mania de pegá e diz que tirá a metade dos olho dela e deixá só um, aquele bonitão, dois né, um ou dois e rancá os outros três, que às vezes dá três, quatro, isso é certo? Ou então quando ela também já tá grande, que ela tá toda esgalhada, quando a gente vai limpá ela, a gente tem uma mania de tirá uma galha daqui, tira uma galha de lá, dizem que... pra ela crescê... são duas pergunta.
- JQ – Pra produzi mais...
- AM – Pra produzi, isso.
- JQ – Pra reproduzi.
- AM – Isso faz caí a queda do... na produção dela, ou não tem portância?
- T1 – Ói, existe uma coisa chamada ciclo, se o ciclo, ou seja, a cultura é pra se, é... é pra, é... a produção dela é com um ano né, o que passá daí, a tendência é diminui, por isso que vocês não pode demorá de fazê a colhêta, se você demora de fazê a colheta, a produção... ((risos)) Opa, tem um cajuzinho aí, a... a produção diminui, tendeu? Por isso que eu não tenho, eu não tenho esse dado de pesquisa, mas eu acredito se ela com, chegô com, completô o ciclo, chegô no tempo de rancá e não rancá, a produção tende a caí. Agora, inhamé, inhamé, eles usam muito a questão da capaço que ele tira aquela semente tuberosa grande, corta e dêxa ali e vai nascê as, nas extremidades vai sai aquelas ali, que eles utiliza pra replantá, agora, pra mandioca... mandioca passô o ciclo, dêxô lá, a produção vai caí, a tendência é caí.
- JQ – Porque viu B., porque o meu menino mermo, ele plantô uma roça de aim/ de... de macaxêra, de aimpim, que agora mermo ele já tá começano com sete meses, né, pra oito, ele tá começano a rancá, e... e ele realmente cortô a manaíba na técnica né, aquela, é...vinte centímeto, prantô, só que eu não sei lá o motivo dali, da... da... dos, é, o que a gente chama de olho...
- T1 – De olho...
- JQ – É, né, então naceu, teve deles que nascerô cinco varote, cinco, seis varote, aí eu disse assim: ‘N., é com varote que naceu aí e você vai dêxá criá todos, e será que... como é que vai ficá a produção desse aimpim, será que vai dá bom, ou vai diminui, bem... eu da minha... meu pai, aqui acostumava a prantá aimpim direto, ele sempre só dexava dois, um ou dois e os ôto ele tirava, agora você faça lá...’ é tanto que ele já tá começano a rancá o aimpim e ele até dêxô, não tirô né, é isso que eu queria sabê, logo pequeno quando começa a nascê...
- T1 – Mas aí, ele viu a produção?
- JQ – Não, ele por sinal, ele tá rancano ele novo, ele tá rancano sete meses, aí tá começano aí... é, é...
((falas diversas))

- T1 – É, o... o importante é o seguinte, é que... a gente falô nes'tante aqui, se você deixa muito junto, tem a competição, né?
- JQ – Ah, sim, é, é.
- T1 – Imagine, praticamente pegado...
- AM – É.
- RS – É, ele só deixa um, dois...
- T1 – Desbasta, né chama de desbaste...
- JQ – É desbaste, é sim...
- Doc – O que é o varote?
- JQ – Varote que eu chamo é a manaí/ a manaíva né, é a que nace em vários pés né, em vez de nascê um ou dois, nace cinco, seis pés, assim sem aquela ...
- T1 – Ali a produção vai... tudo... como o olho, nasce tudo assim... ((falas))
- JQ – É, é...
- T2 – Todo olho tá maduro, aí nace todos... aí ele tem que eliminá, dêxá um ou dois pra não tê competição...
- Doc – Mas o varote, o que ele tá falando é isso aí...?
- T1 – É a competição, vai tê a competição.
- JQ – Acontece que aqueles olhozinho, que a gente chama de olho, vocês chama de... como é o nome de... de... eu esqueci...
- T1 – E outra e como eu falei, vô torná a repeti...
- Doc – Pode chamá do jeito que o senhô chama mesmo ((risos)) É gemas de maniva...
- T1 – Eu queria que ele batesse umas foto da gente... cadê ele?
- JQ – Tem outro nomezinho.
- T1 – Então veja bem, é, chegou no... no... no período, se você plantô, cê tem consciência que aquela mandioca é de um ano, colha com um ano, que pode rancá, que a tendência é diminui a produção, vai caí, vai caí a produção, a produtividade vai caí. Olhe aqui a *rotação de culturas*. O que é a rotação de cultura? É você tá mudano a cultura, certo? Descansá a terra ali, com aquela, com aquele, por exemplo, plantô mandioca muitos anos, descansa um pouquinho, dá dois anos aí planta feijão, planta milho, que se não, a produção também vai caí. Então tem que fazê a rotação de cultura, tem que i mudano, se tem duas, três área, ali onde não tinha mandioca, planta mandioca, onde tava mandioca planta ôta coisa, planta o amendoim, que amendiom também vai bem né...
- VNF – E quando se planta, que nós somos costumado a plantá assim, no período de março mesmo né, aí uma área só pa, que não se tem tempo de fazê tanta área, então uma área só a gente planta a mandioca e planta feijão, no fundo da mandioca, das cova, se planta feijão, ou às vezes batata, ou às vezes mesmo amendoins, no fundo da cova, da... da mandioca.
- T1 – Mas o bom mesmo pra senhora fazê o consórcio, é com a filêra dupla, com espaço maió, porque tudo isso aí é competição, a não sê que a senhora já teja próximo a colhê, aí não vai, não vai, não vai prejudicá mais né, se já tá próximo a colhê, não vai tê mais o que prejudicá, né, mas se a senhora planta com, com a cultura em desenvolvimento, lógico que uma vai senti e a outra também vai, é o negócio do prato de comida né, pra dois, três, né?
- AM – Pra dois, três
((risos))
- T1 – Aí a senhora diz, não, mas produziu, produziu... mas poderia tê produzido mais.
- T2 – É igual pegá um menino crescono e dava muita comida, alimentava ele direito, o menino vai ficá forte, se você trabalha com alimentação regrada, de pôquinho

- em pôquinho, ele vai crescê, só que vai ficá ainda pequeno em relação pra o que ele poderia crescê.
- T1 – E outra coisa também, quando não faz rotação de cultura, cê planta muito tempo aquela mesma cultura, ataca pragas e doenças, que já tá viciada ali né? Ali tem mandioca, então a praga que gosta de mandioca vai procurá, quando chega lá não vai encontra mais mandioca.
- VNF – Tem uma praga de bananêra... as vez dá pra ficá amarela... aquela praga de bananêra, né isso?
- Doc – Como é o nome da praga?
- VNF – Ah, não sei o nome não.
- Doc – E faz o quê?
- VNF – Ah, o pé vai ficano amarelado e vem a morrê e ele num bota, num bota cacho...
- T1 – Mal do cigatoca
- Doc – Como é o nome?
- T1 – Mal do cigatoca. Pode sê cigatoca amarela, agora, é o que eu tô dizendo, uma das vantagens de fazê rotação de cultura é isso, por exemplo, mandarová não gosta de mandioca? Não gosta? Ela tá acostumada a sabê que ali tem mandioca, mas quando fizé a rotação de cultura, trocá a mandioca por feijão, se ela gosta de mandioca, ela vai chegá lá, não vai encontrá.
- VNF – Não encontra mandioca, encontra feijão.
- T1 – Então, é por isso que tem fazê a rotação de cultura, pra não diminui a produtividade...
- T2 – O solo também...
- T1 – E pra, pra não retirá muito aquele adubo que aquela cultura gosta demais e a questão das pragas e doenças, né, por isso que deve mudá. *Comercialização*. Em forma de raiz, na propriedade ou transportada em farinha, vendida a intermediários na propriedade ou diretamente nas feiras pelos próprios produtores. Agora a gente, agora aqui a gente precisa conversá.
- Doc – Ele qué tirá a foto.
- Film – De quê?
- T1 – Daqui mesmo. Ah sim, é porque aqui é um consórcio, depois ela vai me arrumá uma...
(risos)
- Doc – Pro relatório dele... pode tirá.
- T1 – Se não tivé repetida.
- Doc – Pode tirá.
- T1 – Oh, a comercialização, aí o pessoal diz, quando chega na época que produz muito, vige Maria, não qué sabê mais de mandioca, né assim? Não quero mais sabê de mandioca, aí cê vai pra Irecê, né, chega lá, o pessoal, que nada, vou plantá mamona, feijão e milho, não vou plantá mais, cê vai pro sul, o pessoal diz, cacau, não quero nem sabê, né, vai pra região, vai pra região de, de, de... (+) então todas essas culturas né, todas as culturas teem um período que ela tá com o preço bom e outra tá com o preço ruim. Já imaginô se nós fóssemos trocarno as culturas? Farinha baxô o preço, não, não vou plantá mais mandioca, vamo plantá feijão, aí todo mundo planta feijão, tem uma produção grande...
- DJ – A maioria, ninguém tem mandioca, porque tá, tá barato.
- T1 – Aí diz assim, não, não vou plantá mais feijão, vou plantá, aí todo mundo planta amendoim, então o problema, o problema não é você tá trocarno as... a... de cultura, certo, o que você tem que fazê é o que a gente tá conversano desde o início. É baratiá o custo pra produzi e produzi mais. Pra quê? Pra que você seja

competitivo no mercado, ou seja, pra que você tenha sucesso no mercado quando fô vendê, mesmo, mesmo que tenha muita produção, certo? O que é que tá acontecendo com a farinha agora? O preço né...

- JQ – Disparô.
- T1 – O preço tá lá em cima, oi, a farinha em Salvador tá um e trinta, um e cinqüenta, o quilo.
- Doc – É, na veja tá dentro dos produtos que mais subiram, é... é nos últimos anos.
- T1 – Agora eu pergunto uma coisa a vocês, a área de mandioca plantada aumentô ou diminuiu?
- RS – ...diminuiu.
- T1 – Não foi? Justamente. Isso mesmo. A Bahia já foi a primeira produtora, é... de mandioca do estado, do... daqui do país né, e hoje, parece que estamos, me parece em terceiro lugar, em função da diminuição de área, o pessoal começô a plantá menos, então por isso que eu digo, às vezes um... um prefeito novo toma posse né, aí diz assim, ‘ô B., qu’ê que cê acha de pinha pr’aquí, qu’ê que cê acha de caju anão’, uma série de coisas né, e as pessoas preocupadas, principalmente aquelas que assiste globo rural, que vê aquilo né, que vê muita coisa bonita né, acha que pode fazê uma na sua propriedade também, mas não é bem assim, o negócio é um pouco complicado.
- RS – E aqui nós perdeu, uma vez nós foi lavrá pinha aqui, só perdeu dinhêro, pinha, sinsal... esses negócio aqui é perdê dinhêro, isso aqui num funciona aqui, até o próprio cacau, ah eu tenho um pé de cacau, bota muito, faça uma roça, faça uma roça dele pra vê se ele vai produzi como um pezinho que tem lá no quintal?
- T1 – A questão da comercialização é isso, eu acho que a farinha, a mandioca que vocês plantam pra fazê farinha né, que é o produto principal pra farinha, a mandioca, o produtô não deve deixá, nem mandioca, nem banana, nem cultura nenhuma, pra ficar trocano de cultura, que se não vai terminá se perdeno e no final das contas, nem tic, nem tac, como diz o outro. O que o produtô tem que fazê, é valorizá a sua cultura, é produzi e produzi bem, não é? Se eu tenho sem técnica nenhuma, chego a dez toneladas; com a técnica, pode chegá a quinze, vinte, por qu’ê que não fazê com a técnica né, por que se você faz com a técnica e você aumenta cinquenta e até mesmo cem por cento, né, do... da produção em relação ao que vocês vinham produzino, mesmo que tenha muita gente produzino e que o preço caia, vocês não vão tê esse prejuízo, porque se produziu muito mais, então o custo baixou né, então se, vamo dizê se você gasta um real pra produzi, por exemplo...

Fita3 - Lado B

- T1 – ...seu custo vai sê cinqênta centavos, né isso? Então o produtô tem que tá preocupado em produzi, não só em produzi, cê qué vê uma coisa, horta, cultura de horta que o pessoal chama né, de olerícola, hortícola, tem um bocado de nome, então o pessoal que planta quentro, tomate, cebola, esse negócio, não tem... têm pessoas que não tem dificuldade em produzi, agora, pa comercializá, minha amiga, sabê comercializá, sabê vendê é complicado, principalmente se ele não observa a questão do custo, tem que baratiá o custo e produzi mais, certo?
- RS – ...vende mais barato, mais, vende tudo mais rápido, uma ocasião mermo, eu tive uma plantação de maxixe, aí eu fui pa rua vendê, quando cheguei em Catu, despejei um bocado de maxixe, aí fui vendê pela metade do preço dos outro... nego tinha... num momento eu vendi uma carga de maxixe e lucrei muito mais

- do que eles, que tava vendendo mais caro, eu levei um bando, num momento eu vendi.
- T1 – Agora, por que é que o senhô vendeu mais barato? Porque o senhô pode vendê mais barato.
- RS – Exatamente.
- T1 – Né isso?
- RS – É.
- T1 – Então veja bem, nem sempre quem vende mais caro tá ganhando mais, é, fulano tá rôbano, tá vendendo a dúzia de banana por um real, outro tá vendendo a cinqüenta centavo, mas aquele que tá vendendo de um real, muitas vezes ele comprô adubo, ele não utilizô mão de obra familiar, que eu nem falei pra vocês, mas a mão de obra é que representa bem a agricultura familiar. Essa... que antigamente o governo chamava de baixa renda, hoje ele chama de agricultura familiar né, a mandioca representa perfeitamente um produto típico da agricultura familiar. O produtô e sua família é que produz a mandioca. Então veja bem, nem sempre, como eu tava dizendo, nem sempre quem vende mais caro tá ganhando mais né, eu num falei aqui em adubo, que é adubo, cloreto de potássio, super simples, né, é bom, mas o produtô também tem que i pa ponta do lápis, tem que vê quanto é que vai sair isso, quanto é que custa, se ele tem uma produtividade né, ou seja, se ele tá produzindo mais naquela área do que ele produzia antes que ele vendendo dá pra cobrir custos com adubo, com mão de obra, com tudo e dá pra ele ganhá dinheiro né, compensa, mas vamos dizê que o adubo, com esse negócio de dizê que o adubo é... é dolarizado né, o dólar subiu né, aí o adubo vai lá pra cima, talvez não compense naquela época, com aquele preço o senhô comprá o adubo né, não é porque B. e A. chegou aqui e disse que o adubo é bom, que produz bem, que eu vou comprá, eu vou primeiro vê se aquele adubo, daquele preço, com a produtividade que eu vou tê, compensa eu adubá a terra, né, então cê veja que uma coisa tá ligada com a outra, né, a gente recomenda mas na hora que você vai fazê o seu planejamento, você tem que vê se... se... se vale a pena cê fazê aquela prática ou não, não é?
- T2 – É importante vê não só o lance de adubação em cima de análise de solo, não é simplesmente chegá e sai jogando adubo, pa depois não dizê assim, ah, A. e B. tavam dizendo pra jogar adubo assim, assado.
- T1 – Mas ficou bem esclarecido, não é?
- T2 – Tá entendendo, então vamos olhá aí, é importante vocês verem o seguinte, se você vai vendê um produto, você tem que sabê pra onde você vai vendê e qual é a necessidade dessas pessoas que compram, por exemplo, vocês vendem pra Catu, mas Catu no mercado, a população, a comunidade gosta do tipo da farinha amarela, de uma farinha assim, que você só vai tê se você tiver uma variedade específica, então você já tem que tê uma preocupação com a variedade. Se você vai tê que tê uma farinha solta, você tem que tê uma forma de fazê específica, então tudo que você fizê ou do plantio, cê tem que sabê pra quem vai vendê, se você vai vendê pa Catu, vai vendê pa Pojuca, Alagoinhas, cada uma, cada um desses locais tem uma forma específica de farinha, então tem uma preocupação de sabê isso.
- T1 – Uns gosta mais grossa, outros mais fina.
- T2 – Outros mais finas, então tem uma preocupação de quem é seu público, pra quem você vai vendê. Então como fazê a farinha? Tem uma preocupação na limpeza ou normalmente o lugar que tá fazendo farinha tem cachorro, tem gato... é gente sem camisa, é gente suando em cima, então tem que tê uma preocupação.

- JQ – É falta de agiene...
- T2 – E o que acontece? O que é que acontece? Se você tá vendendo o produto, você tem que preservá esse produto, tê uma qualidade do produto, a cada dia você vai buscano, não precisa você tê qualidade de higiene com a... uma casa de farinha é... é familiá, não tem nada a vê, agora, chega lá todo mundo sem camisa, chega lá não tem uma preocupação, gato, cachorro sobe na farinha, desce, daqui a pouco quando você compra ali, pega um bolo de pêlo, é ou não, tem essa preocupação ou tô falano alguma...
((falas variadas))
- DJ – É verdade, tá falano a verdade.
- T2 – É ou não é?
- Doc – É, é verdade.
- T2 – Então são coisas muito simples, às vezes você tá vendo teia de aranha e tá ali com um ramo de farinha, qué dizê, é muito simples pegá uma vassôra e limpá ali, tá entendeno, quando sai limpa ali, quando entrá pra fazê a farinha, dá uma limpada, tá entendeno, porque você só vai alcançá um preço melhó, também do seu produto, se você tivé um produto de melhó qualidade no... no mercado.
- JQ – Veja se tivesse essa fiscalização pela roça hein? Já pensô? ((risos)) É... se tivesse uma fiscalização...
- T1 – Haja caneta.
((falas))
- T1 – Agora veja bem, veja bem, agora tem, cada caso é um caso, cada caso é um caso...
- JQ – Antigamente ninguém tinha esses cuidado, hoje, por causa da civilização...
- T2 – Olhe só, hoje você tá lutano, o produtô familiá tem um grande problema, porque existe hoje casas de farinha industrializada e mecanizada, que é uma grande concorrente sua, mas as pessoas, o consumidô, ainda gosta daquela fa/ é a farinha que é feita pelo produtô que tem aquela preocupação, não aquela de quantidade, que você não tem o sabô, é tudo padronizado, ninguém gosta, tanto é, que normalmente pessoas que mora, que tem família no interiô, pega farinha não é em supermercado não, vem po interiô pa comprá sua farinha, porque ela é... é específica de sê feita, então o produtô familiá pa agregá valô, dinhêro na sua farinha, tem que tê uma preocupação em fazê uma farinha também boa, tá entendeno? Fazê... tem um rapaz em Panelas, que se eu não me engano, é uma das melhores farinhas que temos aqui, ele vende já, espe/ comprada, fechada dele porque ele tem uma preocupação com a qualidade da farinha... Vende tudo pa Alagoinhas... ele não vai nem pa fêra.
- T1 – Agora... a gente sabe que cada caso é um caso, tem pessoas que não tem... a gente sabe que cada caso é um caso, tem pessoas que não tem certos recursos, né, mas que, que a pessoa cuida da higiene direitinho, sabe né, cada caso é um caso, né, o colega tá colocando, como, chamano assim a atenção do produtô pra questões que pode acontecê. Mas a gente sabe que tem pessoas que... que né, mesmo pobre, mas cê vê ali, a pessoa tá ali todo direitinho, faz a higiene direitinho, cuida direitinho né? Cada caso é um caso, a gente só coloca isso pra que tenha essa preocupação, porque a gente tem que tá de olho no mercado, né, a gente, eu costume dizê assim, o... o consumidô tem sempre razão, não é. Então cê vai numa fêra, o produtô tá quereno o inhame, cê tá vendeno aimpim, ou tá quereno batata, cê tá vendeno inhame. Então cê tem que vendê o que o produtô qué, ou, o que o consumidô qué, não é que você não pode tê aquele orgulho e dizê, ‘não, ele qué isso, mas eu vou produzi o que eu quero’ e vai vendê pra

quem? Né? Então a gente costuma dizê que o consumidô tem sempre razão, se a gente precisa do consumidô, né, por exemplo, o inhame, se o produtô qué um inhame médio, ‘não, eu quero produzi o grande’ e depois que eu produzi, quem é que vai comprá? Né? Então a gente tem que tá de olho no mercado e o consumidô tê sempre razão. Cadê C.? C. foi meu aluno na... de administração rural né, tá no curso da EBDA de mandioca e vai até continuá, viu C., talvez você participe junto com a turma de Pannels, viu, depois a gente vai conversá. Então o consumidô tem sempre razão, porque a gente que tá produzino, depende do consumidô, né? Então, como ele colocô, se o produtô, o consumidô tá quereno uma farinha chamada, mais redondinha, né, né, tem que sai... se não a gente num vende né, se a finalidade é vendê. Quando é pra nossa casa, aí não, se eu gosto de farinha mais grossa ou mais fina, aí é problema da gente, mas quando vai pro mercado, não, tem que tá de olho. Ele falô aqui, tem um produtô em Pannels, que ele... ele... ele vende pa Lagoinhas, ele só faz entregá, isso é de pai pa filho, pra neto, parece que é os tacho de... de... não sei se é de ferro fundido, e... é uma farinha torrada, mas é uma beleza, ele me deu um pôco, ele me deu um pôco, eu levei pa Salvador, tá fazeno o maió sucesso, eu dô aos parente né, minha mãe, irmão...

- JQ – ...atravessadô do lugá...
((risos))
- T1 – Não, porque a produção, não, a produção dele também não é... é uma coisa mais artesanal, mais familiá mesmo, entendeu, e é uma farinha boa danada, torrada o tempo todo.
- JQ – Ela não é coritizada não né? É branca mesmo né? Que tem aquela né, vermelhinha...
- T2 – Não, ela é muito boa e o que eu digo, a preocupação nossa, num... independente de recursos que você tenha, porque pra você tê uma casa limpa em um local, não precisa sê rico, pobre, não tem nada a vê isso, recursos financeiros, não tem nada a vê, mas um lugá, por exemplo, cê sabe que você tá trabalhano com alimento, você tem que tê uma preocupação, primêro com animais, tá entendeno, é uma preocupação simples, simplesmente é que os animais pode vim pra cá, pra dentro num passá, são coisas simples que não é fatô financêro, é o fatô simplesmente de higiene, você tê uma preocupação, tá entendeno e jogá sua mer/seu produto. Por exemplo, se vocês conseguirem fazê farinha semelhante de... da mesma qualidade, cês pode vendê junto pa Salvador, abri o mercado que é maió pra vocês, em vez de você fazê farinha pra Catu, vai fazê farinha pra Catu, pra Salvador, porque você tem a demanda pra isso, então vocês teem que pensá muito nessa área de realmente funcioná a associação. A associação é isso, vocês se juntarem pra que vocês tenham compra de produtos mais barato, pela quantidade e vendê o seu produto também mais caro, com um preço melhó e em locais que normalmente você sozinho não chegaria, porque você não tem uma quantidade, você não tem condições de talvez mandá em Salvador, mas um grupo tem condições de fazê isso, então, além de você plantá com qualidade, tem que tê uma preocupação de você vendê bem, porque o que influencia todo o produto que você tá fazeno é o dinhêro que você vai recebê, isso que é que é o chamado lucro, né... que aí você pode aumentá sua produção e a cada dia você vai aumentano e melhorano sua... a... a... a sua qualidade de vida também, que todo mundo busca isso, melhó educação pro seu filho e toda melhó qualidade pra vocês.

- T1 – É, essa questão de produzi, é... produzi bem e vendê melho ainda, né, então veja bem, hoje vocês deve tá... pega o jornal ou liga uma televisão ou um rádio, vê muito falá em globalização, né, num sei o quê, num sei o quê, a globalização, a globalização tá influenciando os pequenos produtores, a globalização tá fazendo a produção do produtô não sai, não vendê, né, emperrá, ficá sem vendê, globalização não é nada mais, nada menos do que a queda da fronteira para o comércio, então o que é que tá acontecendo, o camarada sai do Paraná, traz a farinha e vende na Bahia, o leite sai da Argentina e vem pa Bahia, né, pode sai algum produto daqui, o coco i pro Rio de Janeiro e São Paulo né, ou até pro exterior, pra Argentina, Uruguai, então a globalização é isso, aí diz assim, não é coisa fácil. Não, não é fácil, agora o que o produtô fizé, tivé ao alcance dele, faça, pra você sê competitivo. O que é sê competitivo? É você também chegá no mercado e vendê o seu produto tanto quanto aquele que veio de fora né, ou mais, que você não tá pagano transporte, não tá pagano nada... Como é que justifica uma farinha vim do Paraná, chegá aqui mais barato do que a da Bahia, não justifica, né? Isso é o efeito da globalização, qué dizê, não tem mais fronteira né, antigamente se trocava um produto até por outro produto, ou seja, você tem um... banana troca por sabão, né, camarada tinha farinha troca por óleo, isso há muitos anos atrás né, é o que diz produzi pra dentro da portêra, hoje é fora da portêra, né, a coisa mudô muito, evoluiu de tal ponto que vem de outro país, pra que aqui, né, e as veze chega com um preço melho, mas o que é isso? Produção, escala né, produzino bem, com produtividade em alta e custo baxo, então, se eu produzo o dobro que você tá produzino com o mesmo tamanho de área e gastei menos, mesmo que eu traga de fora, com transporte, com tudo, talvez ainda venda mais barato. Então o importante é isso, é você tê produtividade, produzi com custo baixo né, e tê qualidade, né?
- JQ – Com certeza.
- T1 – Então eu coloquei aqui, tinha colocado aqui, o quê... já se colocou, fala, né?
- Doc – É aonde?
- T1 – ...Se colocô, tá colocado... Composição da planta né, então cê tira uma planta dessa aqui, cê vai vê que quarenta e cinco por cento é de raiz, a parte aérea é trinta e seis por cento e cepa é dezenove por cento, eu quero dizê o quê, se uma... uma planta dessa, um exemplo né, tem dez quilos, não é, quatro quilo e meio é raiz, três quilo e seiscentas é a parte aérea, é isso aqui tudo, com folha, com tudo né, com caule, com folha, com tudo e a cepa que é essa parte de baixo, é dezenove por cento, é um quilo e novecentas né, no caso, dano um exemplo de dez quilos, então a planta mais ou menos, o... já foi pesado e deu mais ou menos isso aqui, a parte aérea é importante pra quem cria, né, não dá ele fresca, deixá pelo menos vinte e quatro horas exposta ao sol, depois que... por causa do ácido cianídrico, depois que muchá, então pode triturá, que dá pro gado, né, principalmente nesses locais que tem problema de estiagem, o pessoal utiliza muito como um reforço pra alimentação animal, bom...
- Doc – É... qualé a diferença da... da... da cepa que você tá falano e a raiz?
- T1 – A cepa é essa parte grossa aqui né...
- Doc – Ah!
- T1 – Olhe, eu quero dizê a vocês aqui, eu quero dizê a vocês o seguinte, esse bate papo hoje...
- Film – ((tosse)). Desculpe... (incomprensível)
- Doc – Dona J. também tem uma pergunta pra fazê, que não é sobre a cultura da mandioca, enquanto ele arruma, ela pergunta, tá?

- T1 – Certo.
- JS – É sobre horta, porque eu trabalho de horta e me nasceu um mato que chama dandá, a gente ranca hoje, amanhã ele já tá nascido novamente e ele fica assim embutido que a gente bota as pranta e não sai, eu tenho uma área lá que eu isolei, queria sabê se tem algum... algum remédio que eu possa eliminá ele?
- T1 – Olhe, tem alguns herbicidas né, tem alguns herbicidas que, que, que pode servi pra o que a senhora tá quereno. ((falas diversas)) Aí, o... o... o certo seria é o técnico marcá uma visita com a senhora, certo, vê realmente o que é que tá aconteceno, que tipo de mato é... que cada herbicida tem um... né, o princípio ativo atua, se fô folha larga, se fô folha estreita né, e a gente tem que vê...
- VNF – Tipo do capim...
- T1 – Vê se compensa, vê se a gente tem uma outra, uma outra alternativa, mas isso é preciso que o técnico vá vê, certo? Ele vai *in loco* lá, que ele vai no local, observe, né, pra não tá dano informação sem vê a coisa, certo?
- Doc – A casa dela é logo depois da linha, o... a... o terreno que ela tá falano, onde tá...
- VNF – Quando nós passa, passa na frente da casa dela...
- Doc – É, passa bem na frente... aí pode pará e você mostra a ele...
- T1 – Mas isso só é bom com... com calma ...
- Doc – Então depois cê marca uma visita pra vê isso.
- T1 – O impor/ é bom mesmo vê isso, entendeu, pode fazê as considerações finais?
- JQ – Viu B., é... é... é... esse é, essa, esse matozinho, ele, ele não tem o conteúdozinho de uma batata embaixo, ele é todo conteúdo de batata, as batatinhas, aí ele sai assim oh...
- T1 – E a senhora arranca com tudo e volta?
- JS – Volta.
- JQ – Lá, lá tem umas lêra que já oh...
- T2 – Porque olhe só, se colocá, um de... de determinado herbicida tem que vê se ele é pró-emergencial, é pré-emergencial, então, tem que tê uma preocupação com isso, que daqui a pouco, pode tá botano, pode ficá o solo, durante um período até muito grande, sem podê utilizá o solo. Tá entendeno?
- T1 – Isso é bom ir lá no local pra observá.
- T2 – Vê se tem que tê alguma forma biológica, forma orgânica de combatê isso também. Tá bom?
- T1 – Pode fazê? ((falas)) Bom, eu queria agradecê a presença de vocês, né, por esse bate papo hoje, a gente chama de treinamento de mão de obra, TMO, né, como tá aqui né, treinamento de mão de obra, certo, sobre a cultura da mandioca, que foi um treinamento, foi um bate papo né, com os produtores, como eu coloquei no início, uma troca de experiência, o técnico coloca algumas coisas, os produtores colocam outras, no... num clima bem descontraído, é... com harmonia, né, e que a gente passa é... geralmente um dia conversando sobre determinado assunto, hoje foi sobre mandioca, mais uma vez agradecê a maneira como a gente sempre foi bem recebido aqui em Riachão de Perêra né, isso aqui eu não tô falano pra agradá, mas é porque todos eventos que a gente combina com vocês, vocês comparece, né, participam, é uma comunidade que eu costume dizê, boa de se trabalhá, as pessoas podem achá que é distante, o acesso não é dos melhores né, é bom até a gente tá falano isso, porque tá sendo gravado, pra quem, quem de direito pudé consertá as estradas, seria até uma boa, né, então eu queria agradecê a vocês e... é, dizê a vocês que vocês tão de parabéns, certo, a professora S. entrô em contato com nós da EBDA e solicitô, é, que, é, a presença dela num dos eventos feito pela EBDA, né, nós que já fizemos outros eventos

aqui, como eu falei, discussão, unidade de demonstração, reuniões né, cursos, né, como C. que tá no curso mandioca da EBDA, então já fizemos diversas, diversos eventos, todos eles, graças a Deus, com êxito, né, com participação né, então vocês estão de parabéns né, queria agradecê mais uma vez e espero tê contribuído né, com a professora né, e, e espero também que tê contribuído com vocês no que foi passado para vocês sobre a cultura da mandioca. No mais, muito obrigado e até o próximo evento, com a mesma garra, o mesmo comparecimento e a mesma participação.

DJ – Estamos aqui. ((palmas))

JQ – Te esperamos outra vez com outros curso, né?

T2 – Realmente, é, é satisfatório trabalhá com a comunidade de Panelas, é... já disse isso, uma outra vez, ou de Riachão, no caso, de Riachão, nós conversamos da outra vez que nós tivemos aqui, queríamos fazê um trabalho específico com três comunidades de Catu, ou é, de Catu, que seria, Panelas, Riachão, Arauaris, é... nós, nós tamos tentando fazê aos poucos, porque existe falta de recurso, e, essa, esse TMO da mandioca, tem o apoio expressivo da professora S., da escola técnica e nós acreditamos cada vez mais no pequeno produtô, né, chamado familiá, agricultura familiá, quando nós chegamo em determinada área e, temos exatamente a presença, o apoio, a participação maciça da comunidade e eu espero sinceramente, que tudo que vocês aprenderam um pouco hoje, é, vocês usem, pratiquem isso e que a EBDA, o escritório de Catu, é, está de portas abertas pra vocês, pra qualqué necessidade que vocês venham a tê, precisá, procure que nós vamos vim com o maió prazê, porque eu sei que realmente, tudo que, que... tenta nós passarmos aqui pra vocês, realmente é colocado em prática, como foi feito no curso de banana, no das excursões que foram feita com a comunidade de Riachão. Então vocês tão de parabéns, participem cada vez mais, que a única coisa que nós levamos realmente é o conhecimento, é a... a... a satisfação de vê cada dia mais que o produtô tá aprendeno e tá usano isso em prática e o melhó, tá melhorano a qualidade de vida dele. Tá podeno colocá o filho dele no colégio, tá teno uma melhó alimentação e que cada dia mais o produtô esteja feliz, satisfeito com o trabalho de vocês e principalmente com o trabalho nosso, que às vezes o pôquinho que nós fazemos aqui, tem um resultado muito maió, mais expressivo do que às vezes a gente imagina. Então, o sucesso de vocês, também é o nosso sucesso, é o sucesso da empresa, é o sucesso do Estado, das pessoas que pelo menos a gente tá lutano pela qualidade de vida, que a gente tente levá isso, é a felicidade, a harmonia de vocês, da comunidade daqui de Riachão, então cês tão de parabéns e espero que a gente venha trazê outros cursos e vocês que participem cada vez mais, tá bom, cês tão de parabéns...

DJ – Eu também, eu também vô dá uma palavrinha a respeito desse falá, a respeito do estudo sobre aí de Catu que todos pai tombém pode falá a mesma coisa qu'eu vô falá, a respeito da dificuldade dos nosso filho estudá lá, porque uma parte, eu... eu não, a... como é, como é a minha morada não é mermo de Catu, eu sou de Araçás, mas participo tombém de Catu e aí os estudo dos filho tem um estudano em Araçás e o outro em Catu, mas o estudo pa Catu tá muito dificutoso... Não é distante...

Doc – É difícil...

DJ – É a dificuldade do transporte, viu? Porque esse ano mermo, esse ano que entra vai ficá dificutoso pos aluno estudá, porque se fô pra estudarem no Catu, tem que botá tudo pa Araças, porque no fim do ano os alunos perde o ano... Perderam o ano por causa disso ou é falta de vontade do prefeito ou é tombém

- da maioria da parte que pertence a prefeitura tudo, porque por sinal tem professora que é a filha dele aqui, viu, faz parte de minha família que é casada com um sobrinho meu, é a professora daqui de Catu e aí fica difícil pra tudo aí né, e aí tem que dá um jeito aí, como é que vai ficá pros alunos aí?
- Doc – Vocês têm associação, né?
- T2 – Vocês pertencem a uma associação que pertence a uma zona de trabalho que vocês sabem, tem outras associação circuvizinhas, a melhó forma de você atuá... que muitas vezes a gente chega e fala e não sabe o que tá aconteceno lá em cima, então em vez da gente falá, a gente pode fazê... como é que nós vamo podê agi, o tempo das associações se reunirem, faz um baixo assinado e leva até o prefeito, pra vê se em vez de botá um colégio lá, bota um colégio aqui na área...
- DJ – Mas é isso.
- T2 – Porque tudo trabalho, às vezes não tá nem sabeno disso.
- DJ – É, exatamente.
- T2 – Tá entendeno, às vezes, às vezes... faz um abaixo assinado, leva po prefeito, pra câmara dos vereadores, porque vocês trabalham em associação, individualmente, vocês não vão tê realmente, força pa chegá até lá, mas em associação, com outras associações, é... com certeza, vocês vão chegá, o prefeito vai ouvi, com certeza, tá entendeno e melhora a qualidade de ensino, talvez... eu não vejo que seja a qualidade, mas sim a distância, o processo de... dos alunos chegá até a escola, então, é... com certeza vocês fazeno um abaixo assinado, fazê uma coisa, levando diretamente a ele, nada de agressão, agressividade verbal, faz um abaixo assinado pra vê que tem um número de alunos, realmente que aqui teria uma necessidade de botá uma escola, então façam isso, levem até ele, conversem com o prefeito, que é uma pessoa que no meu ponto de vista, é uma pessoa, que o pouco contato que eu tive com ele, me mostrou uma pessoa preocupada com o município, então...
- AM – Não, com o colégio não... O colégio aqui é bem servido...
- T2 – Então, a distância.
- DJ – Nós estamos falano sobre os aluno que estuda em Sítio Novo...
- AM – É.
- T2 – Sítio Novo.
- Doc – É a dificuldade de transporte...
- T2 – Então vocês entra em contato com o prefeito, tentá conversá com ele, senta com o prefeito...
- DJ – Esse fim de ano mesmo, os meninos tão acabano de estudá de animal, já pensô sai pra ir três, quatro jovens aqui montado de cavalo ou de pé, pra voltá doze horas da meia noite ou uma hora da madrugada, nesses mato aí...
- T2 – Isso aí a senhora tem que conversá com o prefeito...
- DJ – Isso aí é uma coisa que num pode acontecê.
- T2 – A senhora tem que conversá com o prefeito.
- NIM – ...as próximas eleição tão aí, quase todos vão votá, será que ele acha bonito, esse jove i pra Ala/ tranferi pa Araçás.
- T2 – Eu acho que...
- DJ – Também tem que sabê do prefeito de Araçás, se ele vai combiná, esses aluno daqui, né?
- T1 – Eu queria dá uma palavrinha aqui, é... é... eu queria falá antes né, fazê uma... uma... uma... uma correção, não sei se seria bem uma correção, é que a gente falô muito do pessoal de Riachão do Perêra, mas aqui também tem pessoas veio de Sítio Novo, a gente também qué agradecê a presença né, por tê vindo né,

- apesá da gente não tê ainda feito tantos trabalhos em Sítio Novo, como fizemos em Riachão do Perêra...
- VNF – S. sabe, lá não tem associação, lá não tem... nunca foi assim um arado pa ará a terra, lá a gente faz manual, entendeu?
- T1 – ...eu queria dizê o seguinte...
- DJ – Problema aí é dos alunos que estuda lá, os daqui não, os daqui não, os daqui, que estuda no prédio daqui, no colégio daqui, tá na paz de Deus, né?
- T1 – Olhe, vocês têm...
- DJ – Que a professora daqui não é a de lá...
- T1 – Vocês tem uma associação aqui...

Fita 4 - Lado A

- T1 – É seu José quem é seu João, dona Maria? Vai... mas se vai uma comissão, não digo nós que seja só a diretoria, que a associação num é só a diretoria, mas se sai uma comissão... com gente da diretoria, com associado, aqui tá sendo representado a associação dos moradores, dizê assim né? De Riachão do Perêra. E nós estamos com esse problema lá, estamos reivindicando, são alu/ são, são pessoas jovens né... que já tão ficano de maior idade né? Já pode até citá o danado do título que já tá pa tirá ou que já tirô né? A coisa muda de figura... Ali você é o, os... representantes de associação, tá representano vinte, trinta, quarenta, cinqüenta e até cem pessoas ou mais, aí as autoridades vê com outro olho, com outros olhos, do que se fô individualmente. Então eu acho que a associação, que é uma instituição justamente pra isso né? Pra que vocês busque... é... resolvê as dificuldades, os problemas de vocês, que vá através da associação, procure através da associação... que eu acredito que... que poderá surti algum efeito.
- JQ – Seu B., mas aqui em... é nesse sofrimento que nós tamos em alguns pobrema, eu já ouvi, é... as vez, pessoas aqui querê entrá em acordo pra sai daqui, não só... realmente a... a diretoria mas tombém os membro, né o que eu chamo, eu num sei bem se eu tô certo no que eu tô dizeno é... uma comitiva vamo dizê assim, qué dizê o número de pessoas é com a direção e pessoas que né... são associados sai... até é pegá assim... o esposo dela que tem um caminhão aí... um mercedizinho, meio que dá pra todo mundo e... mas quando se fala isso, às vezes eu vejo pessoas que teme e diz assim, como é que vai tanta gente em cima do caminhão, chegá lá... bem vão acionar até a polícia, pensando que é bem... é bagunça que vai se querê, vai se querê se atacá... é o órgão é que vai se procurá é o resultado de alguma coisa e por isso a gente fica acomodado com medo e não procura e a gente continua sofreno.
- T1 – Foi bom o senhô colocá isso... pelo seguinte, porque qualqué reivindicação, qualqué coisa que... que a associação ou uma pessoa, de preferência os associado da associação tem que fazê é marcá uma audiência, é tudo organizado... ninguém vai sai daqui em cima de um caminhão, chegá lá... ‘Eu quero falá com o prefeito... Eu quero falar...’ num é isso, vai uma comissão ou até o próprio presidente da associação ou o membro... chega lá com a menina, qual é o dia que a autoridade pode recebê um... uma comissão da associação de Riachão do Perêra. Tudo agendado direitinho, já vai se sabeno quem é que vai falá, quem não vai falá, o qu’ é que vai falá e como vai se falá... entendeu, então as coisas tem que sê planejada, porque se não fô planejada... pode as pessoas pode achá que é bagunça e aí né... os nossos filhos tão até sujeitos... tão sendo prejudicado.

- Tá sujeito até... a mudá de município... aí já, já é... já tira eleitores do seu município, coisas desse tipo. Sabê fazê o negócio... eu acredito que deve tê alguma resposta...
- DJ – É, não vai abusá ninguém...
- T1 – Viu, organizado.
- AM – Vamos almoçá... Mas eu quero agradecê antes de i almoçá...
- T1 – Peraí... as considerações finais de...
- Doc – É... olhe nós gostaríamos de agradecê porque...
- Film – Peraí S... peraí S.
- T1 – Depois que você mandô Fátima Bernardes se cuidá ela aí... agora.
- Doc – É... deu corda! É... primeiro a gente... nós gostaríamos de agradecê, inicialmente a gente que fez esse trabalho lá com o pessoal de Sítio Novo né... e... foi a primêra fase do meu trabalho no mestrado e a gente já teve alguns resultados. O trabalho é... repetino ele é... tenta analisá, observá o qu'ê que ocorre é... na, na verdade na hora que é o produtô rural conversa com o técnico né? Inclusive porque nós somos é... é professora da escola agrotécnica e em função disso né... a gente forma lá... há muito tempo é... vários técnicos, então em função disso e por já tê trabalhado anteriormente nos Varões em hortas comunitárias, então a gente observô que existe um pouco de dificuldade na hora que... é... o técnico vai conversá com o homem do campo, então em função disso a gente começô a fazê esse estudo.e agora é uma segunda etapa, esse dia de campo, é esse treinamento de mão de obra que a gente tá promovendo aqui, né... e tentano justamente verificá é, como é que vocês conseguem, é como é que vocês se comunicam tá, inicialmente, e é... primeiro a gente agradece a escola né, as pessoas da escola não tão aqui, mas eles colaboraram demais, pra gente podê é... está estudando né, estudano e trabalhano e... e a gente agradece também a... a empresa EBDA né, nas pessoas do gerente A. e do seu B. que é... organizô com toda a disponibilidade de tempo, boa vontade pra que a gente pudesse é... estar realizando isso aqui né, e por último e não, é... não menos valorativo né, a gente agradece a todos vocês que vieram aqui, porque é... tirando assim um dia né, do trabalho de vocês, da atividade que vocês fazem pra é... porque é claro né, é como na sala de aula, sem aluno a gente não faz, então sem o homem de campo, a extensão rural não vai, então a gente tá tentando fazê esse trabalho, porque a gente numa pesquisa vai vê se consegue ajudá é na... na comunicação, na interação entre as pessoas que trabalham na... na zona rural, nesse tipo de... cultura e outras culturas também tá... nós estamos muito agradecidos.
- T1 – Fazê as considerações deles né... o qu'ê que acharam e comé que eles viram o trabalho né? M.
- AM – É... eu M. né em nome da associação Riachão do Perêra é... eu quero agradecê a pró S. né, que tá aqui é... junto com B. que sempre tá junto com a gente né, ali o outro companhêro, viu, como é...?
- Doc – A.
- AM – ...A. e tombém o companhêro que tá filmano
- Doc – Isso.
- AM – E o pessoal que veio de lá de Sítio Novo, que tá aqui junto com a gente.Gostaria de dizê a vocês que quando precisá da gente, a gente tamos as ordem de vocês e hoje é... o presidente não pôde está aqui conosco, porque ele tá resolvendo pobrema da... da nossa associação então, em nome dele a gente pede as desculpa né, porque ele num pôde está aqui presente, também é... o C., que também já foi o presidente e que também representa essa associação, que foi através dele que

- essa associação chegô aqui. Ele não pôde está aqui, mas deixô seu filho aqui representando, aqui no lugá dele... então em nome da associação a gente qué agradecê a vocês e nós gostaríamos de dizê que com toda certeza o que vocês apicaro pra gente, a gente vamos apicá. E algum dia que vocês voltá, vocês pode vê até o nosso trabalho né... como os rapazes da bananêra que ensinô o prantio da bananêra, quando eles chegaro aqui com B.
- T1 – Foi...
- AM – Ele viu, né o nosso trabalho, pôquinho ou não, ele viu que sempre a gente apicou, e... quero dizê a vocês que o trabalho de vocês não foi em vão e tombém, a nossa manhã, a nossa tarde que a gente perdeu, isso vai valê pro resto do ano e o ano que vem, porque isso nós vamos apicá, viu... gostaria de agradecê a vocês...
- Doc – Muito bem... ((palmas))
- T1 – E essa daí aplica mermo, viu. O trabalho da banana, pegô e o pessoal viu e confirmou mermo, ela aplicô mermo.
- T2 – Eu quero vê um home desse falano.
- T1 – Vai dizê umas duas palavra... né seu... diga umas duas palavrinha pra gente aí...
- T2 – Rapaz, a mulher já falou, (incompreensível) ia falá.
- JQ – Eu tombém, eu tombém da mesma forma agradeço em nome da associação né, daqui do Riachão do Perêra, em nome tombém dos companheiros né, de Sítio Novo né, que viero até aqui tombém né, junto pra nós né todos aprendermos né, aprendermos mais como é lutá né, é com a agricultura né, é... eu quero dizê a vocês que é... não só nós tamo de parabéns, como vocês tombém né... que se dedicam a vim nos ensiná né, que nós precisamos aprendê para melhorá a nossa qualidade de... de agricultura né, então eu quero dizê que é, é... que esperamos que de outra vez vocês, né venha porque nós precisamos de curso de mais alguma coisa... como o próprio iame e outras coisas mais né, que são culturas que podemos apicá, que podemos tê a prática né, pra produzi né... melho. Eu agradeço né... em nome daqui da Associação é... e dos cumpanhêros que viero de Sítio Novo, né... É... como aqui a M. falô, né que se encronta aqui o presidente, nem o ex-presidente, mas tá aqui outras pessoa, como o filho dele, tá aqui né, esposa, neto...
- T1 – Eu quero agradecê... Como é o nome da senhora?
- AC – Dona A.
- T1 – Dona A., né agradecê que nós tivemos aqui na semana passada e... seu C. C. não se encontrava né, que é o ex-presidente da Associação, é o que a gente faz o contato com ele ou com o atual que é o E. né, então nós conversamos com ela e combinamos...
- Doc – Ela se comprometeu.
- T1 – Pra que ela passasse pra vocês que a gente viria aqui hoje e muito obrigado viu, deu tudo certo graças a Deus viu...
- JQ – Aí... Eu queria dizê que a presença de todos vocês, da professora S., a do B., a de A... a de né...
- Film – Desculpa aí, desculpa aí viu, repita aí a parte de S. vá...
- JQ – A professora né, a professora S., a professora S. né, o B. né e o... A. né, e aqui o cinegrafista... que tá nos filmano né... Boa sorte pra todos vocês, viu...
- Doc – Brigado...Tá gravando agora...
- T1 – Segura a emoção agora...
- VNF – Eu tô contente em tá aqui reunido com todos, aqui do Riachão, porque eu já participei uma certa vez... há anos atrás... não foi um ano, nem dois, teve uma

reunião do... da Associação lá no Mel... mas isso tem muitos anos, tem uns quinze anos a mais. Aí disso pra cá aí, eu... teve uns pobrema, mas eu num... mas agora eu me encontro mais assim livre de participá dessas reuniões, desses evento. E eu fico contente que eu fico conheceno mais as pessoas, é bom a pessoa tê amizade... é eu conheço através dela aqui, que eu tô passando a conhecê o pessoal daqui do Riachão, Pêga, tá entendeno e é bom a gente i pa participá das reuniões, pra aprendê... Eu sempre plantei mandioca, plantei mandioca, é... bananêra essas coisa assim, sempre gostei de plantá, trabalhá na roça e... então eu agradeço a Deus por está aqui e a todos que aqui estão, tá entendeno, a vocês que aqui estão... a S. que me deu essa portunidade, que ela foi nos procurá, porque eu tenho dois filhos que tão no agrícola e através deles, aí ela foi me procurá lá nas taboca pra... como é era aí, fez pergunta lá nas tabocas, fez a mim, fez a C., hoje tornô a me procurá pra eu vim para aqui, então eu agradeço a todos e tô contente e qualqué reunião ou evento que tenha eu... eu tô, a não sê que Deus me tire o melhó... ((sorri)) Então eu continuo aqui, firme e forte com... agradeceno a todos por está aqui e aprendeno mais... junto a vocês, pra aprendê como a gente deve cutivá mais um pôco a mandioca.

- Doc – Isso.
- VNF – E bananêra, que lá a gente planta mandioca, bananêra, então um pôquinho de... como você sabe a distância daqui pa lá pas taboca né... que eu num moro mermo aqui... na comunidade daqui de riachão do Pega, moro um pôco mais afastado, mas estou contente de tá aqui com todos.
- Doc – Ok... ((palmas))